

JONAS E BALAÃO

**Jonas, o pregador,
e
Balaão, o falso profeta**

W. W. Feredey

Edições Cristãs

Prefácio à edição inglesa

W. W. Ferezey nasceu na Inglaterra em 1863, foi salvo aos 16 anos e começou a pregar quase que imediatamente. Ele passou a maior parte de sua vida no estudo e na exposição da Escritura da Verdade e era muito respeitado e amado pelos irmãos de seu tempo. Viajou muito e passou um tempo considerável na Escócia e na parte continental da Europa. Era um fiel pregador da Palavra de Deus. Era muito corajoso. Nunca fazia concessões, mas todos o amavam.

Viveu por muitos anos em Rothsay, na Escócia, e nos últimos cinco anos de sua vida em Machemore Eventide Hoome, na Escócia, de onde foi para a presença do Senhor com 96 anos.

Foi o último de uma geração de ótimos ensinadores como John Nelson Darby e William Kelly. Ferezey possuía dois retratos de tamanho praticamente real desses dois homens de Deus no seu escritório. Ele conhecia os dois pessoalmente e eles foram dois dos seus guias nos seus anos de formação cristã.

Muitos amantes das Escrituras passam longas horas debruçados sobre os escritos de John Nelson Darby e, num primeiro momento, acham quase impossível entender as palavras do escritor e então verifica que elas são indubitavelmente corretas. Por outro lado, William Kelly escrevia de maneira longa e laboriosa; ele tinha o costume de usar muitas palavras, desnecessariamente. Várias páginas tinham que ser lidas para obter uma pequena porção de verdade, apesar de ser uma doce porção.

William Wordridge Ferezey, ao contrário, era preciso, exato, lúcido, breve; uma das suas expressões favoritas era “eu não dou conferências, eu declaro fatos”. Ele nunca desperdiçava palavras, escrevia de maneira concisa, ensinava as mesmas verdades que John Nelson Darby, mas numa linguagem que era simples, interessante e, não raro, emocionante. Na verdade da maneira que jovens cristãos irão apreciar nos dias atuais.

oOo

Introdução

Dois notáveis personagens são analisados neste livro: Balaão, filho de Beor, e Jonas, filho de Amitai. Eles estavam numa situação praticamente similar: os dois estavam dispostos a ver um vasto número de vidas serem sacrificadas para ganharem vantagens para si mesmos.

O que os levava a isto? Para Balaão era o dinheiro; para Jonas era a sua reputação. Balaão é um perfeito emissário de Satã, mascarado como um profeta de Jeová, buscando o lucro. Jonas, ao contrário, era um sincero servo de Deus, mas, como um potro não adestrado, ainda precisava de algumas lições na escola de Deus.

Tanto de Balaão quanto de Jonas nós podemos aprender bastante; Do primeiro, sobre o perigo de pregar sem sentir a realidade do que pregamos; do segundo, a importância de ter os mesmos sentimentos de Deus ao nos engajarmos no Seu serviço. Se nós não sentimos pelos homens aquilo que Deus sente, como poderemos ser testemunhas eficientes Suas?

Queira Deus que as palavras que nossos lábios proferirem possam sempre vir diretamente de nossos corações.

.oOo.

PRIMEIRA PARTE:

Jonas, o pregador

Jonas e seu livro

É fácil de notar que o livro de Jonas é diferente da maioria dos livros do Antigo Testamento, assim como a epístola de Tiago o é em relação aos escritos do Novo Testamento.

O Antigo Testamento se preocupa quase que exclusivamente com os propósitos de Deus para com Israel. Apesar disso, nele encontramos a história de uma missão especial de misericórdia para com os gentios. O Novo Testamento trata dos propósitos de Deus com relação a Cristo e à Igreja; no entanto, entre as epístolas podemos encontrar uma dirigida às doze tribos!

Do livro de Jonas podemos aprender que, na dispensação em que Israel ocupava o centro da atenção de Deus, Ele não deixou de ter compaixão por aqueles que eram estranhos àquela nação escolhida. Da epístola de Tiago podemos aprender que, apesar de estarmos numa nova dispensação, na qual Deus Se preocupa em levar pecadores de todas as nações ao céu pelo Cristo que ressurgiu, Ele não Se esqueceu do Seu antigo povo.

Se não fosse pela inspiração do Espírito Santo, a própria existência do livro de Jonas seria difícil de entender. O fato de pessoas altamente conservadoras, acostumadas a olhar os incircuncisos com desprezo e tratá-los com descaso, admitirem um livro como o de Jonas no Cânon Sagrado é prova que, de fato, foi dado por Deus. Não obstante a

divergência entre suas mentes e o conteúdo deste livro, Israel guardou-o como um livro com autoridade divina.

Ninguém mais poderia ter escrito o livro de Jonas a não ser o profeta que lhe deu o nome. Alguém até poderia ter escrito sobre a missão em Nínive e seus resultados incríveis, mas quem, além do próprio Jonas, poderia ter escrito sobre sua conversa no navio, ou sobre as palavras de sua oração a Jeová na barriga do grande peixe, ou sobre suas queixas egoístas e as pacientes lições que Deus lhe deu?

Em algum período posterior de sua vida, depois de haver aprendido a lição, Jonas foi guiado pelo Espírito Santo a escrever a sua história, que contém tanto aquilo que o profeta mais se envergonhava sobre o seu caráter, como também a mais sábia instrução para todos aqueles que desejam ser testemunhas de Deus, em qualquer época. Provavelmente, nenhuma confissão foi tão franca como a escrita por Jonas!

No livro de Jonas, todos os personagens, exceto o próprio Jonas, têm suas qualidades ressaltadas! Os marinheiros pagãos que estavam relutantes em deixar Jonas morrer à deriva no mar (os líderes israelitas não tiveram tais escrúpulos com o Senhor Jesus); e eles se converteram ao único e verdadeiro Deus quando a tempestade cessou tão abruptamente.

O rei de Nínive, seus nobres e seu povo, que tremeram diante das palavras de Deus e se humilharam perante Ele, depois de avisados sobre o juízo iminente. O grande peixe foi obediente ao seu Criador, pois quando ouviu Sua ordem, *“este vomitou Jonas em terra”* (Jonas 2.10).

E Deus – o que poderíamos dizer dEle? Quão grande foi a Sua misericórdia para com os marinheiros! Quão cuidadoso foi Ele com Seu servo desobediente durante aqueles três misteriosos dias! Quão imediata foi a Sua resposta ao arrependimento dos ninivitas! Que consideração pelas crianças e pelo gado! Que pacientes conversas Ele teve com o Seu faltoso servo que ainda não sentia pelos homens o mesmo que o Senhor! Tudo isto traz para o nosso coração mais um pouco sobre a grandeza e compaixão do Deus com Quem nós estamos vivendo.

A questão que tem sido levantada, em nossos dias, é se o livro de Jonas conta uma história real, ou meramente uma história inventada por alguém, com um propósito moral.

Nenhuma outra questão pode ser tão má, nesse aspecto, pois esta desafia a autenticidade das palavras precisamente de nosso Senhor Jesus Cristo. Em várias ocasiões, durante o curso do Seu ministério, Ele aludiu a passagens do Antigo Testamento, advertindo os homens do Seu tempo. Ele falou sobre a criação de Adão e Eva como o primeiro casal (Mateus 19.4-5); falou também do assassinato de Abel (Mateus

23.35); do dilúvio (Mateus 24.38) e da destruição de Sodoma e Gomorra (Lucas 17.29).

Além dessas, Ele fez uma dupla menção da história de Jonas. Primeiramente, sobre o arrependimento dos ninivitas, ante a pregação de Jonas, fazendo assim uma solene censura à dureza dos corações dos homens que ouviram a voz do Senhor, e não atenderam a ela. Depois, Ele Se referiu aos três dias de aprisionamento de Jonas na barriga do peixe, avisando aos que O ouviam que, assim como Jonas desapareceu da vista dos homens por três dias e três noites, também Aquele que é maior do que Jonas ficaria oculto de Israel e do mundo (Mateus 12.39-41). A incomum experiência do profeta tipificava a morte e ressurreição do Senhor Jesus.

É impensável que o onisciente Filho de Deus ensinaria aos homens mencionando o dilúvio, a subversão de Sodoma e Gomorra e a vida de Jonas sem que nenhum destes fatos tivesse, de fato, acontecido.

Se Aquele que todos, tanto os escritores como os leitores da Palavra de Deus, buscam para sua salvação da ruína eterna não é confiável quando tratando de meros fatos históricos, como nós poderíamos confiar nEle quando Ele falasse de coisas relacionadas à nossa paz eterna?

Uma vez, um homem me perguntou se ele poderia ser aceito como um “bom cristão” mesmo sem crer na história de Jonas. Eu, indignado, neguei essa possibilidade. Alguém que lança dúvidas a respeito da veracidade das palavras do Filho de Deus chama maldição para si mesmo, e é um risco para todos quantos estiverem sob a sua influência. O veneno da serpente está à nossa volta.

A dispensação está se findando e a apostasia predita se aproxima. Vamos prosseguir confiados nAquele que falou como nenhum outro jamais falou (João 7.46), que concluiu Seu ministério público com as enfáticas e indubitáveis palavras de João 12.49-50: “Porque Eu não tenho falado por Mim mesmo, mas o Pai que Me enviou, esse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o Seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que Eu falo, como o Pai Me tem dito, assim falo”.

oOo

Jonas e suas experiências

“O profeta Jonas”. Essa é a descrição de Jonas feita pelo próprio Senhor em Mateus 12.39, mas um leitor superficial do livro poderia perguntar: “Onde estão suas profecias?”

Certamente, o livro de Jonas difere em caráter dos livros de Isaías e de outros profetas. Os ricos e completos ensinamentos sobre acontecimentos futuros faltam nos capítulos de Jonas, mas a profecia ainda está lá. O fato é que o próprio Jonas e as memoráveis discussões do Senhor com ele constituem uma profecia, e esta de um personagem muito importante.

Por meio desta testemunha desobediente, Deus nos dá uma ilustração de Sua maneira de agir para com a nação desobediente, à qual Jonas pertencia. Assim, no livro há tanto profecia como instrução moral. É uma profecia em figura.

“Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: *Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim*” (1.2). Jonas já havia sido encarregado de levar mensagens de Jeová para Israel (2 Reis 14.25). Agora, ele recebeu um chamado único e foi enviado “*para longe aos gentios*” (Atos 22.21). É uma honra indizível ser um mensageiro de Deus em qualquer época. Será que todos nós já aprendemos isso? Será que todos temos o mesmo espírito das palavras de Isaías: “*Eis-me aqui, envia-me a mim*”?

Jonas, infelizmente, não estava tão grato por ter sido chamado para pregar aos gentios. Ele tinha sido escolhido pela vontade de Deus para ser a boca a proclamar coisas boas para sua própria nação, mas para uma nação estrangeira – e, ainda mais, um poder hostil a Israel – aí era outra história!

Mesmo depois de o Santo Espírito ter descido dos céus após a exaltação do Senhor Jesus, Pedro tinha dificuldade em levar o Evangelho aos gentios em Cesareia (Atos 10).

Estas linhas são escritas enquanto poderes estão sendo empregados nas guerras mais terríveis que o mundo já conheceu. Sentimentos nacionalistas estão aflorando e até cristãos, apesar de divinamente separados do mundo, pela graça, e unidos com Cristo nos céus, às vezes são influenciados por aquilo que é dito e feito à sua volta. Quão lentos nós somos para entender o sentido de “*toda criatura*” (Marcos 16.15).

O coração de Deus, com certeza, é igual para todo homem, independente de sua nação ou raça, e Ele quer que todos possam “*ser salvos e cheguem ao conhecimento da verdade*” (1 Timóteo 2.4). Será que nós desejamos o mesmo?

Jonas, depois de ouvir a voz de Jeová, correu para o porto de Jope. Ele iria fugir da Sua presença! Mas que esforço vão! O Salmo 139

explica isso muito bem. Mas, por que será que Jonas rejeitou a comissão divina para ir pregar aos homens de Nínive?

Jonas 4.2 nos dão motivo. Ele conhecia a bondade de Deus. Ele tinha certeza que, se os ninivitas mostrassem arrependimento da sua maldade, Deus iria mostrar misericórdia. Nesse caso, ele pensou que sua dignidade seria afetada, por ter proclamado um juízo que não ocorreu! Seria melhor que uma cidade inteira sucumbisse do que o seu crédito diminuísse como profeta! Parece quase impossível que um homem nascido no Espírito possa ser tão egoísta e agir de maneira tão vil!

Essa história, contada de maneira tão simples, é um aviso para todos nós. Se nós deixarmos a comunhão de Deus de lado, a Sua terna compaixão irá se tornar estranha a nós; sentimentos cruéis surgirão e nós nos comportaremos abominavelmente.

Sem dúvida, nós encontraremos Jonas na glória eterna (como nós, ele era um pecador salvo pela graça), mas procuremos, enquanto aqui, nos tornarmos diferentes dele no nosso serviço e testemunho para o Senhor.

Pareceu uma coincidência haver um navio que estava para sair para Tarsis quando o profeta fugitivo chegou a Jope, mas circunstâncias nem sempre são um guia seguro para os santos de Deus. Nunca esqueçamos disto! Não é só porque as circunstâncias estão de acordo com os nossos desejos que podemos achar que estamos dentro da vontade de Deus.

Jonas, cansado pela viagem, como Elias depois de fugir de Jezabel, desceu ao porão e logo estava dormindo. *“Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar”* (1.4).

Alguns séculos mais tarde, Paulo estava presente numa tormenta no mesmo Mar Mediterrâneo, mas a diferença entre Paulo e Jonas quando o perigo surgiu era enorme. O apóstolo estava se dirigindo a Roma em acordo com as palavras do Senhor em Atos 23.11: *“Coragem! Pois do modo como deste testemunho a Meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma”*. Com estas palavras fixas em sua mente, Paulo prosseguia confiadamente. Sua dignidade moral durante a tempestade foi maravilhosa. Ele praticamente tomou conta do navio, apesar de estarem a bordo tanto o piloto quanto o mestre do navio: *“Senhores, na verdade era preciso terem-me atendido”* (Atos 27.21). Apesar de não ser um passageiro comum, ele ainda era um prisioneiro em custódia!

Jonas, por outro lado, era um simples viajante naquele navio, mas, merecidamente, recebeu uma repreensão do mestre do navio (12.6).

Nunca esqueçamos a lição que este contraste nos ensina. Um cidadão andando em comunhão com Deus está num nível elevado, mas um cristão longe de Deus é um espetáculo degradante.

Os homens respeitam ao primeiro, mas desprezam ao outro. Aquele será uma bênção aos homens, mas este será uma pedra de tropeço e, não raro, até mesmo uma maldição!

oOo

Jonas e Cristo

As palavras do Senhor em Mateus 12.39-40 mostraram que Ele julgava que a descida de Jonas às profundezas prefigurava Sua própria e iminente morte. *“Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”*. Mas como foi grande o contraste entre a experiência de Jonas e a de Jesus Cristo. Nosso Senhor provou a morte como ela é, na realidade: o justo juízo de Deus contra o pecado – teu e meu, amado leitor. Mas não foi assim com Jonas.

Os perversos opositores do Senhor pediram, novamente, um sinal em Mateus 16 e, mais uma vez, Ele mencionou a história de Jonas. Mas, desta vez, Ele repreendeu a hipocrisia deles: *“Chegada a tarde dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu, e não podeis discernir os sinais dos tempos?”* (Mateus 16.3).

Ainda era “bom tempo” para os judeus naquele momento, porque o Sol estava brilhando, bem no meio deles; mas a **“tempestade”** se aproximava – o julgamento de Deus para a sua maldade e incredulidade. *“E, deixando-os, retirou-Se”* - palavras muito significativas! A ruína deles estava decretada.

Jonas é um interessante tipo de Cristo. Ele pertencia à Galileia. Gate-Hefer não era muito distante de Nazaré. Os membros do Conselho dos judeus estavam errados quando disseram a Nicodemos: *“Examina e verás que da Galileia não se levanta profeta”* (João 7.52). Mas, provavelmente, eles ignoravam Jonas porque sua missão foi para os gentios, o que constituía um aborrecimento pra o orgulho deles.

Quando Jonas disse aos marinheiros que o jogassem ao mar, ele não parecia estar com medo de morrer. Apesar de caído, ele não tinha

perdido toda a sua confiança em Deus. Jeová poderia fazer (e fez) grandes coisas por Seu servo fugitivo.

Aqui também há um contraste entre Jonas e nosso bendito Senhor. A desobediência fez com que ele fosse rebaixado às profundezas, mas Este foi elevado de lá por Sua obediência.

“E esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe”. Deus assim disse e que ninguém duvide de Sua Palavra. Em 1 Coríntios 15.4 lemos que Cristo foi ressurreto ao terceiro dia segundo as Escrituras.

Nenhuma profecia no Antigo Testamento diz isto de forma tão clara. Talvez alguém tenha lembrado de Oseias 6.2, mas a linguagem ali é muito vaga para dizermos que Cristo está em vista, neste trecho.

Mas Aquele que sabe tudo antes que as coisas aconteçam deixou Jonas três dias e três noites nas profundezas para nos presentear com uma expressiva figura da morte e ressurreição do Senhor Jesus.

O “terceiro dia” também é encontrado na história de Isaque, o filho que *“também foi figuradamente ressurreto”* (Hebreus 11.19). Isaque viu sua própria morte e ressurreição, em figura, no terceiro dia de sua jornada com seu pai (Gênesis 22.4).

Jonas estava “no profundo, no coração dos mares”, e se viu constrangido a reconhecer que *“todas as Tuas ondas e as Tuas vagas passaram por cima de mim”* (2.3). Sua insubmissão o trouxe a isto; apesar disso, as consequências de tudo o que ele passou na vida dos outros foi maravilhosa.

Os marinheiros pagãos, antes fazendo súplicas cada um ao seu próprio deus, chegaram a conhecer Jeová, por Jonas, apesar que em desobediência, não hesitou em dizer “sou hebreu, e temo ao Senhor, Deus do céu, que fez o mar e a terra” (1.9).

Os marinheiros clamaram a Deus, relutantes em jogar Jonas ao mar e, quando a tormenta cessou, foi uma intervenção divina tão clara que *“temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor e fizeram votos”* (1.16).

Essa é a prova da verdadeira conversão, já que uma oração feita na hora do perigo nem sempre representa verdadeiro arrependimento, e nem sempre se mantém firme depois que o perigo passou.

Quão maravilhosamente Deus trabalhou para converter os corações daqueles homens a Ele! Uma tempestade no mar, um terremoto à meia noite ou a tranquilidade de uma reunião de evangelização com Deus, tudo serve para cumprir o Seu propósito. Ele trabalha perfeitamente por causa de Sua perfeita sabedoria.

Além desses homens, Jonas ainda foi usado para salvar a muitos. Quando o profeta saiu da sua “sepultura” aquática e chegou finalmente a Nínive, a sua pregação levou a população toda a se prostrar,

começando pelo rei, arrependido perante Deus e a destruição foi evitada.

Que contraste entre a maneira pela qual os ninivitas receberam a mensagem de Jonas e a maneira pela qual Jerusalém recebeu a pregação do Senhor de Jonas! Neste caso, não houve arrependimento e Aquele que um dia se sentará no Grande Trono Branco disse: *“Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está Quem é maior do que Jonas”*.

E assim como a pregação de Jonas trouxe bênção a muitos que não eram de Israel, assim a própria morte e ressurreição do Senhor trouxe salvação a milhões do mundo todo. Enquanto estava na terra, Ele manteve Seu propósito como o Messias de Israel e rejeitou a súplica de uma mulher de Tiro que O chamou de Filho de Davi e, quando Ele enviou os discípulos, disse-lhes: *“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidades de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel”* (Mateus 10.5-6). Mas, depois de ressurgir, *“disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”* (Marcos 16.15).

Pela incredulidade de Israel *“veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes”* (Romanos 11.11). As boas notícias de que Cristo foi entregue pelas nossas ofensas e ressuscitou para nossa justificação chegaram aos nossos ouvidos e aos nossos corações, e fizeram com que tivéssemos paz com Deus (Romanos 4.25; 5.1).

Louvado seja o Senhor, nosso Deus! Vamos espalhar o Evangelho com determinação.

oOo

No ventre do peixe

Os passos da obediência são os passos da bênção. Paz e comunhão encontram-se ali. Desobediência e teimosia talvez pareçam prósperas, no início, mas Aquele que nos ama infinitamente não demora a indicar a Sua vontade novamente. Desastres virão de Suas repreensoras mãos. No meio da tormenta, quando outros estavam orando e invocando o seu deus, Jonas estava dormindo. Sua consciência tinha sido sufocada pela sua teimosia.

Quanta diferença do Senhor Jesus! Quando a tempestade caiu sobre o Mar da Galileia, Ele dormia tranquilamente no barco. Como um

perfeito Homem de fé, Ele poderia repousar Seu corpo cansado, certo do cuidado do Pai.

Seu sono pasmou os discípulos, assim como o sono de Jonas pasmou os marinheiros; mas que grande contraste entre o profeta fugitivo e o Homem Jesus Cristo!

Quando Jonas foi lançado do navio, um grande peixe O engoliu. A palavra “deparou” não significa especificamente que o Senhor o criou para esse propósito (apesar disto ser fácil para Aquele “que fez o mar e a terra”); simplesmente significa que o Senhor o indicou para o “serviço”. A mesma palavra é usada em Daniel 1.5 se referindo à comida preparada para Daniel e seus companheiros.

Muito tempo tem sido gasto em tentar descobrir como era o grande peixe, assim como o “espinho na carne” de Paulo (2 Coríntios 12).

Nos dois casos, as lições espirituais são mais importantes do que especulações, as quais não trarão luz nenhuma. Jonas pôde certamente dizer, depois daqueles três estranhos dias, “antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a Tua palavra” (Salmo 119.67).

“*Então Jonas do ventre do peixe orou ao Senhor seu Deus*” (2.1). O Senhor ainda era o “**seu**” Deus, a relação não havia sido totalmente perdida. Veja a diferença em 1 Samuel 15.21 e 1 Reis 17.12; 18.10, onde lemos: “**Senhor, teu Deus**”.

Dos mais variados lugares a oração chega a Deus, em todas as épocas, mas em nenhum outro momento como nesta ocasião. Prisões, cavernas, montanhas, etc., ouviram súplicas de angústia, mas nunca antes do ventre de um peixe!

O profeta castigado sabia que a mão do Senhor o tinha afligido. Em 1.15 lemos que os marinheiros lançaram Jonas ao mar, mas em 2.3 Jonas diz: “*Me lançaste no profundo, no coração dos mares*”. Ele sentiu a mão divina e se pôs debaixo dela. Ele colocou em prática 1 Pedro 5.6-7, séculos antes destes versos terem sido escritos. Esse é o primeiro passo para a restauração.

O alívio só pode vir para almas aflitas quando a mão de Deus tiver sido reconhecida. Jonas, apesar de no ventre do peixe, olhou com fé para o santo templo de Deus, tendo a certeza de que Aquele que ali habitava iria ouvir o seu clamor. “*Quando dentro de mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a Ti a minha oração, no Teu santo templo*” (2.7).

Esta é uma linda verdade que mostra que, mesmo estando caído, um crente sabe a Quem deve recorrer nos seus problemas e confia que Deus não o abandonará.

A referência feita por Jonas ao templo também é significativa. O templo do Senhor ficava em Jerusalém e Jonas pertencia por nascimento às dez tribos do norte, que se rebelaram e viraram as as

costas ao centro de adoração a Deus, e que erigiram santuários idólatras em Betel e em Dã (1 Reis 12.25-33; Amós 7.13).

Apesar de toda a confusão religiosa que amaldiçoava a terra de Israel em seu tempo, o coração de Jonas se virou para o templo que havia sido estabelecido por Deus, em dias mais felizes. Deus disse a Salomão, por ocasião da dedicação do templo: *“Meus olhos e o Meu coração estarão ali todos os dias”* (1 Reis 9.3). A glória de Deus ainda permanecia ali e os corações dos fiéis sempre se viravam para lá, onde quer que eles morassem.

Foi nesse espírito que Elias erigiu um altar com doze pedras, apesar de o Monte Carmelo estar no território das dez tribos (1 Reis 18.31). Os princípios de Deus e os pensamentos do Seu coração sobre os Seus, mesmo que estejam caídos, tocaram tanto Elias como Jonas. Da mesma maneira, existem pessoas hoje que são ensinadas a manter-se na vontade de Deus, de que *“há somente um corpo e um só Espírito”* (Efésios 4.4), e que se negam a reconhecer outra unidade religiosa, seja qual for a sua natureza e, para os santos de Deus, o templo de Deus hoje não é uma estrutura material, mas a Igreja de Deus, reunida em o Nome de Cristo (Mateus 8.20).

A oração de Jonas no segundo capítulo do livro está cheia de citações dos Salmos. Sua mente estava evidentemente saturada pela Palavra escrita. Isto ocorre também conosco?

Não era o tempo de Bíblias de bolso, como hoje. Além disso, nem toda a Escritura havia sido escrita, mas, se Jonas estava impossibilitado de ler na sua estranha “prisão”, ele lembrava da Palavra já lida e guardada em sua mente e em seu coração. Não deixemos de seguir o seu exemplo neste ponto.

Toda a revelação de Deus está em nossas mãos, contendo maravilhosos conselhos de graça e glória desconhecidos nos tempos do Antigo Testamento. Busquemos, ardentemente, saturar as nossas almas também com toda esta revelação para que, se um dia nossas Bíblias forem tomadas de nós, ainda tenhamos aquilo que pode nos nutrir e sustentar na fé, gravado dentro de nós.

Meditações nos Salmos, nas misericórdias do Senhor manifestas na vida dos escritores, trouxeram confiança a Jonas. Nessa condição aparentemente desesperadora ele mostrou sua confiança naquilo que Deus dizia.

Ele estava convicto do perdão divino! Estava persuadido que iria, uma vez mais, estar na casa de Jeová para louvá-LO! *“Ao Senhor pertence a salvação”* (2.9), foi o triunfante final de sua oração.

O trabalho estava feito. A lição tinha sido aprendida. O orgulho e a teimosia receberam um pesado golpe. Ao profeta não restavam mais recursos. Por isso, sua esperança estava somente em Deus. Todo

pecador tem que aprender isso quando se aproxima, pela primeira vez, a Deus. E o servo errante tem de voltar a este sentimento cada vez que se afasta do Pai.

oOo

Graça ao caído

As palavras do poeta são certamente verdadeiras e nós frequentemente as cantamos com deleite:

*“Àqueles que caíram quão afável Tu és,
Quão bom àqueles que Te procuram”.*

A prova disso se encontra tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Quando Elias fugia do seu posto, amedrontado pelas ameaças de Jezabel, um anjo foi enviado do céu para preparar-lhe fogo e um alimento (1 Reis 19). Nada como isto aconteceu quando ele estava obedecendo, confiado em Deus. Na torrente de Querite, corvos foram enviados para o sustentarem, e por um logo período.

Mas quando ele estava desobedecendo a Deus, um serviço angelical especial foi preparado para ele. O mensageiro celestial aparentemente ficou com ele enquanto ele comia, bebia e dormia e, em seguida, insistiu para que comesse mais, adicionando com compaixão “porque o caminho te será sobremodo longo”. Tudo isso servia como prova ao profeta fugitivo que Deus não se havia esquecido dele, apesar dele parecer ter esquecido de sua obrigação. Como é maravilhoso o nosso Deus!

Em outra ocasião, quando Pedro negou o seu Senhor (depois de um aviso solene), Lucas nos diz que o Senhor se virou e “*fixou os olhos em Pedro*” (Lucas 22.61). Aquele terno olhar quebrou o seu coração e Pedro saiu dali e “*chorou amargamente*”. Depois da ressurreição do Senhor, um anjo disse às mulheres: “*Ide, dizei a Seus discípulos, e a Pedro, que Ele vai adiante de vós para a Galileia*” (Marcos 16.7).

Esta toante menção do nome de Pedro queria mostrar-lhe que o Senhor não o havia descartado, não obstante o seu grave pecado. A isso se seguiu uma conversa em particular com o apóstolo caído, para restaurá-lo (Lucas 24.34). Mais tarde, quando da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, Pedro estava apto para pregar e testemunhar com audácia e coragem da ressurreição do Senhor, obtendo grandes resultados (Atos 2.41).

Jonas, quando aprisionado dentro do peixe, disse: *“Lançado estou de diante dos Teus olhos”* (2.4). Obviamente, ele não podia reclamar disso, já que ele foi para Tarsis para fugir da presença de Jeová. Ele, até mesmo diante dos marinheiros, reconheceu que este era o motivo de ter tomado aquele navio (1.3, 10). Possivelmente, Jonas, familiarizado com os Salmos, tinha em mente as palavras de Davi no Salmo 31.22: “Estou excluído da Tua presença”, mas Davi disse isso apressadamente. Devemos observar o verso todo: *“Eu disse na minha pressa: estou excluído da Tua presença. Não obstante, ouviste a minha súplice voz, quando clamei por socorro”*.

Como é preciosa esta expressão “não obstante”! O nosso Deus não abandona os Seus santos, não importa quão profundamente eles tenham falhado. Ele está sempre pronto a ouvir a voz de suas súplicas quando eles clamam.

Vamos nos abster de falar apressadamente. Tais palavras raramente são sábias. Pedro falou no monte da transfiguração: *“Não sabendo, porém, o que dizia”* (Lucas 9.33). *“Há tempo de estar calado e tempo de falar”* (Eclesiastes 3.7).

Frequentemente, não somos tão misericordiosos com nossos semelhantes como nosso gracioso Deus. Quando Davi teve que escolher entre três castigos diferentes, após cair em seu orgulho e mandar fazer o censo de todo o povo sem ordem de Deus para fazê-lo, ele disse: *“Estou em grande angústia; caía eu, pois, nas mãos do Senhor porque são muitas as Suas misericórdias; mas nas mãos dos homens não caía eu”* (1 Crônicas 21.13).

A “navalha alugada” (Isaías 7.20) pode ser cruel demais; o próprio Davi não foi cruel desnecessária e demasiadamente quando acabou com os amonitas, fazendo-os passar *“a serra, e a picaretas de ferro, e a machados”*? *“Assim fez Davi a todas as cidades dos filhos de Amom”* (1 Crônicas 20.3).

Mesmo depois do dia de Pentecostes, quando a Igreja de Deus passou a existir, sendo a habitação do Espírito Santo, e quando a plenitude da graça divina havia sido proclamada como nunca na história do mundo, Paulo teve que admoestar aos coríntios que procurassem, perdoassem e confortassem o homem que havia sido punido por causa de um grave pecado.

Primeiramente, eles foram indiferentes para com o mal; mas, depois, quando agiram, estavam dispostos a abandoná-lo para sempre. Mas ele havia se arrependido e não devia ser *“consumido por excessiva tristeza”* (2 Coríntios 2.5-8). *“Eu vos rogo”*, disse o apóstolo, *“que confirmeis para com ele o vosso amor”*. Quando nós aprenderemos estas lições da divina graça para com o pecador? Por quanto tempo seremos como o credor incompassivo de Mateus 18.28-34?

Jonas voltou das profundezas dos mares castigado e humilhado. E o fim do livro nos mostra que ele ainda tinha muito a aprender. Mas ele experimentou o poder de Deus fazendo cair por terra aqueles que se levantam contra o Seu plano e também que Ele não abandona os Seus servos.

Jonas foi um dos primeiros profetas cujos escritos chegaram até nós e de seu pequeno livro podemos aprender que Deus castiga a Seus mensageiros assim como castiga àqueles para os quais os envia, mas com um coração cheio de misericórdia, procurando unicamente abençoar os Seus. Possam os mensageiros de Deus nessa dispensação andar humildemente diante dEle, e não envergonhá-LO por caminhos de desobediência. Aqueles que pregam a obediência aos outros deveriam ser, eles mesmos, exemplos de obediência.

Moisés entrou em um grande conflito com Jeová porque não havia circuncidado seu filho (Êxodo 4. 24-25). Aparentemente, ele havia cedido à pressão de sua mulher e, antes de obedecer fielmente a Deus, Moisés não podia exortar o faraó a ser obediente a Deus de maneira consistente.

A lição fica ainda mais importante quando nos lembramos que a circuncisão lembra o julgamento da carne. Apenas aqueles que fizeram “*morrer a sua natureza terrena*” (Colossenses 3.5) são competentes para serem testemunhas desse Santo Deus.

Escutem as palavras do Senhor Jesus: “*Se alguém quiser fazer a vontade dEle, conhecerá a respeito da doutrina*” (João 7.17) e “*Eu descido do céu não para fazer a Minha vontade; e, sim, a vontade de Quem Me enviou*” (João 6.38).

oOo

A segunda comissão

Não devemos supor que o grande peixe permaneceu parado durante os três dias e as três noites de aprisionamento de Jonas. Para onde quer que ele se tenha dirigido, os olhos do Criador estavam sobre ele e o peixe foi guiado a deixar o profeta exatamente onde Jeová o queria.

O peixe poderia tê-lo depositado na Itália ou na Grécia; provavelmente, foi na terra de Israel que Jonas foi posto em terra seca de novo. A obediência das criaturas mais humildes, mostrada nas Escrituras, é muito instrutiva.

O Senhor Jesus, quando na terra, queria um peixe que tinha dentro de sua boca uma moeda. E foi aquele peixe e não outro que ficou preso no anzol de Pedro (Mateus 17.1-27). O jumentinho sobre o qual ninguém ainda havia sentado – um animal impróprio para o serviço – obedientemente carregou o Senhor pelas ruas de Jerusalém, apesar de cercado por uma multidão que gritava (Mateus 21.7). Não teria sido sábio para nenhum de nós tentar montar naquele jumentinho!

Da mesma maneira, o grande peixe do Mar Mediterrâneo estava no lugar certo quando Jonas foi lançado fora do navio; ele guardou Jonas dentro de si pelo período apropriado e então o libertou quando Deus quis e no lugar que Deus indicou.

E pensar que é o homem, a coroa da Criação de Deus, quem se rebelou e causou todo o mal desse planeta! A revolta do homem contra o seu Criador envolveu toda a Criação em gemidos e angústias por todas as épocas, e só terminará na *“revelação dos filhos de Deus”* (Romanos 8.19-22).

Mais uma vez, Jonas foi comissionado por Deus para ir a Nínive (3.1-2). Semelhantemente, Pedro, quando restaurado da sua queda, foi divinamente movido para levar uma grande mensagem de Deus aos homens (Atos 2).

Jonas ainda não sabia qual mensagem deveria ser pregada. *“Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e proclama contra ela a mensagem que Eu te digo”* (3.2). O espírito de obediência tinha voltado a ele e Jonas não se aventurou a questionar a ordem de Deus, como Ananias em Damasco, quando enviado a encontrar-se com Saúl de Tarso (Atos 9.13-14). Por isso, *“levantou-se, pois, Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor”*. Foi assim também com Elias; quando enviado a se esconder na torrente de Querite, ele foi e *“fez segundo a palavra do Senhor”* (1 Reis 17.5).

É assim que sempre deveria ser! Este é o exemplo que devemos seguir. O apóstolo, quando falando de seus próprios passos, rompeu em louvor dizendo: *“Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo, e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do Seu conhecimento”* (2 Coríntios 2.14). Ele se sentia como um cativo, no meio de uma pessoa triunfal (como os romanos estavam acostumados a fazer quando seus generais voltavam vitoriosos das guerras).

Para ele, não fazia diferença onde Deus o enviasse, contanto que a vontade de Deus estivesse sendo cumprida e a salvação por Cristo estivesse sendo pregada. Isso fez com que sua vida fosse um grande sucesso espiritual.

O servo de Abraão também nos fornece um maravilhoso exemplo de obediência em Gênesis 24. Ele saiu com espírito de oração, para

buscar uma esposa para o filho de seu senhor. Após ter encontrado a pessoa certa, ele se curvou e louvou a Jeová e disse: *“Quanto a mim, estando no caminho, o Senhor me guiou”*.

O único servo e mensageiro perfeito foi o Senhor Jesus. Quando as aflitas irmãs mandaram, de Betânia, alguém dizer-Lhe: *“Senhor, está enfermo aquele a quem Tu amas”*, o evangelista diz que quando Jesus soube da doença de Lázaro *“ainda Se demorou dois dias no lugar onde estava”*. Por que a demora? Porque Ele ainda não havia recebido a ordem do Pai para ir, mas, quando a ordem veio, nem os protestos e avisos dos discípulos de que seria perigoso voltar para a Judeia O impediram de obedecer ao Pai (João 11).

Nós somos úteis para Deus apenas quando estamos onde Ele quer que estejamos. Ele sabe o país certo onde devemos servir, e a cidade certa, e o tempo certo. Num escritório, numa fábrica, numa loja ou em casa, onde quer que for, se aquele lugar é o Seu plano para nós, só ali seremos espiritualmente úteis. E, mesmo quando estamos no lugar certo, precisamos da direção do Espírito a todo momento, nos mostrando o que fazer e o que dizer.

São ensinamentos simples, mas que nem sempre são aprendidos e praticados por nós.

Quando Jonas se dirigia para Nínive, *“segundo a palavra do Senhor”*, talvez houvesse em sua mente alguma incerteza quanto ao propósito de sua missão. A nova ordem do Senhor era vaga: *“Proclama contra ela a mensagem que Eu te digo”*. Quando, primeiramente, ele foi enviado, a ordem era: *“Dispõe-e, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim”*. Essa mensagem era de denúncia de pecado e, presumivelmente, seria seguida por julgamento. Mas nada sobre a mensagem foi sugerido na nova ordem recebida. E, quando Jonas chegou à cidade, a mensagem que ele recebeu foi: *“Ainda quarenta dias e Nínive será subvertida”* (3.1-4).

Aqui encontramos a graça do coração de Deus. Ele havia dado tempo para se arrependem, e isso não se adaptava aos desejos do profeta! Paciência e graça para com Israel, sim, mas não para os gentios! Quando aprenderemos que Deus não tem prazer na morte de ninguém, independente de qual seja a sua nacionalidade (Ezequiel 18.32)?

oOo

**Na grande
cidade**

A visita de Jonas à cidade de Nínive e seus magníficos resultados, foi, talvez, a única em toda a história do mundo. A população inteira se curvou em arrependimento, começando pelo próprio rei! Vamos tentar entender a situação.

O profeta Jonas chegou sozinho àquela cidade. Amizades no serviço são especialmente doces, como Paulo e muitos outros poderiam testemunhar, mas não havia nenhum acompanhante para Jonas. Ele teve que enfrentar sozinho as consequências de sua terrível mensagem. Nenhum comitê de organização estava por trás dele; não havia panfletos anunciando sua chegada; nenhum coral ou cantor famoso estava junto com ele para atrair a multidão.

Muitas testemunhas atuais julgam todas estas coisas necessárias para alcançar as multidões. Quando entenderemos que o poder de Deus é muito mais importante do que qualquer artifício concebido pelos homens? Mesmo homens sem nenhum tostão, como Pedro e Paulo, fizeram grandes coisas para Deus como fruto de uma simples e exclusiva dependência do Santo Espírito.

Jonas clamou sua solene mensagem pelas ruas de Nínive: *“Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida”* (3.4). Ele não foi considerado como estorvo público, nem foi levado preso. Os habitantes da cidade não zombaram dele, como fez a juventude de Betel com Eliseu numa época anterior à de Jonas (2 Reis 2.23-24). Sua mensagem foi ouvida e pesada. *“Os ninivitas creram em Deus”* (3.5). Isso é bom. Não foi, meramente, o mensageiro que foi acreditado; as pessoas sentiram que o seu Criador estava falando a elas por seu intermédio.

É isso que Paulo diz sobre os tessalonicenses: *“Tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes”* (1 Tessalonicenses 2.13).

O rei de Nínive vivia, sem dúvida, separado do povo, em um palácio, cercado de guardas prontos a obedecerem suas ordens, não importando quão despóticas e cruéis elas fossem. E não era fácil se aproximar de um rei oriental por qualquer motivo.

Ester, apesar de ser rainha, sabia que estava correndo risco de vida ao se aventurar na presença do rei sem ser chamada (Ester 4.11).

Mas a mensagem de Jonas foi levada até a sala do trono de Nínive e apresentada ao rei. Ele agiu prontamente, pois sua consciência lhe disse que a maldade do seu povo merecia julgamento divino. Por isso, o rei tirou suas vestes, *“cobriu-se de pano de saco e assentou-se sobre cinza”*.

Toda a população foi levada a fazer o mesmo e até mesmo os animais foram impedidos de comer e de beber, para se juntarem às pessoas no seu clamor por perdão. Eles não somente “clamaram fortemente a Deus”, mas estavam dispostos a se converter cada um do seu mau caminho e da violência que havia em suas mãos.

Oração sem ação é vazia. Arrependimento é absolutamente necessário para com Deus. O rei disse: “*Quem sabe se voltará Deus e se arrependerá, e se apartará do furor da Sua ira, de sorte que não pereçamos?*” Esse clamor e o de Nabucodonosor ao contar a história de sua conversão a Deus (Daniel 4) são talvez os mais maravilhosos clamores já relatados. Queira Deus que, em nossos dias, autoridades humanas levem o seu povo a fazer o mesmo! Quanta mudança haveria em todo o mundo! Quantos desastres seriam evitados!

Lucas 11.30 sugere que a experiência de Jonas era conhecida dos ninivitas. “*Jonas foi sinal para os ninivitas*”. Isto daria peso para a sua mensagem. Quem mais poderia dar um aviso tão consistente sobre a necessidade de evitar o castigo divino como o homem que provou em sua própria experiência o poder de Deus para frustrar aqueles que se opõem a Ele?

O arrependimento de Nínive e do seu rei é um grande milagre na esfera moral, assim como a experiência de Jonas o é na esfera física.

Num livro posterior a Jonas, Deus fala sobre Sua maneira de agir para com uma nação. Se Ele dissesse que iria “*arrancar, derrubar e destruir, se a tal nação se converter da maldade contra a qual Eu falei, também Eu Me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe*” (Jeremias 17.7-8).

Nenhuma nação, além de Israel, esteve num relacionamento direto com Deus; mas isso não quer dizer que Ele não está interessado naqueles que não são descendentes de Abraão.

O tempo da graça a “*toda criatura*” ainda não havia chegado, o Filho de Deus ainda não havia sido dado ao mundo como o maior presente e amor de Deus, mas Seu coração sempre ansioso por homens em todas as épocas por todo o mundo, não desejando a ruína de ninguém.

Assim, quando Deus viu que “*a nação se convertera do seu mau caminho, Ele se arrependeu do mal que havia dito que faria a eles, e não o fez*”. Assim é também nos terríveis dias em que nós vivemos; se qualquer nação que parece destinada à destruição se prostrar arrependida perante Deus, Sua pesada mão será erguida e o juízo será prorrogado.

“Elohim” e “Jeová”

O uso pelo Espírito dos nomes e títulos divinos nas Escrituras é muito instrutivo, e estes deveriam ser observados atenciosamente por aqueles que procuram entender os caminhos de Deus em todas as épocas com os homens, especialmente com Israel.

Infelizmente, nossas traduções (geralmente excelentes) não ajudam neste ponto como deveriam. As palavras “Deus” e “SENHOR” escondem verdades realmente importantes.

No livro de Jonas nós lemos tanto “Deus” quanto “SENHOR”. A palavra “Deus” é tradução do hebraico “ELOHIM” e ocorre 15 vezes no livro, enquanto que “SENHOR” é a palavra usada em lugar de “Jeová” e ocorre 16 vezes.

Nomes divinos são abundantes por toda a Escritura Sagrada, cada um com seu próprio significado, cada um com sua própria mensagem para o nosso coração. O Salmo 68 é particularmente rico em nomes e títulos divinos. Encontramos 12 deles ali. A última e completa divina revelação é o nome “Pai”, traduzido a nós pelo Filho do Seu amor, e é por esse nome que os santos desta era se relacionam com Ele - como Seus filhos, Seus herdeiros, Suas crianças.

A Bíblia começa com “Elohim”. Nenhum outro nome é encontrado até passarmos os capítulos 2 e 3 de Gênesis. Ele nos fala da divina supremacia – Deus como a causa de tudo o mais.

“Jeová” é Seu nome de relacionamento, pois é a partir da formação do homem, com quem quer se relacionar de forma tão maravilhosa, que passa a aparecer o nome “Jeová”.

A partir de Gênesis 2.4 lemos “SENHOR Deus”, ou seja, “Jeová Elohim”. Perceba as várias relações existentes na Criação, neste capítulo:

Vs. 4-6 – os céus e a terra em relação a Ele. Ele os criou. Eles são o trabalho das Suas mãos;

Vs. 7-15 – o homem em relação a Ele. O sopro de vida;

Vs. 16-20 – o homem em relação à natureza. O seu senhor;

Vs. 21-25 – o homem em relação à mulher. Sua cabeça.

No livro de Jonas nós observamos que, quando, primeiramente, os marinheiros falam de Deus, eles O chamam de “Elohim”. Eles não tinham nenhuma relação especial com Ele, mas eles O reconheciam como o Ser Superior, que poderia fazer cessar a tempestade, se assim o quisesse.

Infelizmente, mesmo nos dias de hoje, com a luz do Evangelho brilhando, ainda há muitos que não conhecem muito mais sobre o seu Criador do que estes homens sabiam. Mas, depois de ouvirem a confissão de Jonas em 1.9 e depois de verem a clara manifestação de Sua poderosa mão, eles “clamaram a Jeová”, “temeram a Jeová”, “ofereceram sacrifícios a Jeová, e fizeram votos”. Isto parece verdadeira conversão.

“O Deus do céu, que fez o mar” se tornou algo mais do que seu mero Criador; eles passaram a conhecê-LO tanto quanto poderiam tê-LO conhecido antes de Seu Filho descer dos céus para revelá-LO completamente. A fé destes homens envergonharia muitos conterrâneos de Jonas, que tinham a Palavra de Deus em suas mãos e seguiam os caminhos idólatras de Jerobão, filho de Nebate.

Agora observem como Jonas fala de Deus. Do começo ao fim o nome “Jeová” está nos seus lábios, o nome que sugeria a fidelidade divina aos judeus (Malaquias 3.6). Sob este grande nome, Deus Se relacionou com a nação na saída da terra do Egito (Êxodo 6).

Apesar de Jonas estar, no livro, numa condição espiritual relativamente baixa, ele nunca perdeu seu senso de relacionamento com Deus. “Temo ao SENHOR”, disse ele. O Espírito diz: “Então Jonas orou do ventre do peixe ao SENHOR, seu Deus”. No fim de sua oração, ele clamou com fé: “Ao SENHOR pertence a salvação!” e, mesmo quando ele se opôs à divina misericórdia dada a Nínive, ele “orou ao SENHOR” (4.2). Isto é digno de nota.

O Deus com quem nós todos nos relacionamos sabe como manter viva a centelha da fé e o sentimento de que pertencemos a Ele, mesmo quando estamos desviados. Mas nunca esqueçamos a exortação de Pedro no primeiro capítulo de sua Segunda Epístola, e cultivemos progressivamente uma vigorosa fé. Esta é nossa responsabilidade.

Em contraste com Jonas, o rei de Nínive e o seu povo, apesar de arrependidos, chamaram a Deus apenas de “Elohim”. O nome com o qual Israel tratava com o SENHOIR não chegou aos seus lábios. Foi um movimento nacional.

O povo se tornou ciente de que tinham pecado gravemente contra o seu Criador, temeram ante a menção do Seu julgamento e se humilharam perante Ele.

Jeremias 18.7-10, com nós já vimos, mostra a maneira de Deus agir com relação às nações. Seus olhos estão sobre seus atos e Ele as visita em Sua fúria, mas sempre preparado para mostrar misericórdia.

O governo de Deus não deve ser confundido com Sua graça. Um simples adiamento do castigo como o que os ninivitas experimentaram não é a mesma coisa que o perdão eterno dos pecados pregado aos homens de todos os lugares pelo Evangelho (Atos 13.38-39).

Não encontraremos, necessariamente, toda a população de Nínive no céu por causa do arrependimento mostrado em 3.10, apenas de não ser improvável que alguns indivíduos (possivelmente muitos) encontraram bênção eterna como resultado do aviso de Jonas.

Na presente época, as nações do mundo estão em crise e sofrendo como nunca antes. Aquele que se senta no trono, julgando retamente, se desagrada de todas elas, mas, se qualquer nação (mesmo que apenas uma) encarasse sua condição diante de Seus olhos, e admitisse suas muitas transgressões e seu desprezo pelo que é divino, Ele perdoaria e a paz e a tranquilidade voltariam. Recriminações mútuas não levam a nada.

Às nações que insistem em guerrear contra seus vizinhos, as palavras do profeta Odede em 2 Crônicas 28.9-11 ainda falam. Quando o reino de Israel voltou glorioso trazendo 200 mil judeus cativos, o profeta os encontrou e disse: *“Eis que, irando-se o SENHOR Deus de vossos pais contra Judá, os entregou na vossa mão, e vós os matastes, com tamanha raiva, que chegou até aos céus. Agora cuidais em sujeitar os filhos de Judá e Jerusalém, para vos serem escravos e escravas; acaso não sois vós mesmos culpados contra o SENHOR vosso Deus?”*

oOo

Uma pomba estranha

Não são apenas os nomes divinos que têm significado. Há também significados para os nomes humanos nas Escrituras. Algumas vezes eles expressam a fé daqueles que os possuíam: Eva, Noé e José são exemplos disso. Algumas vezes, novos nomes eram dados em sinal de propriedade. Desta maneira, faraó deu um novo nome a José (Gênesis 41.45); Nabucodonosor fez a mesma coisa com Daniel e seus amigos (Daniel 1.7) e o Senhor Jesus deu o nome de Cefas para o pescador Simão (João 1.42).

E o que poderíamos dizer do nome do Salvador e de seu significado? *“Lhe porás o nome de Jesus [Jeová e Salvador], porque Ele salvará o Seu povo dos pecados deles”* (Mateus 1.21).

Jonas significa “pomba”. O que seus pais tinham em mente quando lhe deram este nome não sabemos, mas isto nos lembra a forma corpórea com a qual o Espírito Santo desceu sobre o homem

Jesus Cristo, justamente uma pomba (Lucas 3.22). Este amável emblema de pureza, ternura e paz se ajustava perfeitamente Àquele sobre o qual o Espírito “pousou”. Mas Jonas! Onde nós descobrimos estas características em seus atos e palavras relativas às pessoas de Nínive ? Suas cruéis “garras” sugerem uma outra ave, e não uma pomba.

Em contraste com o nosso profeta, há um homem, levita, chamado José, em Atos 4.36-37. Seus atos eram tão bondosos, seu ministério era tão cheio de graça, que os apóstolos resolveram chamá-lo de Barnabé, que significa “filho de exortação”. Barnabé mereceu seu nome antes de recebê-lo; Jonas recebeu um nome que nunca parecia merecer!

Nínive se arrependeu; rei, nobres e o povo se prostraram juntos aos pés do seu indignado Criador. Os céus entraram em festa, como o Senhor nos ensina em Lucas 15. Mas, enquanto o céu se rejubilava, *“com isto desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado”*.

Que é o homem! Que exposição tão clara da dureza e egoísmo do coração humano, mesmo de um servo especialmente favorecido e escolhido de Jeová! Ele preferia que a população inteira de uma vasta cidade percesse em lugar de sua reputação sofrer! Ele estava extasiado por ter pregado que o julgamento divino chegaria em quarenta dias, e então ele viu a sentença divina sendo revogada! Por qual outro motivo Deus daria quarenta dias a não ser pelo desejo de vê-los arrependidos?

Pedro nos diz que Ele é *“longânimo para convosco, não querendo que nenhum se perca, senão que todos cheguem ao arrependimento”* (2 Pedro 3.9). O próprio Senhor diz, bem antes de Pedro: *“Não tenho prazer na morte de ninguém, diz o Senhor Deus; portanto, convertei-vos e vivei”* (Ezequiel 18.32). Até mesmo a Jezabel eclesiástica (o Papado), sobre o qual os olhos do Deus santo sempre repousaram, teve tempo para se arrepender de sua prostituição (Apocalipse 2.21).

Se Jeová tivesse agido com os judeus com, o Jonas desejava que Ele tivesse agido com Nínive, não existiria nenhum judeu, de nenhuma tribo, nos nossos dias. O comportamento de Jonas nos lembra que do filho mais velho de Lucas 15.28 que *“se indignou e não queria entrar”*, porque o pai tinha mostrado graça e perdão ao pecador que retornara.

Onde nós estaríamos agora se o Deus contra o qual nós todos pecamos pensasse como alguns de Seus pobres servos?

O desapontado profeta pediu para que Deus tirasse a sua vida. Se a morte era tão desejável, porque ele pediu para ser libertado do ventre do peixe? Elias também pediu para morrer, porque seu serviço não estava tendo os resultados que ele esperava (1 Reis 19.4). Mas Deus preparou para ele uma triunfante ascensão, sem ter que passar pela morte. E uma partida tão maravilhosa quanto esta é esperança de todos os cristãos de hoje.

Apesar de estar tão errado ao fazer seu pedido, Jonas não tinha perdido totalmente a noção de sua relação com Deus. Mais uma vez, ele chamou Deus de Jeová e disse: *“Não foi isto que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para Tarsis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, e tardio em irar-se e grande em benignidade, e Te arrependes do mal”*. Se ele realmente conhecesse todas as características maravilhosas de Deus, a sua alegria seria proclamá-las para os pecadores de todo o mundo. Nós conhecemos Deus ainda mais intimamente. A cruz do Calvário revelou graça e misericórdia, de uma maneira que Jonas nunca poderia ter sequer imaginado. É motivo de nossa alegria poder contar isso a jovens e velhos?

Se queremos ter sucesso em nosso testemunho, nossos corações precisam estar conectados com o grande e compassivo coração de Deus. Nosso dever é alertar aos que estão perdidos, e devemos orar e labutar para de *“todos os modos, salvar alguns”* (2 Coríntios 9.22).

Agora, vejam o contraste entre Jonas e o servo de Mateus 25.24. Este, perante a face do seu senhor, disse: *“Sei que és homem severo, que ceifas o que não semeaste, e ajuntas onde não espalhaste”*. Mas Jonas disse: *“Sei que és Deus clemente e misericordioso”*. Há algo mais perverso e contraditório do que o coração humano? O servo no livro de Mateus disse que o seu senhor era duro e injusto e Jonas disse que ele era muito bom!

Isto nos lembra das crianças que cantavam na praça, mencionadas pelo Senhor Jesus em Lucas 7.32. Nem João Batista nem o Senhor Jesus agradavam à carnalidade humana. João era severo demais, vivendo isolado das pessoas, e Jesus era gracioso demais, andando entre todos os tipos de pessoas, dando preferência aos publicanos e pecadores. *“Mas a sabedoria é justificada por todos os seus filhos”* (Lucas 7.35).

Isto quer dizer que os verdadeiros filhos da sabedoria, ou seja, aqueles que já nasceram de Deus, entendem e aprovam os caminhos da sabedoria; enquanto que os sábios da terra expõem sua insensatez ao falharem em compreenderem o que Deus está falando.

Infeliz Jonas! Ele era, sem dúvida, nascido de Deus, mas longe de estar em harmonia com o Seu grande e misericordioso coração. A Sua misericórdia pelos ninivitas foi tida como vexação para ele, ao invés de motivo de regozijo. Não esqueçamos desta importante lição. Os discípulos do Senhor Jesus foram lentos em aprender esta lição, apesar de acompanhá-LO diariamente.

“Ao oriente da cidade”

Deus, ao invés de ser duro com Seu servo teimoso, graciosamente conversa com ele, dizendo: *“É razoável essa tua ira?”* (4.4). O contraste entre nosso Deus, soberano no Universo, com os insignificantes déspotas da Terra é imenso! Estes teriam tirado a vida de Jonas por causa da rebeldia manifestada. Mas Deus sempre procura ganhar os corações dos homens, sejam pecadores perdidos, sejam os Seus santos.

A pergunta de 4.4 foi repetida no verso 9. À primeira pergunta, pareceu que o profeta não respondeu. Mas nós lemos que *“Jonas saiu da cidade, assentou-se ao oriente da mesma e ali fez uma enramada e repousou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade”*.

Que cena! Um homem que foi salvo graças à infinita graça de Deus, agora se senta confortavelmente, esperando que Deus mude Sua decisão e destrua a cidade! Assim, sua vaidade seria satisfeita e sua reputação como um verdadeiro profeta será mantida! Que sentimento egoísta e miserável, quase sem igual na história do mundo!

Nossos pensamentos viajam até um outro Profeta, *“maior do que Jonas”* e *“maior do que Moisés”* (Deuteronômio 18.15), que numa época posterior assentou-se numa colina e ficou observando uma outra cidade, mais culpada perante Deus do que todas as outras, porque durante séculos havia sido a mais favorecida.

A última vez que o Senhor foi para Jerusalém foi seguindo a rota de Josué, através do Jordão. Em Jericó, a cidade não caiu a Seus pés como foi com Josué, porque Ele não veio para “destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las!” A bênção atingia a todos ao Seu redor, como Zaqueu e Bartimeu poderão testemunhar por toda a Eternidade.

Então, enquanto Ele seguia pelo Monte das Oliveiras, a cidade por muito tempo armada, mas também gravemente culpada, foi avistada e lágrimas encheram Seus olhos. *“Se conheceras por ti mesma ainda hoje o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra porque não reconheceste a oportunidade da tua visitação”* (Lucas 19.41-44).

Que manifestação de amor e de ternura vinda da parte dAquele que logo morreria naquela cidade! Ele, que chorou à vista de Jerusalém, é a mesma augusta Pessoa que disse a Oseias: *“Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?... Meu coração está comovido dentro em Mim”* (Oseias 11.8). Apesar de necessário, o juízo não deixa

de ser doloroso para o coração divino ao ser executado. Juízo é a sua *“obra estranha”* (Isaiás 28.11).

A esses maravilhosos sentimentos, o coração de Jonas era estranho. E o nosso? Como fiéis testemunhas de Deus, é o nosso dever alertar ao mundo cruel do juízo já sentenciado (e ai de nós se negligenciarmos fazer soar o alarme!), mas, como nós o fazemos? É com um espírito de acusação ou mediante um coração compassivo?

As nossas mentes se esqueceram do fato de que, se não fosse a infinita graça de Deus e o valor do sangue do Senhor Jesus Cristo, quem estaria a caminho do lago de fogo seríamos nós mesmos? Que Deus nos previna deste espírito farisaico enquanto proclamamos aquilo que certamente chegará como castigo aos que vivem sem Deus.

O Senhor ainda não tinha terminado com Jonas. Depois disso, Ele *“fez nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de livrá-lo do seu desconforto. Jonas, pois, se alegrou em extremo por causa da planta”*. Mais uma vez, como é bom o nosso Deus!

Vemos aqui um homem que merecia severo castigo e a quem Deus poderia ter, de forma justa, banido da Sua obra para sempre, recebendo alívio divino para o seu próprio mau temperamento. Mas este não foi o fim da história. O alívio foi curto, pois Deus preparou um verme *“o qual feriu a planta, e esta se secou”*.

Jó, após imensuráveis perdas – propriedades, servos, filhos, etc – *“lançou-se em terra, e adorou, e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei. O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!”* (Jó 1.20-21). E Aquele que sofreu muito mais do que Jonas ou do que Jó, quando tudo a Seu lado era doloroso, disse: *“Graças Te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra... Sim, ó Pai, porque assim foi do Teu agrado”* (Mateus 11.25-26).

Mas Jonas era rebelde. Por duas vezes lemos no seu livro sobre sua oração a Jeová: no ventre do peixe e ao oriente de Nínive. A primeira oração era o genuíno fruto de um coração quebrantado pela forte mão de Deus, e obteve resposta rápida. A segunda oração foi uma explosão de raiva, porque a sua jornada a Nínive não tinha obtido os resultados que ele queria. Duas vezes o profeta irritado disse: *“Melhor me é morrer do que viver”*.

Realmente, seria melhor a qualquer um de nós morrer do que viver se o nosso desejo não for *“proclamar as virtudes dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz”* (1 Pedro 2.9). Uma testemunha que mal apresenta a Quem o enviou é, no mínimo, inútil (quando não prejudicial) num mundo necessitado.

O verme enviado por Deus fez o seu serviço bem cedo, de manhã. Então o sol nasceu e surgiu um vento oriental. Jonas desfalecia e disse

a seu Senhor: *“É razoável a minha ira até a morte”*. Isso abriu espaço para o Senhor dizer-lhe estas profundas palavras: *“Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de ter Eu compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”!*

O livro termina abruptamente. Jonas podia tentar responder ao desafio da melhor forma que ele conseguisse e assim também o leitor de hoje pode responder a si mesmo. O Deus que nós conhecemos – revelado em Cristo – não poderia fazer outras coisas a não ser poupar a cidade arrependida. Mas o profeta não se conformava com isso. Sua dignidade pessoal estava em jogo (pelo menos, assim ele julgava), e ele preferia que Nínive fosse destruída, com sua imensa população de jovens e de velhos, do que ver suas palavras caírem por terra.

Ele teve “compaixão” de uma planta, porque tinha vantagens com ela, mas não havia compaixão em seu coração para centenas de milhares de almas. Se Jonas escreveu o seu livro algum tempo mais tarde, como parece provável, ele deve ter-se sentido envergonhado enquanto escrevia este último capítulo, debaixo da direção do Santo Espírito.

Não vamos esquecer a lição. Joguemos fora todo o orgulho e a autoimportância. Vamos aprender dizer com Paulo, eu *“nada sou”* (2 Coríntios 12.11). O apóstolo tinha aprendido o significado do seu batismo. Ele tinha aceitado, pela fé, a morte de Cristo como se fosse a sua própria. Sua dignidade foi considerada como perda por causa de Cristo. Sua única expectativa e esperança era que Cristo fosse glorificado no seu corpo, *“quer pela vida, quer pela morte, porquanto, para mim, o viver é Cristo”* (Filipenses 1.20-21).

“Sede meus imitadores, assim como eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11.1).

oOo

O Criador compassivo

O último versículo do livro de Jonas deveria ser considerado atentamente, porque nos revela o maravilhoso coração de Deus como Criador. Seu amor e compaixão pelos pecadores perdidos, são,

felizmente, familiares para nós. Estes sentimentos nos alcançaram pela mensagem do Evangelho.

A cruz de Cristo nos mostra, melhor do que qualquer outra coisa, o desejo sincero de Deus de que todos os homens sejam salvos e de que ninguém pereça eternamente. Mas Jonas 4.11 não é exatamente igual a João 3.16. Neste, nós ouvimos a voz do Filho de Deus, falando na terra; mas, naquele é o próprio Deus Criador que está falando, argumentando com o Seu servo teimoso. *“Não hei de Eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”*

Assim, Deus salvou a vida de mais de 120 mil pessoas em Nínive e de muitos animais, e foi motivo de alegria e júbilo para Ele o fato de que o arrependimento dos ninivitas e de seu rei permitiu que Ele retivesse a espada do julgamento, pelo menos temporariamente.

É deplorável quando os servos de Deus não estão em sintonia com os Seus planos. Quando o Senhor Jesus estava na terra, houve duas ocasiões quando a compaixão do Seu coração ficou especialmente evidenciada.

Em Mateus 9.36 Ele se preocupou com suas necessidades espirituais. A terra estava cheia de líderes religiosos, mas as pessoas não estavam alimentadas. *“Vendo Ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”*. Em Mateus 14.14 foi tocado por suas necessidades físicas. Ele viu *“uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos”*.

Milhares de homens, mulheres e crianças estavam à Sua volta, famintos e com muitos doentes. Mas os Seus discípulos não compartilhavam do sentimento do seu Mestre. Ao invés disso, eles disseram a Jesus que os despedisse, sem se preocupar com as consequências. Ter tantas pessoas à sua volta os molestava, e interferia no seu conforto!

Uma grande lição pode ser aprendida aqui! Nós vivemos e servimos no meio de um mundo que sofre cada dia um pouco mais com fome, miséria e violência, mas nossos corações realmente são movidos por essas necessidades universais?

O coração de Deus tem piedade pelas multidões, de jovens e de velhos, mas os nossos corações sentem o mesmo? Estão em sintonia com o Pai? É terrivelmente possível nos tornarmos tão frios, formais e técnicos em nosso serviço e não estarmos em harmonia com Aquele que nos enviou. Busquemos, sempre, nos aproximar mais da misericórdia e compaixão infinita de Deus.

Uma das faltas de Jonas foi o seu nacionalismo intenso. Ele se regozijava com o perdão divino concedido ao Seu povo, mesmo quando gravemente culpados, mas ele não conseguia se alegrar em ver o mesmo perdão sendo concedido aos outros.

Isto nos faz lembrar das perguntas do apóstolo em Romanos 3.2-30: *“É, porventura, Deus somente dos judeus? Não é também dos gentios?”*. E da resposta: *“Sim, também dos gentios, visto que Deus é um só”*. *“Para com Ele não há aceção de pessoas”* (Efésios 6.9).

Paulo amava sua própria nação e desejava muito que ela fosse salva (Romanos 10.1). Num momento de extremo fervor ele chegou a desejar que fosse ele amaldiçoado para que seus conterrâneos fossem salvos (Romanos 9.3).

A oração de autossacrifício de Moisés e o desejo momentâneo de Paulo são aceitáveis perante Deus como prova de amor aos outros, mas em nenhuma circunstância os pecadores podem ser salvos pelo autossacrifício de pregadores.

Mas Paulo não amava apenas a Israel. Seu coração também se voltava aos incircuncisos até os confins da terra. Ele se deleitava em pregar o Senhor Jesus Cristo onde Ele nunca tinha sido antes pregado (Romanos 15.20).

Ele não poderia ter dito mais sobre a grandeza da graça divina, ou mais explicitamente, do que em Romanos 10.12-13: *“Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que O invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”*.

Ao contrário de Jonas, Paulo era até ressentido com os judeus. Quando ele falou aos judeus das escada do castelo em Jerusalém, eles ouviram enquanto ele lhes relatava as palavras do Senhor: *“Vai porque Eu te enviarei para longe aos gentios”*. Então eles se enfureceram e gritaram: *“Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva”* (Atos 22.21-22).

Quando ele estava escrevendo sobre as ofensas cometidas pelos judeus, ele inclui, em 1 Tessalonicenses 2.16, dizendo que eles chegaram ao *“ponto de o impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos; a fim de irem enchendo sempre a medida dos seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”*. Seu nacionalismo os fazia tentar de impedir que o Evangelho, o mesmo que eles tinham rejeitado, fosse espalhado ao mundo!

O mundo todo está tumultuado, condenado às chamas enquanto estas palavras são escritas (**N. do E.:** O livro foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial). Deus, pelo Seu justo julgamento, permitirá quer chegue ao mundo uma destruição incalculável. Mas Ele cessou de cuidar das Suas criaturas? Ele não é mais o *“Rei das nações”* (Jeremias

10.7)? Ele não mais *“opera, segundo a sua vontade, com o exército do céu e com os moradores da terra”* (Daniel 4.35)?

Sua mão tem caído sobre as nações, de todo os continentes, porque elas têm negligenciado a Sua Palavra, por causa de seu crescente desprezo por aquilo que é divino.

O coração de Deus se inclina e anseia por todos os homens. Seu interesse não se resume a uma única nação ou a um seleto grupo de nações. Ele nunca esteve num relacionamento com uma nação em particular, além de Israel, e para Israel a sentença de *“Lo-Ammik”*, ou seja, de *“Não-Meu-Povo”* (Oseias 1.9), foi dada há muitos anos atrás e ainda não foi retirada. O Criador compassivo nunca deixa Suas criaturas, apesar de errantes, à mercê de suas aflições, e Ele quer que Seus santos compartilhem da Sua compaixão.

Isaías estava profundamente aflito ao pronunciar juízo sobre Moabe, inimigo do seu povo. *“Meu coração clama por Moabe”* (Isaías 15.5). *“Por Moabe vibra como harpa o Meu íntimo e o Meu coração por Quis-Heres”* (Isaías 16.11).

Similarmente, quando a destruição da Babilônia veio a ele numa visão, ele clamou: *“Os meus lombos estão cheios de angústias; dores se apoderaram de mim como as de parturiente”* (Isaías 21.3). No livro de Jeremias lemos: *“O meu coração geme como flautas por causa de Moabe”* (48.31-36).

Qual é a nossa posição para com este tipo de sentimentos, nestes dias de singular devastação e tristeza? A pressão pública vai encher nossas mentes com sentimentos nacionalistas se nós não permitirmos estar debaixo de sua influência. Contra isso, os santos de Deus devem estar sempre prevenidos.

Como casa de Deus (Hebreus 3.6), devemos ser uma *“casa de oração para todos os povos”* (Marcos 11.17; Isaías 56.7) e somos exortados em 1 Timóteo 2 a fazermos *“súplicas, orações, intercessões e ações de graças em favor de todos os homens”*, de qualquer nacionalidade, e por reis e os que estão investidos de autoridade, sejam amigáveis ou não. Apenas assim estaremos aptos a ajudar os homens em suas calamidades.

O grande princípio distintivo do Cristianismo vem nos ajudar nisto. Deus está visitando a todos os povos *“a fim de constituir entre eles um povo para o Seu Nome”* (Atos 15.14). Desta maneira, há discípulos em todas as nações, e se todos eles, conscientes de sua união com Cristo, o Cabeça, clamarem a Deus em comum acordo, o alívio virá sobre as nações, nas quais temos servido e vivido, de maneira imensurável.

O coração divino está cheio de compaixão. Se não sentimos o mesmo, é para vergonha nossa.

Um tipo de Israel

Já foi mencionado anteriormente como o livro de Jonas é profético em seu caráter, apesar de não conter profecias como as que encontramos em Isaías, Ezequiel, etc. O Cristo que estava por vir é claramente simbolizado nos três dias de permanência de Jonas no ventre do peixe.

Foi uma grande honra para Jonas ser divinamente escolhido para levar uma mensagem de Deus a Nínive, a imponente capital da maior nação da terra durante aqueles dias. Jonas deveria ter-se empenhado em compartilhar os sentimentos de Jeová, para assim representá-LO fielmente aos pagãos. Mas nesta matéria o profeta falhou miseravelmente. *“Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor, os Meus servos a quem escolhi”* (Isaías 4.10).

O mais desatento leitor do Antigo Testamento não pode deixar de notar que Israel ocupa o centro da visão de Deus. Cerca de 400 anos depois do Dilúvio, quando todas as nações recém formadas já viviam na idolatria, Deus chamou a Abraão e o abençoou, mas com o objetivo de abençoar a todos os povos. *“Em ti serão benditas todas as famílias da terra”* (Gênesis 12.3). Esta mensagem é repetida em Gênesis 22.17-18: *“A tua descendência possuirá a cidade de seus inimigos, e nela serão benditas todas as nações da terra”*.

Deus nunca quis que esta posição de graça fosse exclusiva. O santuário de Israel deveria ser uma *“casa de oração para todos os povos”* (Isaías 56.7). Não nos parece que Israel deveria ser um povo missionário, propagando a todos o único Deus verdadeiro, que eles conheciam, mas certamente eles deveriam ser um povo modelo.

Com leis perfeitas, recebidas diretamente do céu, todos os caminhos deveriam agradar a Deus, sendo uma repreensão às nações ao seu redor. Mas, infelizmente, eles não foram fiéis à sua privilegiada posição de santificados para Deus (que teria abençoado ao mundo por eles). Copiaram os maus caminhos dos povos vizinhos e trouxeram sobre si mesmos esta grave censura: *“O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa”* (Romanos 2.24).

Será um grande dia para o mundo quando Zacarias 8.23 se cumprir: *“Assim diz o Senhor dos Exércitos: naquele dia sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas da terra, pegarão, sim, na orla*

da veste de um judeu, e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco”.

Assim como a infidelidade de Jonas trouxe uma tempestade sobre os marinheiros, assim também a infidelidade de Israel trouxe problemas às nações em geral, como os trouxe também sobre as suas próprias cabeças. Quando Jeová não mais tolerou a iniquidade do povo escolhido, Ele enviou Nabucodonosor para castigar tanto a eles como as nações ao seu redor. Todo o sistema de nações, do qual Israel estabelecido divinamente compunha o centro, foi quebrado. A descendência de Abraão assim se tornou em maldição para o mundo e não mais em bênção.

A paciência do Senhor para com Jonas e sua nação é muito interessante. Quão graciosamente Ele pleiteou com o perverso profeta. Quão graciosamente Ele tolerou a hipocrisia dos judeus remanescentes desde os dias de Esdras até os dias do Senhor Jesus! Mesmo então, sendo alvo do seu ódio, o Senhor Jesus disse que a figueira infrutífera ainda teria mais um ano (Lucas 13.6-9).

Mas quando o testemunho do Espírito Santo veio, depois da ascensão de Jesus Cristo, e foi rejeitado, mais uma vez Israel foi lançado fora de sua terra e espalhado entre os povos da terra. Jonas lançado ao mar tipifica isto. O povo escolhido é hoje a nação mais odiada de todas e toda a terra mergulhou em confusão e desastre pelas terríveis transgressões às quais Israel abriu caminho.

Mas o transbordar da graça de Deus não é detido pelo pecado do homem; assim, enquanto Israel continua obstinado, o Espírito Santo trabalha entre os gentios, ajuntando, dentre eles, milhões para as bênçãos celestiais. Estes irão se relacionar com Cristo como Seu Corpo e Sua noiva para sempre.

A queda de Israel se reverteu em riqueza para o mundo e sua perda foi o ganho dos gentios (Romanos 11.12). Enquanto centenas de milhares de pessoas de Ninive se alegravam, pela misericórdia de Deus, Jonas não se agradou daquilo e se irritou. Semelhantemente, quando alguns crentes gentios em Antioquia estavam alegres e cheios do Espírito, os judeus *“tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava”* (Atos 13.45).

Uma grande e maravilhosa mudança está chegando. A cegueira de Israel não é final. Quando a plenitude dos gentios estiver reunida, *“todo o Israel será salvo”* (Romanos 11.25-26). Isto se refere ao remanescente que crerá, *“porque nem todos os de Israel são de fato israelitas”* (Romanos 9.6). Os rebeldes obstinados serão separados (Ezequiel 20.38). A nação restaurada será posta diante do mundo como se tivesse sido levantada da morte. Isto é profetizado pela visão de um vale de ossos secos em Ezequiel 37.

Esta lição também é ensinada em Daniel 12.2 (uma passagem frequentemente mal entendida). A morte individual não está em vista, mas, sim, a da nação. Depois de séculos de degradação, eles serão levantados do pó, novamente. O remanescente crente gozará a vida eterna (em condições terrenas) e os rebeldes serão condenados à vergonha e desprezo eterno. A reaparição de Jonas depois de três dias no coração dos oceanos tipifica este fato. Passagens como Romanos 11.5 e Oseias 6.2 também devem ser lidas para melhor entendimento destes fatos.

Sendo, eles mesmos, alvos da misericórdia divina, as pessoas, diferentemente de Jonas, se alegrariam ao ver outros sendo atingidos pela mesma misericórdia. O Salmo 67 nos mostra a linguagem jubilosa daquele dia. Note as *expressões* “*todos os povos*”, “*todos os confins da terra*”. “*Cantai ao Senhor um cântico novo; cantai ao Senhor, todas as terras*” (Salmo 96.1). Mas Jonas não cantou de alegria quando contemplou a bondade de Deus para com os ninivitas!

Toda a terra será abençoada com a vinda do Senhor Jesus e Israel, completamente livre desse espírito de Jonas, se alegrará com isto. Deus não será meramente conhecido como Criador, mas como Jeová, o fiel cumpridor de Suas promessas. “*Me farei a conhecer aos olhos de muitas nações; e saberão que Eu sou o Senhor*” (Ezequiel 38.23). Esse abençoado resultado foi obtido na vida dos marinheiros que iam para Tarsis com Jonas. Eles se converteram dos seus deuses vazios e “*ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos*” (1.16).

Quando Israel, depois de séculos de antagonismo a Deus e aos Seus caminhos, perceber quão maravilhosamente Ele tem trabalhado, eles dirão junto com o apóstolo: “*Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos e quão inescrutáveis os Seus caminhos*” (Romanos 11.33).

Numa deplorável imitação dos irmãos de José, eles intentaram o mal em tudo o que fizeram a Cristo e aos Seus santos, mas Deus, em Sua perfeita sabedoria, tornou o mal em bem (Gênesis 50.20). Ele será vitorioso sobre todos os empenhos do inimigo e todo propósito de Sua graça será gloriosamente cumprido.

Infelizmente, o livro de Jonas termina com o profeta murmurando do lado de fora da cidade, enquanto, dentro da cidade, havia alegria e paz. Nisto, Jonas não é um tipo de sua própria nação. Israel será o centro e o coração desta época futura, de bênção universal. O Cristo, antes rejeitado, agora estará em honra e glória no meio de Israel e, assim, as pessoas estarão felizes tanto consigo mesmas quanto em ver que os outros, até os confins da terra, também estão felizes.

Deus nos conceda uma verdadeira grandeza de coração. Apenas assim seremos capazes de entender e aprovar Seus caminhos e encontrar riqueza para nossas almas.

oOo

A destruição de Nínive

Estes estudos não estariam completos se faltassem referências à história de Nínive, a grande cidade na qual Jonas pregou, obtendo resultados que nunca serão esquecidos. Ela foi fundada por Ninrode (Gênesis 10.11). Foi edificada perto do Rio Tigre, um dos afluentes do rio que saía do Jardim do Éden (Gênesis 2.13-14).

Mas onde está Nínive atualmente? Existem muitas ruínas das quais muitos objetos já foram retirados em escavações e agora estão em museus da Europa e da América. A cidade foi tomada e destruída pelos medos, em 625 a.C.. Nenhum esforço para reconstruí-la foi feito e não é da vontade de Deus que aquela cidade seja reconstruída.

Sua destruição foi profetizada, com muitos detalhes, por Naum – também um profeta galileu, como Jonas. O livro de Naum foi escrito cerca de 100 anos após o de Jonas ter sido escrito e a ruína predita chegou 100 anos mais tarde. Quem fez com que Naum visse o grande desastre que cairia sobre aquela cidade? O princípio básico das Escrituras é que elas são inspiradas e isto não é muito crido em nossos dias, mas, se Deus é Deus, é tão fácil para Ele falar do futuro quanto do presente. Este foi o desafio aos deuses pagãos. *“Anunciai-nos as coisas que hão de acontecer; relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para elas, e saibamos se se cumpriram; ou fazei-nos ouvir as coisas futuras”* (Isaías 41.22).

O livro de Naum começa assim: *“Sentença contra Nínive”*. A palavra “sentença” ocorre várias vezes nos livros proféticos do Antigo Testamento. Significa uma mensagem pesada, uma mensagem de juízo, uma mensagem que prostra a alma daquele que a recebe.

Nínive era a capital do império da Assíria e é a cidade não o império que é denunciado no livro de Naum. E no livro de Isaías todo o império é condenado, mas não há menção especial de sua capital. Esta distinção é importante.

Nos maravilhosos planos de Deus, a Assíria será restaurada e abençoada durante a era do Reino (Isaías 19.23-25), mas sua orgulhosa capital nunca será erguida de novo. Porquê?

A razão é que Nínive foi singularmente favorecida por Deus em seus dias. Ele enviou Jonas numa missão especial e toda a população se arrependeu e clamou a Deus por misericórdia. Não nos parece que os ninivitas chegaram ao conhecimento de Jeová como os marinheiros chegaram após aquela tempestade, mas Deus não despreza o arrependimento de uma nação. Que maravilha seria em nossos dias se qualquer uma das contenciosas nações de hoje se prostrassem perante Deus!

No Seu justo governo, Ele castiga muitas nações enquanto estas palavras são escritas, segundo elas merecem, num castigo de maior ou menor grau. Quanta alegria traria ao nosso coração saber que algum rei, ou presidente, ou primeiro ministro, dissesse ao seu povo que se arrependesse, e que todos humildemente obedecessem!

Naum diz que *“o Senhor é Deus zeloso e vingativo, o Senhor é vingador e cheio de ira, o Senhor toma vingança contra os Seus adversários, e reserva a indignação para os Seus inimigos”*, que Ele *“o Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia, e conhece os que nEle se refugiam”* (Naum 1.2-3, 7).

Deus é, de fato, tardio em irar-se. O mal dos povos de Canaã já era grande nos dias de Abraão, mas, mesmo assim, o Senhor reteve o Seu juízo por 400 anos, porque disse o Senhor: *“ainda não se encheu a medida da iniquidade dos amorreus”* (Gênesis 15.16).

Pelas palavras de Raabe, ditas aos espias, sabemos que as nações pecadoras estavam cômnicas de que o juízo de Deus estava chegando com os hebreus. Ela disse: *“Bem sei que o Senhor vos deu esta terra, e que o pavor que infundis caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desmaiados”*. Eles tinham ouvido acerca da pesada mão de Deus caindo sobre o Egito e sobre a vitória sobre os reis amorreus Seom e Ogue e, mesmo assim, não houve arrependimento de sua parte.

Nínive recebeu 40 dias como tempo para mudança, que aconteceu e que foi aceita perante Deus, mas o povo logo retornou aos seus caminhos pecaminosos. Por isso, *“ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo”* (Naum 3.1).o já mencionamos foi escrito cerca de 100 anos depois de Jonas, e o cumprimento do juízo profetizado demorou ainda mais outro século. Já mencionamos também que a cidade de Nínive nunca será erguida novamente, mas, em contraste com isso, vemos que Sodoma e suas cidades vizinhas, serão, por Deus, restauradas (Ezequiel 16.55). Isso parece estranho?

A explicação é que Nínive foi favorecida por Deus com uma especial mensagem para se arrepender, mas as gerações seguintes desprezaram o fato e voltaram à velha maneira de agir. Mas Sodoma nunca foi favorecida como Nínive foi.

Em Mateus 11.24 escutamos nosso Senhor dizer que seria mais tolerante com a terra de Sodoma no dia do julgamento do que com Cafarnaum, cidade que foi honrada com a Sua presença, ministério e milagres. A graça divina traz julgamento severo.

Em Lucas 12.47-48 o Senhor distingue aqueles que conhecem Sua vontade e não a fazem daqueles que pecam sem conhecê-la. Ele diz: *“Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão”*.

À luz destas palavras do Senhor, que dizer das pessoas da Grã Bretanha? Em qual parte da terra o Evangelho tem sido mais pregado do que neste país? As pessoas tão privilegiadas recebem uma grande responsabilidade e seu juízo será compatível com o tamanho do privilégio que receberam. A história diz que a inundação da cidade pelo rio facilitou a captura pelos medos. Naum 2.6 parece dizer exatamente isto. A Assíria – a nação – ainda será abençoada, mas acerca da antes favorecida cidade de Nínive o Senhor diz: *“Eis que Eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos”* (v. 13). Profundas e solenes palavras! Realmente, *“horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”* (Hebreus 10.31).

O comportamento de Jonas como testemunha de Jeová à cidade pecadora foi muito repreensível. Ele estava evidentemente cheio de si enquanto caminhava pelas ruas de Nínive, a cidade mais importante da terra em seu tempo, e profetizando a sua destruição. Quando a sentença foi revogada, depois do arrependimento do povo, Jonas deveria ter-se alegrado. Ao invés disso, ele se irritou! Sua dignidade foi tocada! Que mesquinhez mais carnal! Quão pronta a carne está para se revestir de importância, mesmo no ministério da palavra de Deus! Se o profeta estivesse realmente perto de Deus, ele se teria deleitado em proclamar que Deus é um Deus gracioso, misericordioso, tardio em irar-se e que se arrepende do mal (4.2).

A própria nação de Jonas, tão persistentemente infiel, provou este fato repetidas vezes; porque os outros, menos favorecidos, e por isso menos culpados, não poderiam experimentar também o perdão e a misericórdia de Deus?

Quão abençoados nós somos de viver nesta dispensação do Evangelho! Vamos festejar, em nossas almas, com as palavras do Senhor Jesus: *“Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele. Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”* (João 3.17-18). *“Em verdade, em verdade vos digo: Quem ouve a Minha palavra e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”* (João 5.24).

.oOo.

SEGUNDA PARTE:

Balaão,

O falso profeta

“Tu o

tens visto”

Balaão e seus maus atos são contados em oito livros das Sagradas Escrituras: cinco deles no Antigo Testamento e três no Novo Testamento. Este fato é suficiente para provar a gravidade de suas atividades na avaliação de Deus.

A última menção de Balaão e de Balaque é na carta à igreja de Pérgamo (Apocalipse 2.14). Podemos concluir, com isso, que a maldade de Balaão e de Balaque foi reproduzida dentro do círculo cristão. Portanto, é importante que cada crente no Senhor Jesus procure entender o que está por trás de suas palavras e caminhos.

Balaão entra em cena na história de Israel nos últimos dias dos quarenta anos de peregrinação no deserto. Arão morrera aos 123 anos, no primeiro dia do quinto mês no quadragésimo ano. O povo tinha chegado ao oitavo acampamento depois da morte de Arão quando Balaão e Balaque conspiraram contra Israel (Números 33.38-48).

A questão que surge, então, é: como Moisés tomou conhecimento dos fatos registrados em Números 22-24? São os fatos que ocorrem nos bastidores e que acabaram por afetar o povo de Deus. Ninguém no arraial de Israel poderia saber das negociações entre Moabe e Amaleque para formar uma aliança contra os hebreus; nem poderiam saber do que foi dito e feito na casa de Balaão, na distante Mesopotâmia, e na estranha jornada na qual até uma jumenta repreendeu ao seu dono por sua insensatez.

Além disso, como as palavras de Balaão foram ditas do monte, olhando para o acampamento israelita que estava embaixo, ninguém do arraial poderia perceber alguma coisa do que se passava acima. Para completar, o povo estava muito mais preocupado em murmurar do que em pensar em qualquer outra coisa! Como, então, o inspirado escritor conheceu a história dos atos de Balaão, cujas palavras foram registradas tão detalhadamente?

Moisés deve ter recebido tudo rapidamente, pois estas coisas aconteceram durante as últimas semanas da sua vida.

A resposta a esta questão é simples: Moisés recebeu toda a história por direta revelação da parte de Deus. Deus sabia, mesmo que o seu povo não soubesse, tudo o que os homens maus, incitados por Satanás, tramavam contra o povo escolhido e, no Seu amor imutável para com eles, não obstante a sua infidelidade. Ele interveio e frustrou os desígnios do inimigo. Ele até compeliu o mercenário adivinhador a dizer exatamente o contrário do que ele pretendia dizer! Nosso Deus é maravilhoso!

Os maliciosos conspiradores nem cogitaram no fato de que Deus estava tomando nota de tudo e de que a história dos seus atos seria registrada com autoridade divina para ser lida por homens em todas as eras futuras!

O oficial romano Cláudio Lísias também não pensou que sua carta mentirosa ao governador Félix acerca de Paulo seria preservada por Deus para ser inserida em Sua Sagrada Palavra (Atos 23.25-30).

Nunca esqueçamos que tudo aquilo que nós dizemos ou fazemos em relação a pessoas de quem não gostamos, e que esperamos que elas nunca saibam, é visto e gravado por nosso onisciente Senhor. Toda palavra ou ato malicioso será contado: *“No dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens”!* (Romanos 2.16).

Ouçã as palavras ditas por Quem se sentará no trono para julgar neste dia: *“Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo”* (Mateus 12.36).

Revelação divina é a única explicação para outros capítulos, além de Números 22 a 24. Tome, como exemplo, os dois primeiros capítulos de Gênesis. Neles nos é contado tudo o que Deus fez e falou, dia após dia, durante Seu grande trabalho de preparação da terra para a habitação humana, e, quando chegou o momento de criar o homem, Deus disse: *“Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança; tenha ele domínio...!”*

Certamente, não havia, diante de Deus, um escriba esforçando-se para registrar tudo o que o Criador fazia e falava naqueles dias maravilhosos e nós teríamos permanecido eternamente na ignorância de tais fatos se Deus não tivesse revelado toda a história ao escritor. Desta forma, nós vemos como tudo está ligado à mesma fonte – Deus. Quem questiona a possibilidade ou a realidade da divina revelação não pode sequer ser chamado de cristão.

Quando Jeová contou a Moisés sobre a diabólica conspiração contra Israel, Moisés poderia muito bem ter respondido assim como o salmista: *“Tu, porém, o tens visto, porque atentas aos trabalhos e à dor, para que os possas tomar em Tuas mãos... quebranta o braço do perverso e do malvado, esquadrinha-lhes a maldade, até nada mais achares”* (Salmo 10.14-15).

Quando contou ao povo os perigos que os ameaçavam, Moisés disse: *“Porque alugaram contra ti a Balaão, filho de Beor, de Petor, da Mesopotâmia, para te amaldiçoar. Porém o Senhor teu Deus não quis ouvir a Balaão, antes trocou em bênção a maldição, porquanto o Senhor teu Deus te amava”* (Deuteronômio 23.4-5).

Que preciosas palavras: *“O Senhor teu Deus te amava”!* Mas quão falha a resposta dos infieis corações humanos a este amor!

O temor de Balaque

Quando Moisés e os filhos de Israel cantaram seu cântico de triunfo às margens do Mar Vermelho, eles disseram: “*Os povos o ouviram, eles estremeçam..., dos poderosos de Moabe se apodera o temor..., sobre eles cai espanto e pavor*” (Êxodo 15.14-16). Isso se cumpriu quando o rei de Moabe e seu povo encontraram os peregrinos de Jeová acampados nas suas fronteiras.

Havia 601.730 homens capazes de utilizar armas no acampamento de Israel; com mulheres e crianças, o número de pessoas provavelmente subia a três milhões de almas, um vasto povo.

Balaque estava alarmado; principalmente porque Israel havia recentemente destruído três poderes militares que se aventuraram a colocar-se em seu caminho. O rei de Arade havia caído; também Seom, rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã, foram vencidos. Seom havia, há algum tempo atrás, guerreado contra Moabe e anexado parte do seu território. Como, então, Balaque pretendia lutar contra um povo que destruíra seu vizinho poderoso?

Quando homens estão com problemas, quase sempre eles se voltam para Deus. Ele está interessado nos problemas de uma nação assim como também está interessado nas dificuldades individuais de cada homem ou mulher, mas Balaque nada sabia a respeito de Deus.

Se os líderes dos nossos dias humildemente depositassem seus problemas diante de Deus, muita tristeza e destruição seriam evitadas.

Josafá e Ezequias são dois bons exemplos de reis que se humilharam perante Deus em momentos de angústia nacional (2 Crônicas 20; 2 Reis 19).

Na verdade, Balaque não tinha nada a temer. O Senhor já havia dito a Moisés: “*Não molestes a Moabe e não contendas com eles em peleja, porque te não darei possessão da sua terra*” (Deuteronômio 2.9). Deus tinha em vista algo melhor para Israel do que a terra de Moabe. Tipifica os homens que vivem no conforto, satisfeitos consigo mesmos. “*Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade, e tem repousado nas fezes de seu vinho*” (Jeremias 48.11). Orgulhosos, arrogantes e jactanciosos (Isaías 16.6).

Os santos de Deus de hoje não devem invejar homens que parecem ter uma vida mais tranquila e melhor. “*Bendito o Deus e Pai de nosso*

Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestes em Cristo” (Efésios 1.3). Asafe, quando se afastou de Deus, invejou a prosperidade dos maus, mas, quando ele entrou no santuário e contemplou as coisas como Deus as vê, ele recuperou seu equilíbrio espiritual (Salmo 73).

Não sabendo nada sobre Deus, Balaque apressou-se em formar aliança com os midianitas e com os amonitas (Números 22.4; Deuteronômio 23.3-4). Mas ele não estava satisfeito com o poder militar para se opor aos conquistadores de Hesbom e de Basã. Então ele enviou mensageiros a um conhecido adivinho, Balaão, filho de Beor, que morava na Mesopotamia.

As vitórias de Israel já tinham sido consideradas pelos povos como sendo por intervenção do poder divino. Raabe, por exemplo, disse aos espias: *“Porque temos ouvido que o Senhor secou as águas do Mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito, e também ao que fizestes aos dois reis dos amorreus, a Seom e a Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo”* (Josué 2.10-11).

Ao buscar Balaão, Balaque pretendia opor o sobrenatural ao sobrenatural. O profeta Balaão tinha a reputação de ter influência no mundo invisível: *“Vem, pois, rogo-te, e amaldiçoa-me este povo... porque sei que, a quem tu abençoares será abençoado; e a quem tu amaldiçoares será amaldiçoado”* (Números 22.6).

Este rei tinha algum conhecimento de Deus, mas nenhuma convivência com o Deus verdadeiro! Ele invocou o nome de Deus nas suas nefastas práticas tentando dar a elas um ar de respeitabilidade. Muitas pessoas são enganadas por esse uso indevido do nome de Deus. Balaão é o que hoje se chama de “espiritualistas”. “Espíritas” ou “Demonistas” seriam nomes mais apropriados. Os modernos espiritualistas se dividem em duas classes: existem aqueles que deixam Deus de fora de suas pretensões, de suas palavras e atividades (que são, pelo menos, honestos) e existem aqueles que se denominam “cristãos espiritualistas”. Esta última classe é particularmente perigosa, porque estes não são dias em que a Bíblia é lida e muitas almas são facilmente levadas pelo simples uso da palavra “cristão”.

Em muitos casos, o clero também se envolve neste grande mal e até o recomenda como auxílio para estudos e pregações. A verdade é que não há conexão possível entre Cristianismo e Espiritualismo. Deus, em Sua Palavra, explicitamente em Deuteronômio 18.9-14, condena totalmente essa iniquidade em todas as suas formas. Isto é apostasia, é virar as costas para Deus e para a Sua verdade revelada. É pura comunicação com demônios e ruína certa para quem o pratica.

Canaã estava cheia disso quando as hostes de Israel adentraram na terra e eles foram instruídos por Deus para exterminar esta prática. De fato, a prevalência desta prática particularmente má foi uma das principais causas de o santo justo Deus não mais tolerar a permanência das sete nações de Canaã na terra.

oOo

Os invisíveis poderes do mal

Não há dúvida de que estamos cercados por um vasto mundo de espíritos, alguns bons, outros maus. Os bons são aqueles que permanecem em submissão ao Criador; os maus são aqueles que se revoltaram contra Deus, seguindo a liderança e o exemplo de Satanás. E tanto os bons quanto os maus se interessam na vida humana; os primeiros se deliciam com a sua bênção e os últimos procuram levá-los à ruína.

Existem três fatos a respeito do mundo espiritual na epístola aos Efésios nos quais nos devemos deter por um momento.

Em 1.20-21, lemos da posição de Cristo neste mundo. Ele está assentado “à direita de Deus, nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio”. Não importa quão poderosas sejam as forças espirituais do Universo, Cristo é superior a todas elas, e todas têm que reconhecer o Seu Senhorio.

No versículo 10 do capítulo 3 nos é dito que “*pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais*”. Estes são espíritos santos que observam com interesse altruísta aquilo que Deus está fazendo aos Seus remidos e eles admiram a sabedoria dos Seus caminhos. Pedro diz que eles “*anelam perscrutar*” tais coisas (1 Pedro 1.12).

E, em Efésios 6.12, nós aprendemos que o conflito que o cristão enfrenta é “*contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes*”.

As forças espirituais são altamente organizadas (lemos de “*príncipes*” que governam sobre eles em Daniel 10.13) e o seu poder é enorme. Eles agem sobre indivíduos, levando-os à destruição e também têm influência sobre o curso dos negócios humanos; são largamente responsáveis por desastres que sobrevêm aos homens de tempos em tempos. Reis e autoridades, não importa quão talentosos e bem

intencionados possam ser, são como marionetes nas mãos de espíritos diabólicos, se não tiverem aprendido a necessidade da total dependência de Deus.

Vamos explicar com mais detalhes para que ninguém deixe de entender. Não estamos referindo-nos aos espíritos de homens e mulheres que partiram. Estes espíritos não interferem na vida humana, mesmo se souberem algo a respeito, o que é duvidoso. Estamos falando de anjos, sejam bons ou sejam maus. Os homens sempre desejaram atravessar o véu que separa o visível do invisível. Tal curiosidade é perigosa ao extremo e aqueles que se arriscam se expõem à tirania de seres muito superiores em poder e astúcia, que se deliciam em causar ruína eterna às almas humanas.

Foi da vontade de Deus graciosamente instruir a Seus santos e fazer-lhes ver lampejos daquilo que se passa no mundo invisível. Ele deseja que os Seus, que estão no mundo para testemunhar dEle, tenham algum conhecimento das terríveis entidades que estão constante e persistentemente trabalhando para a destruição da raça humana.

Desta forma, nos preservamos da ilusão satânica e estamos aptos a avisar aos outros. Daniel 10.1; 12.4; 1 Reis 22.14-23 e Apocalipse 16.12-16 são passagens que deveriam ser cuidadosamente examinadas por todo cristão.

Em Daniel capítulo 10, encontramos o profeta por três semanas jejuando e orando com relação ao futuro do povo de Israel. Ao fim desse período, um anjo chegou a ele, dizendo que tinha sido enviado desde o primeiro dia, “mas”, disse o anjo, “o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias” (verso 13). De quê o anjo está falando? Não de um homem, com certeza, pois como poderia o soberano persa atrasar um anjo vindo dos céus com a resposta às orações do profeta? Como o príncipe humano da Pérsia poderia sequer saber que Daniel estivera orando?

O anjo está falando de um poderoso espírito, um que se intrometera na política do Império Persa. Então, no verso 20, lemos: “*Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia*”. É praticamente impossível saber com exatidão ao que o anjo se refere. Ele fala sobre movimento de “ataque e contra-ataque” no mundo espiritual, resultando em conflitos sobre a terra.

Se a mensagem do anjo for lida até o fim (12.4), veremos muitas ações da parte de reis e autoridades, incitados por Satã; veremos também que Israel ocupa o centro dos caminhos de Deus com relação à terra e que o arcanjo Miguel tem um lugar especial nos planos de Deus para com Israel e que, no devido tempo, ele agirá poderosamente em seu favor (Daniel 12.1). Em adição a esta interessante passagem de

Daniel, as passagens de Zacarias 1.7-11, 3.1-5 e 6.1-8 também deveriam ser atentamente consideradas.

Vamos agora para 1 Reis 22.14-23. Acabe, o rei mau e obstinado de Israel, estava disposto a guerrear com a Síria para recuperar Ramote-Gileade. Seu aliado, Josafá, rei de Judá (piedoso, mas fraco e mal instruído) desejava saber o que Jeová teria a dizer sobre o combate. O fiel profeta Micaías foi tirado da prisão e em algumas palavras contou uma visão celestial. O Senhor Jeová estava assentado no Seu trono, cercado das hostes celestiais. Sua paciência com Acabe se havia esgotado e Ele chamou por um voluntário que induziria o homem a ir à guerra. Depois de alguma discussão, um espírito se propôs a ir e pôs mentiras na boca de todos os profetas do rei. Deus respondeu: *“Sai e faze-o assim”*.

Não há palavras que expliquem adequadamente a solenidade e importância disto. A guerra de Israel com a Síria tinha sido arranjada no mundo espiritual e Acabe, cegado por Satanás, não quis ouvir ao profeta. A fiel testemunha de Deus foi mandada de volta à prisão e o rei se dirigiu à sua morte.

Apocalipse 16.12-16 descreve brevemente o último ajuntamento das nações para uma batalha. A horrível palavra *“Armagedom”* é encontrada aqui. As forças espirituais serão responsáveis pelo conflito final. *“Vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande dia do Deus Todo-Poderoso”*.

A linguagem é simbólica, sem dúvida, mas o seu significado é claro demais para não ser entendido. Já que as Escrituras têm sido cada vez mais negligenciadas e desacreditadas, os homens irão ouvir e dar crédito a *“espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras”* (1 Timóteo 4.1-2). Este é o terrível efeito do veneno de incredulidade injetado pela serpente nas mentes de Eva e de Adão desde o princípio! (Gênesis 3.1).

Um dos livros mais antigos da Bíblia nos mostra as maliciosas atividades de Satã contra indivíduos.

Quando vários desastres ocorreram com Jó, ele não tinha a menor ideia de que havia sido assunto de uma conversa nos céus. O Senhor tinha observado os seus caminhos com muito prazer; Satanás também os observara, mas com olhos malignos. Quando o Senhor mencionou Jó, Satanás respondeu insinuando que Jó só servia a Deus para sua própria vantagem. Deus, por causa disso, permitiu que o inimigo tirasse tudo aquilo que Deus lhe havia dado, e Jó não renunciou a seu Deus.

Em uma segunda conversa, Satanás disse que os problemas ainda não tinham sido suficientes e que, se Deus tocasse na pessoa de Jó, veria o que aquele homem realmente era. Quando os amigos de Jó ouviram de seus problemas e foram visitá-lo, o encontraram coberto de chagas e sentado sobre cinza; suas palavras e até as palavras de Jô mostraram que nenhum deles entendia o que se passava. Mas Jó se apegou ao seu Deus, apesar de Sua estranha maneira de agir e, no fim, Jó foi ricamente abençoado, muito mais do que fora antes.

As Escrituras que examinamos nos mostram um pouco da hostilidade de Satanás e de seus anjos para com Deus e para com os homens, coletiva ou individualmente.

Um grande dia está chegando, cada vez mais próximo, quando haverá um grande conflito de forças espirituais que terá lugar nas alturas, como resultado da expulsão de Satanás e de seus anjos dos céus, para nunca mais terem acesso àquelas regiões. Então será ouvido o grito de triunfo dos santos glorificados: *“Agora veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do Seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia, e de noite, diante do nosso Deus”* (Apocalipse 12.12).

Tendo algum conhecimento destas terríveis forças do mal, Balaão deseja ser uma ferramenta para a destruição do povo de Deus, Israel; mas o Senhor, que amava o Seu povo, frustrou o seu desígnio e não permitiu que de seus lábios saísse maldição, mas bênção!

oOo

Na Mesopotâmia

“Muitos o esquadrinharão” (Daniel 12.4). Desde sua expulsão do Éden o homem não tem tido pleno descanso. E esta situação se agrava quando ele está com problemas, ou quando sente os problemas se aproximando. Foge para os quatro cantos a terra, tentando achar ajuda ou, pelo menos, um meio de escapar.

Balaque, por exemplo, quando ficou alarmado por Israel estar nas fronteiras da sua terra, enviou mensageiros aos reinos vizinhos buscando fazer alianças e também enviou mensageiro à Mesopotâmia para trazer um renomado adivinho, Balaão. Teria sido muito melhor se Balaque se prostrasse perante Deus, que nunca vira as costas às súplicas daqueles que sentem que precisam dEle.

Nestes dias, termos visto homens voarem milhares de quilômetros, arriscado suas vidas para se consultarem com carne e sangue acerca de suas ansiedades. Um dia de jejum e de oração produziria melhores efeitos na vida de cada um deles.

São tão cegos aqueles que preferem a carne, notoriamente inconstante e volúvel, do que confiar em Deus, com Sua conhecida fidelidade àqueles que põem sua fé nEle! (Isaías 22.2).

Os mensageiros de Balaque foram para a Mesopotâmia **“levando consigo o preço dos encantamentos”** (Números 22.7), sabendo que o falso profeta *“amava o preço da injustiça”* (2 Pedro 2.5). Balaque quis ter certeza de que o teria ao seu lado mandando um “pagamento adiantado”. Mas o traiçoeiro e enganador Balaão mencionou o nome de Jeová no assunto e abrigou os mensageiros por aquela noite, com o pretexto de buscar e descobrir a vontade de Deus.

O assunto era de extrema importância, pois ele estava sendo contratado para causar a ruína de uma nação inteira.

Será que Balaão de fato procurou a Deus em oração? Não! Nada estava mais distante dos planos de Balaão do que buscar a Deus. Ele simplesmente foi para a cama e Deus, que estava assistindo a todos esses movimentos humanos com interesse, veio a ele com a pergunta: “Quem são estes homens contigo?”

Vamos enfatizar alguns fatos. O povo de Deus, que tinha sido ingrato e desobediente durante toda a sua peregrinação, estava agora em grave perigo. Não estavam sabendo de tudo o que se planejava contra eles e, por isso, não tinham feito nenhuma súplica a Deus. Mas o Senhor, por Si mesmo, tomou parte na questão os fazendo lembrar de Sua imutável graça. Ele amava ao povo, apesar de eles serem o que eram, e Ele não permitiria ao inimigo prejudicá-los. Isso nos traz um conforto tremendo!

Balaão estava ciente de Quem estava falando com ele? Não podemos ter certeza ao lembrar que Balaão era um homem que estava acostumado a ouvir vozes do mundo invisível. Mas tenha ele entendido ou não que era o Deus de Israel que estava falando com ele, ele respondeu francamente que Balaque o havia procurado para amaldiçoar o povo que Deus tirara do Egito, de quem tinham medo.

A resposta de Deus veio em três pequenas sentenças: (1) **“Não irás com eles”**. Isso deveria ser suficiente para encerrar o assunto definitivamente. Um homem que realmente conhecesse a Deus nunca mais levantaria essa questão. (2) *“Nem amaldiçoarás o povo”*. Não importa quanto o seu avarento coração cobiçasse a prata e o ouro de Balaque; ele não deveria fazer o que Balaque desejava. (3) *“O povo é abençoado”*. Um homem que conhecesse a Deus deveria estar certo de que Deus nunca voltaria atrás de palavras como estas. Eis a resposta

divina completa: “*Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado*”. “*Não o posso revogar*”, disse Balaão mais tarde (Números 23.20).

Suas palavras ditas na manhã seguinte aos mensageiros continham um tom de desapontamento. “*O Senhor recusa deixar-me ir convosco*”. Seu coração não estava em comunhão com Deus sobre o Seu povo. Ele prontamente os teria oprimido e levado à ruína esperando a recompensa dos moabitas, mas ele estava consciente da restrição divina.

Quando os mensageiros de Balaque retornaram a Moabe, o rei não estava disposto a desistir tão facilmente. Por isso, enviou uma outra “*embaixada*” com pessoas de mais dignidade do que a que enviara anteriormente e disse que aumentaria a recompensa se Balaão simplesmente viesse.

Balaão disse que mesmo que Balaque lhe desse a sua casa cheia de prata e de ouro ele não poderia traspassar o mandado do Senhor. Isso nos parece bom, mas ele acrescentou: “*Agora, pois, rogo-vos que também aqui fiquéis esta noite, para que eu saiba o que mais o Senhor me dirá*” (Números 22.18-19). Esta atitude é completamente contra a vontade de Deus. Jeová já havia declarado claramente Sua vontade; assim, não havia mais sobre o que consultar-IO.

Mas Balaão estava querendo ir, e ele conhecia Deus o suficiente para não entrar em conflito direto com Ele (como Gamaliel em Atos 5.39). Ele tentaria convencer Jeová de sua própria vontade, se possível!

Que ideia absurda! Quanta ignorância sobre o nosso Deus!

Deus falou novamente com Balaão durante a noite, dizendo: “*Se aqueles homens vierem chamar-te, levanta-te, vai com eles; todavia, farás somente o que Eu te disser*”. Deus agiria para com o tolo de acordo com a sua insensatez. Ele poderia ir, como desejava, mas Deus estava determinado a confundi-lo e trazer grande bênção ao Seu povo, repelindo estas manobras satânicas.

As atitudes humanas em desacordo com Deus, como neste exemplo, nos trazem à mente o comportamento dos capitães judeus nos dias de Jeremias, quando tiveram medo dos caldeus. Eles pediram ao profeta que consultasse a Deus por eles para que eles tivessem orientação para os seus passos, quando, na verdade, já tinham decidido ir para o Egito (Jeremias 42). Vamos nos precaver de buscar a presença de Deus com nossas mentes já pretensamente definidas. Isto é uma seria afronta à Divina Majestade!

Balaão, tendo obtido permissão de Jeová: “*levantou-se pela manhã, albardou a sua jumenta, e partiu com os príncipes de Moabe*”. Ele não estava andando na luz, como andou o Senhor Jesus (1 João 2.6) ao começar a jornada. Balaão andava na escuridão, esperando que o seu

caminho o levasse a colher uma rica recompensa, mesmo que alcançada pela maldade.

Seu coração não estava cheio das afeições divinas e nem desejando ser usado por Deus para bênção dos homens. Ele não tinha mensagem alguma; o que ele diria ao ter diante de seus olhos as tribos de Israel ele não sabia. Que viagem tão sem sentido – uma viagem que será lembrada enquanto houver terra nos ensinando com suas lições!

Nunca Satanás esteve mais determinado a amaldiçoar; nunca esteve Deus mais determinado a abençoar! Nunca Satanás teve um servo mais fácil de ser corrompido; nunca um homem esteve mais impotente nas mãos de Deus do que Balaão quando o Todo-Poderoso o tomou! Quão bom é para nossas almas meditar nos caminhos do nosso grande Deus!

oOo

A loucura do profeta

A versão que estamos usando da Bíblia, geralmente excelente, não dá o sentido exato da frase original em 1 Timóteo 6.10. O apóstolo, na verdade, **não** diz: “*O amor do dinheiro é a raiz de todos os males*”, pois é indiscutível o fato de que muitos males são encontrados em pessoas que não são contaminadas pelo amor ao dinheiro. Uma outra versão dá o sentido mais próximo do original: “*O amor ao dinheiro é **uma** raiz pata todo tipo de mal*”.

Dessa raiz perniciosa brotam facilmente a inveja, a mentira, o assassinio (para não mencionar outros pecados). Mas estas mesmas coisas odiosas podem vir de outras raízes. Amor ao dinheiro foi a ruína de Balaão, como a de Judas Iscariotes e de muitos outros. O Santo Espírito, quando falando de Balaão, quinze séculos depois, disse: “*Ele amou o preço da injustiça*” (2 Pedro 2.15).

Vemos o profeta sair da Mesopotâmia e se dirigir a Moabe, com os olhos cheios da prata e do ouro de Balaque, sem se importar que o motivo de sua recompensa seria a devastação e a tristeza que ele traria sobre um povo inocente. O povo de Israel não lhe tinha feito mal nenhum e entre eles não tinha havido a menor discórdia; mesmo assim, ele estava disposto a destruir uma nação inteira – homens, mulheres e crianças! Nada poderia ser mais hediondo do que aquilo que se estava buscando. Não é à toa que lemos que “*acendeu-se a ira de Deus, porque ele se foi*” (Números 22.22).

Um ser celestial se pôs no seu caminho com uma espada desembainhada nas mãos. Ele é chamado de “o Anjo do Senhor”. Este Anjo não era um mero servo. É o mesmo Anjo que apareceu à esposa de Manoá em Juízes 13, que disse que Seu nome era “*Maravilhoso*”.

Tanto a ela quanto a Balaão Ele falou com autoridade divina. A Balaão Ele disse: “*Saí como teu adversário, porque o teu caminho é perverso diante de Mim... Vi-te com estes homens; mas somente aquilo que Eu te disser, isso falarás*”. Quem estava falando era Aquele que nós conhecemos como o Senhor Jesus Cristo.

A jumenta viu o Anjo e se desviou daquela ameaçadora espada. Um animal tinha mais percepção do que um homem feito à imagem de Deus! “*O boi conhece o seu possuidor, e o jumento o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o Meu povo não entende*” (Isaías 1.3). Essa era a queixa de Jeová quanto à insensibilidade moral do povo com o qual Ele tinha sido mais gracioso do que com outros povos. Os próprios animais os envergonhavam!

Balaão espancou sua jumenta três vezes. O Anjo também o repreendeu por isso, pois todo ato de crueldade aos animais é reprovado por Deus. Quando os filhos de Deus forem manifestados em glória com o Primogênito, a Criação será finalmente liberta (Romanos 8.19-22).

“*Então o Senhor fez falar a jumenta*”. Que ninguém duvide disto! O Santo Espírito, que é o verdadeiro Autor de cada livro da Escritura, o diz, e não somente no livro de Números, mas também na Segunda Epístola de Pedro. Esta confiança responde a qualquer pergunta para aqueles que aprenderam a crer em Deus. Por que a jumenta não falaria?

Aquele que concedeu a fala aos homens poderia seguramente concedê-la também a um animal a qualquer momento numa circunstância em que isto fosse necessário. O Senhor “*fez flutuar o ferro*” (2 Reis 6.6). “*E o sol se deteve*” (Josué 10.13). Orar a Deus, por que não? “*Acaso para Deus há coisa demasiadamente difícil?*” (Gênesis 18.14). Se há algo impossível aos homens, todas as dificuldades se dissolvem com Deus. “*Não há quem Lhe possa deter a mão, nem Lhe dizer: Que fazes?*” (Daniel 4.35).

A jumenta, falando com voz de homem, tirou o profeta da sua loucura. De fato, foi loucura imaginar que Ele poderia mandar anular ou mudar um propósito já estabelecido por Jeová com relação ao Seu povo!

Loucura supor que o bondoso Criador iria permitir que milhões de almas fossem destruídas para que um espiritualista ganhasse honorários! Mas qual é o limite da loucura a que o homem chega quando está longe de Deus? A devastação da terra em nosso tempo é evidência de sabedoria ou de loucura?

Tivesse Balaão um conhecimento real de Deus em seu coração, ele teria recusado dar qualquer passo depois de sua experiência com o Anjo. Sim, o Anjo disse: *“Vai-te com estes homens, mas somente aquilo que Eu te disser, isso falarás”*. Mas Ele também havia dito: *“Eis que Eu saí para opor-Me a ti, pois o caminho em que andaste é para ruína diante de Mim”* (Números 22.32, Darby).

Depois de ouvir isso, Balaão estava claramente procurando a sua destruição. Sua resposta, “pequei”, não veio de um coração convicto do seu erro por divina intervenção, mas veio da mesma forma que as palavras que saíram dos lábios do arrogante rei Saul em 1 Samuel 15.24.

Posteriormente, ao se encontrar com Balaque, Balaão foi repreendido por este por não ter vindo da primeira vez quando foi chamado. E o pedido de desculpas de Balaão foi mais do que duvidoso. Em alguns aspectos, estes dois servos do diabo simbolizam a besta e o falso profeta dos últimos dias, que irão, com energia diabólica, ajuntar a terra e o inferno contra o Israel de Deus para destruí-lo, mas que não terão sucesso maior do que o de Balaão e Balaque, muito tempo atrás.

Ao invés disso, *“os dois serão lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre”* (Apocalipse 19.20). Quem pode se opor a Deus?

oOo

Um grande debate

Deus tinha uma dupla reclamação de Moabe, com relação aos seus atos para com o povo de Israel. Primeiramente, *“porque não foram ao vosso encontro com pão e água, no caminho, quando saíeis do Egito”* e, sem segundo lugar, *“porque alugaram contra ti a Balaão, filho de Beor, de Petor, da Mesopotâmia, para te amaldiçoar”* (Deuteronômio 23.4).

Aprendemos assim que o pecado pode ser tanto negativo (passivo) quanto positivo (ativo). Aquele que se nega a fazer a vontade de Deus é um pecador tão real quanto aquele que abertamente O desafia.

Em Mateus 25, as virgens néscias foram deixadas para fora das bodas porque não se preocuparam em obter óleo para suas lâmpadas; o servo com um talento foi lançado nas trevas porque negligenciou o uso do seu talento para o Senhor; e os “cabritos” foram lançados na punição eterna porque se negaram a fazer o bem aos mensageiros do Rei Jesus. Tal negligência como a explicitada em Mateus 25 sugere desdém pelo propósito de Deus – um assunto muito sério.

Samuel disse ao povo de Israel: *“Longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós”* (1 Samuel 12.23). Foi um ato maldoso, às vistas de Deus, o fato de Moabe (e de Amom) não terem ido ao encontro do Seu povo peregrino com pão e água, enquanto eles marchavam do Egito para Canaã.

Mas estes inimigos foram ainda mais adiante. Não apenas negaram o bem ao povo de Deus, como também agiram em aberta hostilidade contra eles. Muitos séculos depois de Moisés, o Senhor disse: *“Povo Meu, lembra-te agora do que maquinou Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, e o que aconteceu desde Sitim até Gilgal; para que conheças os atos de justiça do Senhor”* (Miqueias 6.5).

Um grande debate foi levantado por Balaque e Balaão, instigados por Satanás, contra o povo de Israel – um debate que precisamos entender porque nos afeta intimamente.

Satanás é tão cheio de maldade contra os santos celestiais de Deus como contra o Seu povo na terra. Israel foi libertado do Egito pelo poder de Deus, com a promessa de serem abençoados com uma terra escolhida por Deus soando aos seus ouvidos; seus passos, ano após ano, foram cercados do amor e cuidado divinos; o povo estava, agora, à entrada da terra prometida e o momento em que deveriam travessar o Jordão e tomar posse da terra se aproximava.

Satanás, que havia persistentemente tentado destruí-los durante os anos de peregrinação, agora se levanta num último grande esforço para fazê-los cair, tendo como instrumentos Balaque e Balaão. Ele buscava privá-los da promessa de bênçãos que tinham recebido. De fato, desejava o seu extermínio.

Se este esforço tivesse sido levantado no começo dos quarenta anos qualquer um teria a certeza que Deus recusaria destruir o povo de Israel. Por que libertá-los dos feitores sobre os quais Faraó os tinha colocado e por que preservá-los até o Mar Vermelho se Deus desejasse destruí-los?

Mas o debate satânico sobre a destruição do povo não foi lançado no início, mas no fim dos quarenta anos. E qual havia sido a história daqueles quarenta anos? Da parte do Senhor Jeová, bondade, fidelidade, paciência, mas, da parte do povo, incredulidade, ingratidão e obstinada desobediência!

Moisés realmente amava ao povo e sacrificou toda a sua vida no palácio do Egito para servi-los, mas eles quebraram o seu coração e em uma ocasião provocaram tanto o seu espírito que ele pronunciou palavras que o privaram de entrar na terra que era o mais profundo desejo de sua alma (Salmo 106.32-33; Números 22.12; Deuteronômio 4.21-22).

Com um retrospecto assim, o povo poderia ser amaldiçoado? O Senhor poderia ter sido levado a deixar Israel de lado? Esta era a grande questão do debate feito em Moabe.

Estudamos este episódio na história de Israel com profundo interesse porque ele se relaciona conosco de maneira vital.

O que nós temos feito ao nosso Deus durante a nossa peregrinação? Temos todos de abaixar nossas cabeças com tristeza e vergonha ao meditarmos nessa pergunta em nossos corações. Mas as nossas atitudes afetam a graça de Deus para conosco? Ele deixará de nos amar, apagará nossos nomes do Livro da Vida e nos mandará de volta ao lugar onde Ele nos encontrou?

NÃO! Bendito seja o Seu santo Nome! Ele nos escolheu em Cristo *“antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele em amor”*; nos lavou, nos santificou e nos justificou *“gratuitamente no Amado”*, que *“nos selou e nos deu o penhor do Espírito Santo em nossos corações”* (Efésios 1.3-6; 1 Coríntios 6.11; 2 Coríntios 1.21-22).

Tudo o que Ele fez deve permanecer para sempre, pois Deus é fiel, quer Seu povo o seja, quer não. No Seu justo governo, Ele pode nos castigar assim como castigou Israel no passado, mas Ele nunca irá abandonar àqueles a quem deu graça. *“Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis”* (Romanos 11.29). Moisés diz: *“O Senhor teu Deus não quis ouvir Balaão, antes trocou em bênção a maldição; porquanto o Senhor teu Deus te amava”* (Deuteronômio 23.5). Similarmente, as nossas bênçãos estão seguras em Cristo e o Pai nos ama como ama ao Filho.

Algumas vezes, o maior hipócrita do mundo, Satanás, quer aparentar algo de justo. Pode ser compatível com o caráter divino que um povo que se mostra tão infiel ainda continue a ser amado e abençoado?

Em Zacarias 3, o profeta tem uma visão em que Satanás resiste a Josué, representando a nação de Israel. Ele queria lançar o homem com suas vestes imundas no fogo como alguém indigno da presença de Deus, mas foi divinamente repreendido!

Há uma alusão a ele em Ezequiel 28.11-17: *“Tu eras querubim da guarda unguento, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas”* (verso 14). Estas palavras mostram que o serviço de Satanás era cuidar dos interesses do trono de Deus.

Em sua hipocrisia, ele *“se transforma em anjo de luz”* e seus servos em *“ministros de justiça”* (2 Coríntios 11.14-15). Os espíritos do mal não são imundos (Marcos 5.2); eles podem ser *“bonzinhos”* e farisaicos quando lhes convém (1 Timóteo 4.1-3). Eles puderam até dizer, por lábios humanos, que o Senhor Jesus quebrava o sábado e acusá-LO de

blasfêmia e de sedição! Eles fingiam estar chocados pelas palavras do Santo de Deus!

Ao lermos o livro de Números é maravilhoso descobrir que os esforços de homens maus e de Satanás fizeram com que Deus desse, pelos lábios impuros de Balaão, algumas das mais maravilhosas demonstrações de toda a Escritura de graça e bênção ao Seu povo.

Para entender isto, precisamos voltar o olhar à passagem de Números 2.8-9. A serpente levantada era um figura do Filho do Homem que seria levantado, segundo o próprio Senhor Jesus (João 3.14). Isto sugere a absoluta rejeição por parte de Deus da carne, irremediavelmente má à Sua vista. Nada que procede do homem pode ser aceitável diante dEle. O pecado não necessita apenas de perdão pelos pecados que cometeu; ele precisa também de uma nova e divina vida.

Isto é o que Nicodemos ouviu naquela conversa noturna com o Senhor. Uma lição de humilhação que todos nós devemos aprender! A raiz é tão má quanto o seu fruto; nossa carne é tão imunda quanto suas manifestações.

A vida real só é encontrada nAquele que na cruz do Calvário sofreu o juízo de Deus contra tudo o que nós somos e contra tudo o que nós fizemos. Ele vive agora no poder que O fez ressurgir e todo crente é incentivado a dizer que *“esse viver que agora tenho na carne [isto é, no corpo] vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo se entregou por mim”* (Gálatas 2.20).

Na serpente hasteada Jeová (figurativamente) põe fora de Sua vista o mal do Seu povo escolhido. Como, então, poderia Ele cancelar os Seus propósitos de graça e lançá-los fora de Sua presença? O plano do inimigo falhava pela essência de Deus e fornecia a Ele mais uma oportunidade de mostrar a clareza e plenitude dos desígnios do Seu coração.

Leiamos mais uma vez Miqueias 6.5: *“Povo Meu, lembra-te agora do que maquinou Balaque, rei de Moabe, e do que lhe respondeu Balaão, filho de Beor, e do que aconteceu desde Sitim até Gilgal, para que conheças os atos de justiça do Senhor”*. É um versículo memorável quando nós consideramos os lugares mencionados.

Sitim ficava do lado inabitado do Jordão, mas Gilgal ficava dentro da Terra Prometida. A resposta de Jeová ao inimigo foi tanto em ações quanto em palavras. Suas palavras foram pronunciadas em Sitim (e foram maravilhosas). Seus atos se manifestaram em Gilgal, o acampamento de Israel depois de cruzarem miraculosamente o Rio Jordão, de onde o povo saiu para conquistar a terra.

Assim o Senhor mostrava, de maneira tão profundamente maravilhosa, Sua justiça no cumprimento de Suas palavras cheias de

graça ao Seu povo. Mas quão rapidamente eles esqueciam o que tinham recebido e cessavam de fazer soar os Seus louvores!

oOo

O povo santificado de Deus

Balaque encontrou Balaão na fronteira do seu reino. Tanto o rei como o profeta não estavam com muito bom humor. Balaque estava irritado por que Balaão não havia cumprido com os propósitos para os quais tinha sido chamado e Balaão estava sentindo que Deus restringia suas palavras e que, assim, o assunto não terminaria como Balaque e ele mesmo desejavam.

Balaque levou seu convidado a Quiriate-Huzote e ali sacrificou bois e ovelhas na presença de Balaão e dos príncipes que tinham ido buscá-lo na Mesopotâmia. Nós podemos, talvez, encarar isso como uma cerimônia de boas-vindas. A quem Balaque oferecia os seus sacrifícios não nos é dito, mas, certamente, o único e verdadeiro Deus não tinha lugar em seu coração (Números 22.26-41).

No dia seguinte, o negócio propriamente dito começou. *“Balaque tomou a Balaão e o fez subir a Bamote-Baal, o qual viu dali a parte mais próxima do povo”*. Esta é a primeira menção de Baal na Palavra de Deus. Era a principal divindade masculina dos fenícios e dos cananeus, sendo Astarote a principal divindade feminina (que triste escrever estas palavras!).

Esta forma de idolatria conseguiu entrar em Israel no reinado de Acabe, e a filha de Jezabel, Atalia, introduziu esta prática no reino de Judá. Este grande mal foi a principal causa da expulsão de todas as doze tribos de Israel da Terra Prometida.

O desejo de Balaque ao levar Balaão aos altos de Baal era para que, com um falso louvor, ele fosse favorecido na resolução de seu problema. Claro que Baal o ajudaria! Mas ele não contava com a intervenção divina, e logo ele teve de ouvir o Evangelho de Deus pregado do próprio altar do diabo!

Balaão tomou a liderança e disse a Balaque que erigisse sete altares e que preparasse sete novilhos e sete carneiros. Este falso profeta deveria ter algum conhecimento do sistema pelo qual eram feitos os sacrifícios em Israel. Ele sabia que o holocausto era aceitável a Deus, mas será que ele chegou a imaginar que a oferta de sacrifícios

vindos de um homem como ele seria tão agradável a Jeová que depois de tudo Ele permitiria que Balaão amaldiçoasse o povo?

Ao mesmo tempo em que tinha algum conhecimento sobre este tipo de sacrifício, Balaão se mostrava muito ignorante e cego quanto ao que estava por trás do holocausto. O que quer que os novilhos e carneiros nos altares representassem para Balaão, eles figuravam Cristo para Deus; e quando Cristo está diante dEle, na perfeição do Seu grande sacrifício, que mais Deus pode fazer além de abençoar Seu povo?

Balaão não entendia nada sobre isso. Ele era tão cego como os homens que puseram o bendito Filho de Deus sobre a cruz do Calvário. Havia um aspecto daquela cruz que eles desconheciam. Não poderiam imaginar que Deus traria uma vasta bênção a todos pelo seu ato hediondo!

Enquanto a fumaça dos sacrifícios subia, *“disse Balaão a Baraque: Fica-te junto do teu holocausto e eu irei; porventura o Senhor me sairá ao encontro, e o que me mostrar to notificarei”* (Números 23.3). Tal fala era pura exibição daquele homem. Por que a palavra *“porventura”*? Quando foi que Deus recusou encontrar-se com qualquer alma que sinceramente O buscasse? Por que este sentido de incerteza? Isso era falsidade.

Quando Balaão subiu ao “monte desnudo”, ele não desejava encontrar realmente a Deus. Seu único desejo era que Deus o deixasse sozinho, para que ele pudesse fazer a vontade de Balaque, e então ganhar sua recompensa.

Números 24.1 nos diz, definitivamente, que ele foi “ao encontro de agouros”, de encantamentos, o que significa que ele buscava ter contato com demônios, com os quais estava acostumado a ter conversas.

Mas Deus veio ao encontro de Balaão – para o seu desgosto, podemos ter certeza! Ele falou a Deus sobre os altares e os sacrifícios (como se Deus não tivesse olhos para poder ver por Si mesmo). O Senhor, então, **“pôs a palavra na boca de Balaão”** e ordenou que ele voltasse para Balaque e lhe dissesse aquelas palavras.

Uma distinta assembleia esperava Balaão. O rei estava junto do holocausto, cercado por todos os príncipes do seu reino. Com certeza, nunca antes houvera um momento tão importante na história de Moabe! Balaque tivera muito trabalho e pagara muito dinheiro para ter a assistência de Balaão.

Evidentemente, ele considerava muito grande a influência de Balaão entre as forças do mundo invisível. Por que ele não reuniu a nação no tempo do perigo para clamarem a Baal por ajuda? Por que ele não convocou um ajuntamento como o do Monte Carmelo, nos dias de Elias, quando os profetas de Baal clamaram por muitas horas, dizendo: *“Ah! Baal, responde-nos!”* (1 Reis 18).

Balaque julgara que o adivinho da Mesopotâmia era a pessoa mais indicada para o ajudar. Quando Balaão retornou do “monte desnudo”, no qual viera falar com ele, Balaque e seus príncipes estavam em grande expectativa. O que Balaão diria? Ele iria despejar maldições que iriam destruir o poder do povo que eles temiam e assim os exércitos de Moabe e seus aliados conseguiriam destruí-los facilmente?

Balaão tinha usado o nome de Jeová por várias vezes aos seus ouvidos e ele lhes tinha dito que ele só podia dizer aquilo que o Senhor pusesse em sua boca, mas tudo isso era simplesmente um jargão para os pagãos moabitas. Certamente Jeová poderia ser comprado, como todas as outras divindades, e, final, Balaque não estava preparado para pagar um ato preço a fim de atingir seus intentos?

Balaão proferiu a sua palavra e disse: *“Balaque me fez vir de Arã, o rei de Moabe dos montes do Oriente; vem, amaldiçoa-me a Jacó e vem, denuncia a Israel”*. Mal sabiam deles que estavam chamando maldição sobre si mesmos! Pois o Senhor tinha dito a Abraão quando o chamou: *“Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”* (Gênesis 12.3). Todas as nações da terra devem se preocupar com a maneira que tratam a descendência de Abraão, não importa quão errados eles estejam.

Depois de deixar claro o que dele se esperava, Balaão foi constrangido a dizer: *“Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? Como posso denunciar a quem o Senhor não denunciou?”* Isso deveria ter sido suficiente para terminar o encontro. Nenhum sucesso seria atingido e quanto mais os inimigos de Israel insistiram em amaldiçoá-lo, mais ricamente o povo foi abençoado.

Balaão pronunciou quatro narrativas proféticas que, unidas, representam toda a história da graça de Deus para com o Seu povo. Seus maravilhosos caminhos já estão traçados pela soberana vontade até o triunfo final de Cristo no Reino Milenar. Cada narrativa tem o seu próprio tema.

Na primeira, é ressaltada a posição especial e exclusiva na qual Deus colocou Seu povo. *“Pois do cume das penhas vejo a Israel, e dos outeiros o contemplo; eis que é povo que habita só e não será reputado entre as nações”* (Números 23.9). Quando Deus deu a herança de cada nação no tempo da dispersão da torre de Babel, Ele tinha Israel em mente (Deuteronômio 32.8). Seu plano era que Israel fosse o centro de todos os Seus caminhos na terra, e o povo deveria ser um povo de testemunho e bênção a todas as nações, divinamente separadas deles. *“Ser-Me-eis santos, porque Eu, o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos para serdes Meus”* (Levítico 20.26).

Na dedicação do Templo, Salomão mencionou este fato com fé. *“Porque é o Teu povo e Tua herança que tiraste da terra do Egito, do meio*

do forno de ferro... pois Tu, ó Senhor Deus, os separastes dentre todos os povos da terra para Tua herança, como falaste por intermédio de Teu servo Moisés, quando tiraste do Egito a nossos pais” (1Reis 8.51-53). Mas o povo não valorizou seu lugar distinto de separação para Deus. O próprio Salomão tornou-se um dos maiores transgressores neste aspecto.

Balaão estava falando “do cume das penhas” e assim descrevia o povo como Deus, em Sua graça, os guardava. Se ele tivesse andado entre o arraial e tivesse tido a permissão de gravar tudo o que ele visse e ouvisse ali, teria contado uma história diferente, pois os caminhos do povo escolhido eram praticamente os mesmos dos pagãos moabitas. O lugar especial de Israel na terra foi confiscado pelo pecado, mas ele ainda será restaurado pela graça quando Cristo reaparecer.

Enquanto isso, o Espírito Santo está na terra formando a Igreja, o Corpo do Cristo exaltado. Deus está “*visitando aos gentios, a fim de constituir dentre eles, um povo para o Seu Nome*” (Atos 15.14). A Igreja pertence ao céu – todas as suas bênçãos estão ali, e ela deve andar em absoluta separação do mundo em testemunho de Cristo.

Cristãos são chamados de “*santificados*” em Hebreus 2.11 e o Senhor Jesus falou sobre os cristãos em João 17.15-16, dizendo: “*Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também Eu não sou*”. Mas a Igreja não tem sido mais fiel em sua posição separada do que Israel foi, no passado. Alguém disse, para vergonha nossa: “Procurei a Igreja e a encontrei no mundo; procurei pelo mundo e o encontrei na Igreja”.

Deus quer um povo separado. Só por um povo assim Ele pode ser glorificado; só pela utilidade de um povo assim Ele pode espalhar Seus propósitos de Amor.

Paulo disse aos Gálatas que o Senhor Jesus Cristo “*se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigat deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai*” (Gálatas 1.4). O escritor aos Hebreus diz: “*Por isso foi que também Jesus, para santificar o povo, pelo Seu próprio sangue, sofreu fora da porta*”. E ele continua com este apelo: “*Saiamos, pois, a Ele, fora do arraial, levando o Seu vitupério*” (Hebreus 13.12-13).

Será que nós não devemos, como crentes individuais, procurar andar separados de tudo o que não é compatível com Deus e com Cristo? Será que nós não vamos buscar sermos santificados “completamente”, para que o nosso “*espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*”? (1 Tessalonicenses 5.23).

As pessoas em suas tendas nada sabiam acerca do que estava sendo dito sobre elas nas alturas. Se os pensamentos de Deus, cheios

da graça divina, tivessem penetrado seus corações, quão diferente a sua história poderia ter sido!

Balaão concluiu sua primeira narrativa de maneira extremamente entusiástica (infelizmente, seu coração não estava nas palavras que ele era constrangido a dizer!): *“Quem contou o pó de Jacó, ou enumerou a quarta parte de Israel?”* Nosso Deus é tão grande quanto generoso. Seus caminhos de graça são caracterizados por Sua imensidão.

Na a parábola da grande ceia, Jesus diz que Deus quer que *“fique cheia a sua casa”* (Lucas 14.23). Seja bênção terrena ou celestial que esteja em vista, Deus sempre visa multidões incontáveis (Gênesis 22.7; Apocalipse 7.9; 19.6).

“Que eu morra a morte dos justos, e o meu fim seja como o dele”. A vida dos justos não tinha nenhuma atração para Balaão (“ele amava o preço da iniquidade”). Seu fim foi registrado pelo Santo Espírito. Quando os cinco reis dos midianitas foram mortos, Balaão pereceu com eles (Números 31.8). Ele estava bem longe de casa naquele momento. A morte o encontrou ainda entre os inveterados inimigos do povo de Deus e ainda procurando o mal de Israel.

Quão grande o contraste entre Balaão e Simeão, o homem que segurou Jesus ainda bebê nos seus braços, que bendisse a Deus e disse: *“Agora, Senhor, despedes em paz o Teu servo, segundo a Tua palavra; porque meus olhos já viram a Tua salvação”* (Lucas 2.27-30). Nós encontraremos Simeão um dia, pois ele estimou a Cristo, mas não encontraremos Balaão em sua companhia.

oOo

O povo justificado de Deus

Balaque estava indignado e estupefato ante as palavras de Balaão em relação a Israel: *“Que me fizeste? Chamei-te para amaldiçoares os meus inimigos, mas eis que somente os abençoaste”* (Números 23.11). Balaão só pôde responder que estava nas mãos de Jeová. Será que nos surpreende o fato de Balaque não ter imediatamente expulsado Balaão de suas fronteiras?

Não, infelizmente, pois a carne é notoriamente estúpida e obstinada em tudo aquilo que se relaciona com Deus! (Romanos 1.22; Efésios 4.18). O rei de Moabe sugeriu que eles fossem até um outro lugar e tentassem novamente. Quão terrivelmente Satanás engana aos

homens feitos à imagem de Deus cujos corações não são verdadeiramente submissos a Ele!

Balaque agora levou Balaão *“ao campo de Zofim, ao cume de Pisga”* e ali ergueu outros sete altares e sobre eles ofereceu um novilho e um carneiro sobre cada um. Quão baixos e desprezíveis pensamentos tinham tanto o rei quanto o profeta sobre o Deus Criador, para imaginar que tais artificios e mudanças de posição iriam mudar Sua mente para com o Seu povo!

O rei da Síria e seus conselheiros caíram no mesmo estúpido erro quando estavam em guerra com Israel nos dias de Acabe. Eles pensaram que Jeová era Deus dos montes, mas não dos vales; conseqüentemente, se os sírios lutassem num lugar baixo, a vitória seria deles (1 Reis 20).

As palavras *“do Senhor”* não deveriam ter sido inseridas na tradução mais usada de Números 23.15. Balaão disse a Balaque: *“Fica aqui junto do teu holocausto, e eu irei ali adiante”*. Ele não desejava se encontrar com o Senhor Jeová; ele não desejava que Deus estivesse em seus passos novamente.

No capítulo 14 nos é dito expressamente que ele buscava os agouros, ou encantamentos, mas o Senhor, em Seu amor por Seu povo (apesar de indigno), não permitiria isto. Deus então interveio uma segunda vez e encontrou Balaão. Ele colocou palavras novas na boca do homem e disse: *“Toma a Balaque e assim falarás”*. É de um imenso conforto para nossa almas notar essas atitudes divinas. O Deus com Quem nós vivemos permanece entre nós e o adversário.

A pergunta de Balaque quando Balaão voltou a ele é importante: *“Que falou o Senhor?”* Pelo que nós conhecemos dele, ele não estava desejando se submeter ao que Jeová falasse. Sua esperança era que a Sua segunda mensagem fosse mais favorável a Moabe do que a primeira.

Que grande e importante contraste entre a sua atitude e a de Cornélio e de seus amigos quando Pedro foi encontrá-lo em Cesareia a convite deles! *“Sem demora mandei chamar-te e fizeste bem em vir. Assim, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor”* (Atos 10.33).

Uma atitude como esta traz bênção à alma. Todos ali ouviam com avidez o testemunho de Pedro sobre o Senhor Jesus e, em menos de uma hora (provavelmente) cada pessoa presente recebeu o perdão de seus pecados e o dom do Espírito Santo.

Nos tempos de Ezequiel alguns em Israel diziam entre si: *“Vinde, peça-vos e ouvi qual é a palavra que procede do Senhor”*. Eles foram a Ezequiel e o ouviram. Foram favorecidos por ouvir as palavras divinas, mas não eram nada melhores por causa dito. O Senhor disse ao profeta:

“Tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem a s tuas palavras, mas não as põem em obra” (Ezequiel 33.30-32). Que Deus nos preserve de cairmos nesta condição angustiosa!

Aqueles que creem apreciam ouvir o que Deus tem a dizer e têm certeza de que a Sua palavra é verdadeira. Davi, quando em comunhão com Deus, disse: *“Por causa da Tua palavra, e segundo o Teu coração, fizeste toda esta grandeza, dando a conhecer a Teu servo, ó Senhor Deus”* (2 Samuel 7.21).

Enquanto Davi, já idoso, teve de lamentar a infidelidade de sua própria casa, ele teve de dizer: *“Não está assim com Deus a minha casa? Pois estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura. Não me fará Ele prosperar toda a minha salvação e toda a minha esperança?”* (2 Samuel 23.5).

Isso significa que os oráculos de Deus são fieis, apesar do Seu aparente atraso em cumpri-los. Tudo o que Davi esperava viria em poder com o Senhor Jesus.

Caro leitor cristão, o mundo em que vivemos é cheio de mudanças e revoluções, por isso tenha certeza de que a única coisa certa é a Palavra de Deus. Leia, medite nela. Creia nela em sua totalidade. Homens prometem uns aos outros todo tipo de coisas e muitas almas desorientadas esperam que o senso comum ainda deixe em ordem o caos existente.

Nada além de “dores de cabeça” aguardam àqueles que ainda insistem em confiar na carne. Mas os oráculos de Deus são verdadeiros; eles têm Cristo por seu centro e irão frutificar no tempo preparado por Deus.

Vamos voltar a Balaão. As palavras de abertura de seu segundo discurso são extremamente preciosas. *“Levanta-te, Balaque, e ouve, escuta-me, filho de Zipor: Deus não é homem para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo Ele prometido, não o fará? Ou tendo falado, não o cumprirá?”* (Números 23.18-19).

O perverso profeta está condenando a si próprio, apesar de que, provavelmente, sua consciência cauterizada não o percebia. Se Deus, de fato, nunca voltava atrás naquilo que tinha dito, por que Balaão tinha consultado ao Senhor uma segunda vez antes de sair da Mesopotâmia?

É terrivelmente possível lermos e até mesmo pronunciarmos palavras das quais não desconhecemos tanto o significado quanto o poder.

Estamos nós sensíveis a este perigo com relação a nós mesmos? Nossas almas estão firmadas na grande verdade da imutabilidade de Deus? O Salmo 119 tem 176 versos e por todo este salmo o escritor expressa sua confiança na Palavra de Deus e nos diz quão doces as

palavras eram ao seu paladar e que eram muito mais preciosas do que ouro e prata (Balaão não concordaria com o salmista neste último item!)

As palavras de Balaão em Números 23.19 devem ser lidas repedidas vezes. Sim, tais palavras vinham dos lábios de um homem perverso, mas sua fonte era o Espírito de Deus.

Há um outro trecho que demos pôr ao lado desta passagem. Em 1 Samuel 15.29, quando Saul foi repreendido por sua desobediência ao que Deus havia ordenado e que, por isso, o seu reino seria tirado dele, o profeta disse: *“A Glória de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é homem para que se arrependa”*.

Desta solene passagem aprendemos que Deus é tão fiel no cumprimento de Seus juízos quanto nos de Sua graça. Trata-se de um alerta àqueles que estão dispostos a testar Sua severidade (Romanos 11.22).

Balaão continuou: *“Eis que para abençoar recebi ordem; Ele abençoou, não o posso revogar”*. No primeiro pronunciamento, Balaão disse que *“Deus não amaldiçoou”*, mas aqui o Senhor foi mais adiante, passando do negativo para o positivo: *“Ele abençoou”* e as palavras que ele disse em seguida foram cheias de veneno: *“Não o posso revogar”*.

Quão satisfeito ele ficaria se pudesse fazê-lo! Mas como é gostoso às nossas almas ouvir o inimigo do povo de Deus confessando publicamente que não tem poder para anular a graça de Deus para com os Seus escolhidos. Avancemos com coragem!

Chegamos agora ao tema central da segunda mensagem de Jeová. *“Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou perversidade em Israel”*. Apesar de toda a história da peregrinação de Israel estar cheia de *“iniquidade e perversidade”*.

Moisés, que amava ao povo, foi obrigado a dizer: *“Rebeldes fostes contra o Senhor desde o dia em que vos conheci”* (Deuteronômio 9.24). Muitos profetas traçaram a história do mal perpétuo entre os israelitas desde o Egito até o cativoiro (Isaías 1; Jeremias 33; Ezequiel 20).

Mesmo assim, Balaão foi instruído a dizer palavras tão maravilhosas sobre eles no cume de Pisga! Balaão usou tanto o nome natural, Jacó (“suplantador”) como o nome da graça, Israel (“príncipe com Deus”). A graça de Deus havia sido enviada para justificar ao pecador. Uma completa exposição desta obra maravilhosa feita por Deus se encontra na Epístola de Paulo aos Romanos.

Por qual princípio de justiça Deus poderia constranger o inimigo a dizer que Ele não havia visto iniquidade em Jacó, nem perversidade em Israel?

Considere os seguintes preciosos fatos: (1) Naquela medonha noite no Egito, quando Deus julgou a perversidade dos egípcios, Ele providenciou um refúgio aos israelitas, que eram tão maus quanto os

seus opressores, sob o sangue do cordeiro sacrificado. Isto é uma linda figura do refúgio que Deus providenciou para nós com o sangue de Cristo de um juízo muito mais terrível. (2) Não muito tempo antes de Balaão entrar em cena, quando Jeová castigava Seu povo por causa das murmurações, Ele providenciou para os pecadores que morriam uma serpente abrasadora – outra bendita figura do Filho do Homem que foi levantado na cruz – por cuja morte nós vivemos, pois tudo o que nós éramos por natureza foi julgado no Seu santo sacrifício. (3) No meio do arraial de Israel permanecia o Tabernáculo, com o propiciatório, onde era aspergido o sangue.

Tudo isto, o cordeiro, a serpente e o propiciatório, falava a Deus de Cristo e de Seu perfeito sacrifício. Com Cristo diante dEle, agora ressurreto dentre os mortos e exaltado à Sua direita, Deus pode, sem ferir a Sua justiça, abençoar Seu povo abundantemente. *“Àquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus”* (2 Coríntios 5.21).

Mas este é todo o ensino? As faltas daqueles que foram justificados por Deus não são mais vistas com seriedade por Ele? Ele passará por elas despreocupadamente, enquanto condena a outros de maneira mais severa?

Não, muito pelo contrário. Pecados cometidos na graça de Deus são mais infames perante Ele do que aqueles cometidos na ignorância da graça, e são tratados com mais rigidez da parte de Deus.

Veja as palavras de Amós 3.2: *“De todas as famílias da terra a vós outros vos escolhi, portanto Eu vos punirei por todas as vossas iniquidades”*.

Este é o princípio pelo qual Deus age com aqueles que estão em relacionamento íntimo com Ele. O Salmo 90 é o primeiro do livro IV (ou “de Números”) e foi escrito por Moisés. Ele havia observado os maus caminhos de Israel durante toda a jornada e também observara o juízo que Jeová executava sobre o povo e, por isso, disse: *“Diante de Ti puseste as nossas iniquidades, sob a luz do Teu rosto os nossos pecados ocultos”* (Salmo 90.8).

Isto contradiz o que lemos em Números 23.21? De maneira alguma. O inimigo foi obrigado a proclamar **a graça de Deus** que, sob o fundamento correto, nunca muda. Moisés falou sobre **o governo de Deus**. Estas duas verdades devem ser guardadas juntas em nossas almas, para mantermos um equilíbrio entre elas. Nós ainda falaremos sobre este assunto importante antes da conclusão de nossos estudos.

Balaão disse mais algumas preciosas verdades sobre o povo de Deus. Ele não apenas os justifica pela Sua graça, mas também habita entre eles. *“O Senhor, seu Deus, está com ele”*.

A nuvem sobre o Tabernáculo era prova deste fato. Nós temos algo melhor do que Israel jamais imaginara. O Santo Espírito está conosco. Em 1 Coríntios 6.20 aprendemos que Ele habita no corpo de cada crente, individualmente, e em 1 Coríntios 3.16, lemos que os santos constituem, coletivamente, o Seu templo. *“Não sabeis que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”*

Essa é a maior, e a tão esquecida, verdade da nossa dispensação, das maiores maravilhas, uma das bênçãos mais ricas e praticamente esquecida! Quanto poder foi visto na igreja no Pentecoste! Quanto poder seria experimentado se os santos de Deus acordassem para o fato de que o Seu Espírito ainda habita em nós!

Em 1 Coríntios 14.23-25 Paulo mostra a possibilidade de um visitante estar entre os irmãos e ficar tão impressionado com o poder operante ali que os segredos de seu coração se lhe tornariam manifestos e, assim, ele se prostraria e louvaria a Deus e testemunharia que, de fato, Deus estava entre o Seu povo!

“No meio deles se ouvem aclamações ao seu Rei”, acrescentou Balaão. Isto é uma antecipação. Deus já habitava entre eles pelo Tabernáculo, mas o Rei ainda virá, no futuro. não é Davi que está sendo mencionado, muito menos Saul, mas Cristo. Ele é o Rei ungido por Jeová (1 Samuel 2.10). Um dia, Ele reinará *“no monte Sião e em Jerusalém; perante os Seus anciãos haverá glória”* (Isaías 24.23).

“Deus os tirou do Egito; as forças deles são como as do boi selvagem”. Que vergonhoso é lembrar que os israelitas disseram a respeito dos gigantes que moravam na terra, falando que eram como gafanhotos à vista deles! *“Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós”*.

Se eles tivessem comparado a força dos cananeus com a de Deus que os havia tirado do Egito eles teriam falado de forma diferente, mas Deus não estava nos seus pensamentos (Números 13.30-33). Calebe e Josué não tinham medo algum do inimigo e os dois viveram para usufruir a bênção da terra prometida pelo Senhor. Sempre que nós falamos da nossa falta de poder, devemos nos envergonhar. Com o Espírito Santo habitando em nós nunca há falta de poder, mas, frequentemente, o que há é falta de fé para usar este poder.

Tendo dito todas estas coisas maravilhosas sobre o povo de Deus - um povo divinamente abençoado e justificado, cujas promessas recebidas de Deus eram imutáveis, um povo no qual Deus habitava em plenitude de poder, Balaão teve que tornar publicamente conhecido que as influências infernais que ele havia invocado sobre Israel eram impotentes. *“Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel; que coisas Deus tem feito!”* (Números 23.23).

O povo de Deus seria triunfante sobre qualquer inimigo e um permanente monumento da graça divina. *“Eis que o povo se levanta como leoa, e se ergue como leão; não se deita até que devore a presa, e beba o sangue dos que forem mortos”*.

Miqueias 5.8-9 usa uma linguagem similar se referindo ao triunfo final de Israel nos dias futuros: *“O restante de Jacó estará entre as nações, no meio de muitos povos, como um leão entre os animais das selvas, como um leãozinho entre os rebanhos de ovelhas, o qual, se passar, as pisará e despedaçará, sem que haja quem as livre. A tua mão se exaltará sobre os teus adversários e todos os teus inimigos serão eliminados”*.

O nosso triunfo final está profetizado em Romanos 16.20: *“E o Deus da paz em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás”*. Quando o último Adão reduzir a nada o persistente perturbador da paz, a Igreja estará manifesta com Ele..

Sobre Jacó e Israel foi dito: *“Que coisas Deus tem feito!”* E sobre a Igreja está escrito que nos *“séculos vindouros, Ele mostrará a suprema riqueza da Sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus”* (Efésios 2.7).

oOo

A beleza e a ordem do povo de Deus

Se não tivéssemos já aprendido sobre a teimosia da carne, ficaríamos impressionados de saber que Balaque e Balaão tentaram mais uma vez trazer desastre sobre Israel.

Balaque estava muito nervoso pelo que tinha sido obrigado a ouvir, mas, depois de dizer a Balaão, *“nem o amaldiçoarás, nem o abençoarás”*, ele acrescentou imediatamente: *“Ora vem, e te levarei a um outro lugar; porventura parecerá bem aos olhos de Deus que dali o amaldições”*.

Isto é óbvia e completa perversidade. O Senhor Jeová já se havia oposto aos seus planos por duas vezes e ele ainda estava determinado a fazer um outro esforço para amaldiçoá-los, sem nenhuma objeção da parte de Balaão. Os adversários de Deus nunca foram mais persistentes no seu ódio do que no trecho que estamos considerando!

O novo lugar de onde veriam o povo era *“o cume de Peor, que olha para a banda do deserto”*. Desta vez, Balaão seria constrangido a dar uma maravilhosa descrição do povo, assim como Deus os via; mas o

povo ainda não estava em Canaã, descansando na posse das bênçãos prometidas; eles estavam no deserto.

Quando examinamos as Epístolas do Novo Testamento, encontramos maravilhosas descrições dos santos de Deus, não apenas de como eles serão na glória celestial, mas também do que eles são hoje, enquanto ainda neste mundo mau! Deus vê os Seus santos “*em Cristo*” e, “*segundo Ele é, também nós somos neste mundo*” (1 João 4.17).

Balaão estava agora plenamente convencido de que era inútil se voltar para buscar mais encantamentos. Ele tinha provado, por experiência própria, que os poderes do inferno não têm nenhum valor contra o poder de Deus e nada poderia separar o coração de Deus do povo que Ele escolhera. Isto deveria ter produzido nele um espírito quebrantado e contrito, mas, infelizmente, não teve tal efeito! A tragédia (dele mesmo, não de Israel) caminhava mais e mais para o seu final.

Em Números 24.2 lemos: “*Veio sobre ele o Espírito de Deus*”. Isto talvez choque a alguns, que talvez não tenham entendido a diferença de ser nascido do Espírito e, portanto, ser habitação permanente do Espírito, e de ter o Espírito vindo sobre si individualmente.

Desde que Cristo cumpriu Sua missão sacrificial e subiu ao céu, o Espírito Santo é o dom de Deus dado por amor a todos os crentes, sem distinção alguma. Apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres não mais do Espírito Santo em si mesmos do que o mais humilde dos filhos de Deus. Mas, diferente do que ocorre em nossos dias, algumas vezes lemos no Antigo Testamento que o Espírito Santo veio sobre alguns homens para executarem um trabalho especial. Isto é um ato soberano de Deus, independente de conversão.

Assim nos dias de veio sobre Otniel (Juizes 3.10) e sobre o profeta Azarias nos dias de Asa (2 Crônicas 15.1). Estes eram verdadeiros santos de Deus, mas nós também lemos que o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul e também sobre o próprio rei (1 Samuel 19.20-24). Nenhum destes era santo, porque o assassinio estava em seus corações todo o tempo. Em 2 Crônicas 35.21, encontramos Deus falando ao piedoso (mas mal instruído) rei Josias por intermédio do pagão rei do Egito.

Em Números 24, portanto, nós vemos o Espírito de Deus vindo sobre um servo de Satã particularmente maligno, tendo-o completamente sob o seu controle e impelindo-o a descrever com belas palavras a beleza do povo de Deus, assim visto pela graça de Deus!

Que maravilhosa demonstração da superioridade de Deus sobre todo o poder do inimigo quando nós consideramos que o profeta desejava muito dizer o oposto do que dizia!

Tais palavras chegam com um impacto muito maior aos nossos corações porque saíram da boca de um homem como Balaão, ao invés de virem de Moisés, que amava ao povo e procurava o seu bem de qualquer maneira!

Balaão abriu seu terceiro discurso em termos peculiarmente solenes. Ele descreveu sua própria posição em relação a Deus e às maravilhosas palavras que ele haveria de pronunciar.

“Palavra de Balaão, filho de Beor, palavra do homem de olhos abertos; palavra daquele que ouve os ditos de Deus, que tem o conhecimento do Altíssimo, que tem a visão do Todo-Poderoso, e que está caído, porém de olhos abertos” (Números 24.3-4 – Darby).

O homem estava cômico de que por meio de seus olhos divinamente abertos, ele contemplava coisas pelas quais seu coração não tinha interesse.

Enquanto descrevia as bênçãos e o triunfo final do povo que ele odiava, ele sabia que era um homem caído. Não *“prostrado”* apenas, como diz a Versão Atualizada, mas definitivamente caído (como na versão de Darby). Este homem privilegiado, porém perverso, caiu na ruína eterna.

Devem, os fazer uma pausa aqui e lançar uma pergunta aos nossos corações. Não é possível para nós *“vermos”*, de maneira intelectual, e até falarmos das coisas preciosas de Deus, sem ter nossos corações movidos por elas? Enquanto lemos a Palavra de Deus e conseguimos entender os Seus ensinamentos, devemos exercitar o coração e a consciência para que a verdade se apegue firmemente a nós, moldando e influenciando nossas vidas.

“Sendo iluminados os olhos do vosso coração” é o que quer dizer Efésios 1.18. Sendo filhos de Deus, não negligenciemos o aviso que nos é dado por meio de Balaão pelo manuseio desrespeitoso e sacrílego das coisas preciosas de Deus.

“Levantando Balaão os olhos, e vendo Israel acampado segundo as suas tribos” (verso 2), ele disse: *“Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! E as tuas moradas, ó Israel!”* (verso 5). Se lermos seu discurso completo, e com cuidado, veremos que Balaão começa falando daquilo que cobria o povo antes de falar do povo propriamente dito. Nós não lemos os pronomes *“ele”* e *“seus”* até chegarmos ao verso 7. Esses detalhes devem ser notados.

Em Êxodo 26, nas instruções acerca do Tabernáculo e de seus móveis, as várias coberturas são descritas como sendo o tabernáculo (verso 6), a tenda (verso 7) e as coberturas (v. 14). Os versículos 1 a 6 falam das dez finas cortinas de linho retorcido, estofado azul, púrpura e carmesim, formando o *“Tabernáculo”*; nos versículos 7 a 13 temos as onze cortinas de pelos de cabra, que são chamados de *“tenda”*; e o verso

14 nos fala das cobertas de peles de carneiros tintas de vermelho e das cobertas de peles de animais marinhos.

Todas estas coisas falam a Deus de Cristo, cuja perfeição pessoal cobre Seu povo e garante as bênçãos sobre eles. Quão sugestivas são, portanto, as palavras de Balaão! *“Que boas são as suas tendas, ó Jacó! As tuas moradas [tabernáculos], ó Israel!”* Porém, o infeliz homem era incapaz de apreciar por si mesmo a doçura das palavras que pronunciava!

O terceiro discurso de Balaão é muito completo. Ele está descrevendo a beleza e a ordem do povo, da forma como Deus o via. Aqui temos um resumo do discurso:

Quanta unidade! – *“As tribos”* – v. 2;

Quanta ordem! – *“Acampado... segundo as suas tribos”* – v. 2;

Quanta beleza! – **“Vales”, “jardins”** – v. 6;

Que fragrância! – *“Sândalo”* (ou aloés) – v. 6;

Quanta dignidade! – *“Cedros”* – v. 6;

Quanta suficiência! – *“Junto às águas”* – v. 6;

Quanta abundância! – *“Águas manarão”* – v.7;

Quanto poder! – *“Boi selvagem”; “leão”* – vs. 8 e 9.

Quanta unidade! – As doze tribos eram unidas como uma só. O rompimento que ocorreu depois da morte de Salomão não foi curado até hoje. As tribos serão reunidas pelo som da trombeta, por ocasião do aparecimento do Senhor Jesus (Mateus 24.31; Isaías 11.12). Então se dirá: *“Como é bom e agradável que os irmãos vivam em união”* (Salmo 133.1).

A unidade entre os santos de Deus em nosso período é mis íntima do que o das tribos de Israel. O Espírito de Deus desceu dos céus no Pentecoste e nos uniu. Hoje, existe na terra um maravilhoso organismo espiritual, chamado o Corpo de Cristo. Todos os membros vivem em união com o Cabeça, glorificado nos céus, e todos estão em união uns com os outros.

Se todos tivessem fé nesta verdade, e vivessem sobre ela, cada verdadeiro cristão abandonaria as organizações eclesiais da Cristandade, e nunca mais se ouviria falar de divisões de nenhum tipo.

Quanta ordem! – Balaão viu Israel habitando em tendas, *“segundo as suas tribos”*. Nosso Deus é um Deus de ordem.

Quando os cinco mil foram alimentados, nãoa lhes foi dito que sentassem conforme melhor lhes parecesse. O Senhor Jesus disse: *“Fazei-os sentar-se em grupos de cinquenta”*.

O acampamento de Israel durante a peregrinação era planejado pelo próprio Jeová. As tribos estavam dispostas em volta do Tabernáculo em quatro grupos de três tribos cada, sob os seus respectivos estandartes (Números 2).

E no Corpo de Cristo cada membro foi divinamente colocado no seu lugar e nutrido com os infinitos recursos do Cabeça, nos céus, tendo tudo aquilo que necessita para a bênção e desenvolvimento do Corpo como um todo. *“Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no Corpo, como Lhe aprouve”* (1 Coríntios 12.18). *“Todo o corpo, bem ajustado e consolidado, pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”* (Efésios 4.16).

Quão triste é ver a ordem da Igreja, criada por Deus, agora empobrecida a ponto de ser comparada com as máquinas inventadas por homens.

Quanta beleza! – *“Como vales que se estendem, como jardins à beira dos rios”*. Que quadro maravilhoso! O que é mais bonito do que um vale? O que é mais atraente do que um jardim? O primeiro sugere encanto, amabilidade, o que Deus sempre procura em Seu povo, e o outro sugere cultivo.

Em Cantares 4.12, o esposo diz: *“Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada. Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes. E a esposa responde: “Ah! Venha o meu amado para o seu jardim, e coma os seus frutos excelentes! Ele aceita o convite: “Já entrei no meu jardim, minha irmã, minha noiva”*.

Israel era o jardim que Deus cultivava na antiga dispensação; hoje, o jardim que Deus cultiva é a Sua Igreja. Veja as palavras do apóstolo em 1 Coríntios 3.9: *“Porque somos lavoura de Deus”*. Cada santo, individualmente, é uma planta Sua, tratada com carinho e infinita sabedoria e amor. Para meros religiosos, o Senhor Jesus uma vez disse: *“Toda planta que Meu Pai celestial não plantou será arrancada”* (Mateus 15.13).

Uma outra imagem da beleza de Israel é encontrada em Ezequiel 16. O Senhor está mostrado ao povo como eles têm sido infiéis e ingratos, depois de tudo o que Deus fez por eles. Ele compara Israel com uma criança abandonada que Ele adotou e alimentou com carinho e cuidado. *“Correu a tua fama entre as nações, por causa da tua formosura, pois era perfeita, por causa da Minha glória que Eu pusera em ti, diz o Senhor Deus”* (verso 14).

Moisés, no Salmo 90, diz: *“Seja sobre nós a graça do Senhor nosso Deus”*. *“Teu lindo rebanho”*, diz o Senhor em Jeremias 13.20, censurando os negligentes líderes do povo.

Nós, os crentes em Cristo, estamos perante Deus em toda a perfeição e aceitabilidade do Senhor Jesus perante Ele. Em Colossenses 3.12, o apóstolo usa, em relação aos cristãos, os mesmos termos que são usados em outras passagens em relação a Cristo, o *“eleito de Deus, santo e amado”*.

Compare com Isaías 42.1: *“Eis aqui o Meu servo, a quem sustenho; o Meu escolhido, em Quem a Minha alma se compraz”*. Também com Atos 2.27: *“Não permitirás que o Teu santo veja a corrupção”*. E com Mateus 3.17: *“Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”*.

Visto que Deus em Sua graça fala de nós o mesmo que fala de Cristo, nós devemos *“andar com Ele andou”* (1 João 2.6). Aqueles que são lindos perante Deus também deveriam ser lindos perante os homens. Nosso procedimento deveria corresponder à nossa posição.

Que fragrância! – *“Como árvores de aloés [ou sândalo] que o Senhor plantou”*. Aloés era uma árvore usada para aromatização (como incenso). Sua madeira, quando queimada, produz um suave perfume. No Salmo 45, que descreve o grande Rei vindo e sua majestade, lemos: *“Todas a Tuas vestes recendem a mirra, aloés e cássia”*.

Alguém disse que a árvore de aloés é uma imagem daquilo que é amável, aromático, florescente e incorruptível. Como é maravilhoso ver que o Senhor escolheu esta árvore para representar fragrância de Seu povo perante Ele!

Quando José de Arimateia e Nicodemos tiraram o corpo de nosso bendito Senhor da cruz, eles o envolveram em lençóis, com cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés (João 19.39-40).

Pelo mesmo princípio, Ele ordenou a Moisés que pusesse incenso puro sobre cada uma das doze fileiras de pão que ficavam perpetuamente sobre a mesa da proposição no santuário (Levítico 4.7). O incenso sobre a oferta de manjares tipifica o sacrifício de Cristo a Deus (Levítico 2.2). O incenso sobre os pães da proposição nos ensina que o povo de Deus, *“em Cristo”*, é de uma fragrância tão agradável quanto a dEle.

Este pensamento deveria ter um profundo efeito sobre as nossas vidas. À medida que nos ocupamos com Deus e com Cristo, nossas vidas serão de agradável aroma àqueles que nos cercam. Eles se conscientizarão, por nossas palavras e atos, que estamos ligados intimamente a Deus.

A própria face de Moisés quando ele desceu do Monte Sinai revelava que ele estivera na presença de Deus (Êxodo 34.29).

Quanta dignidade! – *“Como cedros junto às águas”*. Na descrição do noivo (Cristo) em Cantares 5.15 lemos: *“O seu aspecto é como o Líbano, esbelto como os cedros”*.

No terceiro discurso de Balaão, a mesma imagem de firmeza e dignidade é aplicada a Israel. Nunca houve sobre a terra uma nação tão nobre. Eles tinham um relacionamento especial com Deus, separados de todos os outros; eles tinham as Suas palavras; eles constituíam o pivô de Seus caminhos no governo e bênção da terra (Salmo 147.19-20).

Infelizmente, o coração do povo nunca entendeu de fato a realidade deste privilégio!

Nesta era, enquanto Israel está alienado de Deus, os cristãos são os cedros de Deus. Todo crente no Senhor Jesus é uma pessoa muito nobre – assim considerada por Deus! É um filho e um herdeiro de Deus. Está em relacionamento mais íntimo com Deus do que o mais exaltado dos seres angelicais, pois ele é um membro da família real de todo o Universo.

Ele será manifestado em glória e majestade com o Filho Primogênito quando Ele vier como Rei dos reis e Senhor dos senhores para reinar. O mundo ficará maravilhado quando o Senhor se manifestar em tamanha glória naquele dia.

Tudo isto é uma verdade para cada cristão, sem distinção, mas o mundo não entende estas maravilhas. *“Por esta razão o mundo não nos conhece, porquanto não conheceu a Ele mesmo”* (1 João 3.1). O senso da maravilha da graça divina nos dá dignidade moral em nosso testemunho aos homens.

Orgulho carnal, pretensão e coisas como estas são odiosas perante Deus, mas a dignidade moral que resulta da apreciação da Sua graça é aceitável diante dEle.

Quanta suficiência! – *“Plantou... junto às águas”*. Deus planta de maneira justa; os homens, nem sempre. Deus sabe que Suas plantas precisam de nutrientes e Ele as põe onde elas possam encontrá-los e providencia mais a elas quando já possam absorvê-lo.

Em Colossenses 2.7 há uma passagem que sugere árvores: *“Nele radicados e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos”*. O ato de nos enraizar é divino; Ele enraizou Seus santos um vez por todas em Cristo. Então, como árvores, nós crescemos e nos fortalecemos à medida que trazemos para nós mesmos os nutrientes divinamente providos.

Esta é nossa responsabilidade e é um processo. Não há nenhuma imperfeição na parte divina. *“Os ribeiros de Deus são abundantes de água”* e eles enriquecem grandemente a todos aqueles que os usam (Salmo 65.9-10). Em Cristo *“habita toda a plenitude da Divindade”* e nEle, o Cabeça, somos completa e plenamente cheios (Colossenses 2.9-10).

Um dos grandes objetivos de Paulo ao escrever a Epístola aos Colossenses foi mostrar que os cristãos não precisam, e não devem, buscar qualquer coisa fora de Cristo. Havia, em Colossos, algum perigo a este respeito. Alguém havia mostrado outras coisas e havia dito a eles que as “adicionassem” à sua vida cristã. *“Cristo é tudo”*, diz o apóstolo em 3.11.

O povo de Israel, apesar de plantado junto às águas – ou seja, estando em relacionamento direto com Jeová – frequentemente virava as costas a Ele, para seu próprio prejuízo, assim como para a desonra de Deus.

Mas está chegando o dia no qual Israel se voltará Àquele que tão gravemente negou. Eles verão Deus em Cristo, e então será dito: *“O Senhor te guiará continuamente, fartará a tua alma até em lugares áridos, e frutificará os teus ossos; serás como um jardim regado e como um manancial, cujas águas jamais faltam”* (Isaias 58.11).

Em Jeremias 31.12 também é dito: *“Hão de vir e exultar na altura de Sião, radiantes de alegria por causa dos bens do Senhor, do cereal, do vinho, do azeite, dos cordeiros e dos bezerros; a sua alma será como um jardim regado e nunca mais desfalecerão”*. Vamos evitar cair no erro de Israel e *“não reter o Cabeça, do qual todo Corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus”* (Colossenses 2.19).

Quanta abundância! – Aqueles que recebem das fontes infinitas de Deus têm algo a dar aos outros. Eles recebem muito mais do que podem conter.

Balaão disse (mesmo sem entender o que dizia): *“Águas manarão de seus baldes, e as suas sementeiras terão águas abundantes”*. Se Balaque tivesse entendido o que ele estava ouvindo, ele não teria nenhum medo de Israel. O povo deveria ser uma bênção para todas as nações; eles deveriam espalhar o conhecimento do único e verdadeiro Deus e compartilhar com os outros a Sua graça.

Quão cruelmente os judeus perseguiram Paulo porque ele levou o Evangelho aos gentios! *“Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!”* (Atos 22.22). Na época do Reino, a atitude de Israel irá mudar completamente. O belo Salmo 67 expressa a alegria das pessoas em compartilhar suas bênçãos com as nações à sua volta. Miqueias 5.7 diz: *“O restante de Jacó estará no meio de muitos povos, como orvalho do Senhor, como chuvisco sobre a erva, que não espera pelo homem, nem depende dos filhos dos homens”*.

Enquanto Israel está seco e estéril, sem bênçãos de Deus, sendo como maldição para o mundo, ao invés de bênção (Jeremias 26.6), os crentes em Jesus têm em si mesmos uma *“fonte a jorrar para a vida eterna”* (João 4.14) e *“do seu interior fluem rios de água viva”* (João 7.38).

Este é o poder do Espírito Santo, tornando Cristo vivo em cada cristão e tornando-o capaz de comunicar aos outros aquilo que enche o seu coração. A palavra “balde” sugere energia em movimento. O que nós temos feito em relação a isso? Nós temos enchido nossos baldes com as coisas boas de Deus e temos distribuído às pessoas à nossa volta?

Mais que isso, temos nós avançado na vida espiritual, a ponto de precisarmos de baldes maiores do que aqueles que nós temos? Temos feito “carregamentos” cada vez maiores, espalhando-os abundantemente?

“Pais” e “jovens” devem ter seus baldes maiores do que os “filhinhos” (1 João 2.12-29). “Suas sementeiras terão águas abundantes”. Isto expressa a universalidade do serviço e o testemunho de Deus. “As águas... são povos, multidões, nações e línguas” (Apocalipse 17.15).

Quanto poder! – O poder vitorioso do povo de Deus, quando Cristo tomar Seu lugar como Cabeça, é o tema do discurso final de Balaão, e ele conclui o seu terceiro pronunciamento referindo-se a este assunto: o Rei e Seu reino surgindo diante da visão do profeta. “Seu Rei se levantará mais do que Agague, e o Seu reino será exaltado”.

O Rei aqui mencionado é Cristo, mais alto do que os mais altos reis da terra. Balaão descreve o poder de Deus agindo entre o Seu povo e para o Seu povo. **“Deus tirou do Egito a Israel, cujas forças são como as do boi selvagem; consumirá as nações, seus inimigos, e quebrará seus ossos, e com as Suas setas os atravessará”** (verso 8).

Pela segunda vez é feita uma referência à grande libertação do Egito. O Deus que quebrou o poder do inimigo naqueles dias, quebrará o poder de inimigos até mais poderosos, nos dias futuros (Miqueias 5.8).

Em Números 24.9, Balaão foi constrangido a reafirmar duas profecias antigas sobre Israel. Jacó disse sobre Judá em Gênesis 49.9: “Judá é leãozinho, a presa subsiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará? E Balaão disse: *“Este abaixou-se, deitou-se como leão e como leoa; quem o despertará?”*

O Senhor disse a Abraão em Gênesis 12.3: *“Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”*. E Balaão disse: *“Benditos os que te abençoarem e malditos os que te amaldiçoarem”*.

Desta forma, Deus confirmou Sua palavra pelos lábios de um inimigo cruel e implacável!

Se os santos de Deus na terra são inconquistáveis e superiores a toda a malícia do inimigo, muito mais abençoados são os santos celestiais de Deus. Nós estamos estabelecidos perante Ele no Cristo vitorioso e o Santo Espírito habita em nós, tato individual como coletivamente. Assim, nossas bênçãos são plenas e seguras, e o poder é abundante. Que a nossa fé também o seja!

oOo

A mão

repressora

O fato de Balaque esperar para ouvir ainda mais dos lábios de Balaão é um pouco surpreendente. Mas nós sabemos que a mão de Deus estava nisso tudo, por Suas próprias razões.

Balaque ficou grandemente desapontado com as duas primeiras bênçãos de Balaão e, depois de ouvir o terceiro discurso, no qual o povo que ele odiava foi descrito não só como santificado e justificado, mas também amável aos olhos de Jeová, ele ficou furioso. *“Então a ira de Balaque se acendeu contra Balaão, e bateu ele as suas palmas. Disse Balaque a Balaão: “Chamei-te para amaldiçoares os meus inimigos; porém gora já três vezes os abençoaste”* (Números 24.10).

Agora, ele desejava livrar-se de seu visitante. Ele poderia ter querido matar a Balaão em sua fúria, mas um final diferente fora divinamente preparado para o falso profeta. Além disso, a mensagem completa de Deus ainda não havia sido entregue.

Balaque disse a Balaão que voltasse à sua terra, acrescentando: *“Eu dissera que te cumularia de honras, mas eis que o Senhor te privou delas”*. A isto o pobre e cobiçoso coração de Balaão tinha de dizer “Amém”.

E lembramos de suas palavras aos mensageiros que foram procurá-lo em sua casa, na Mesopotâmia: *“Tornai à vossa terra, porque o Senhor recusa deixar-me ir convosco”* (Números 22.13).

Assim, se Balaque estava desapontado com o resultado de toda a trama, Balaão lamentava em extremo o que acontecera. Mas o rei que chamara Balaão não pôde despedi-lo quando quis.

Ele já tinha ouvido muitas coisas que não desejava ouvir, mas ele precisava ouvir ainda mais. O seu próprio reino, Moabe, ainda não havia sido mencionado e a hora de mencioná-lo havia chegado.

O rei de Moabe, nós pensaríamos, poderia simplesmente ter ido embora depois de dizer aquelas palavras a Balaão, mas o Senhor o segurou ali. Não há outra explicação para a sua permanência ali por mais alguns instantes.

Além disso, como poderíamos explicar seu silêncio quando Balaão falou claramente do desastre definitivo que cairia sobre a sua nação?

Os inimigos do povo de Deus se haviam levantado contra Israel, tinham-se levantado em grande esforço, e organizaram uma grande discussão sobre o futuro do povo.

Agora o Senhor iria devolver Sua resposta completa e Balaque deveria ouvi-la integralmente. Os quatro discursos juntos nos dão toda a história da graça do Senhor desde a libertação da escravidão no Egito até a glória e supremacia no Milênio.

É delicioso para nossas almas observar o traçado da graça de Deus, porque o Deus de Israel é também o nosso Deus e Ele, que foi tão fiel a eles, apesar de sua constante desobediência, será fiel a nós também.

Podemos crer nisto! Seus caminhos com Israel os guiam até a terra prometida para possessão eterna com Cristo como seu Rei; Seus caminhos conosco nos levam até a casa do Pai nos céus.

Balaão relembra a Baraque o que ele havia dito no início de tudo, isto é, que mesmo que Balaque lhe desse sua casa cheia de prata e ouro, ele só poderia dizer o que o Senhor pusesse em sua boca e ainda ele acrescentou: *“Agora, eis que vou ao meu povo; vem, avisar-te-ei do que fará este povo ao teu, nos últimos dias”*.

Balaque não tinha vontade nenhuma de continuar ouvindo e Balaque não tinha vontade nenhuma de continuar falando, mas, tendo sido invocados os poderes do inferno contra o Seu povo escolhido, o Senhor Jeová tomou a iniciativa e iria levar o assunto até ao final. E não um final qualquer, mas o final que Ele quisesse e quando Ele quisesse.

Reprimido pela mão de Deus, Balaque foi obrigado a escutar uma memorável predição da catástrofe militar e final que acometerá a terra. “Os últimos dias” estão agora, à nossa vista.

oOo

“Os últimos dias”

A voz de Balaão já foi banida da terra há muito tempo. Houve um intervalo de cerca de 35 séculos entre os seus dias e os nossos e, mesmo assim, naquele dia em Moabe Deus falou de coisas que ainda estão por vir. Quem conhece o futuro, além de Deus?

Na nossa percepção, existe o “ontem”, o “hoje” e o “amanhã”. Mas para Deus o mais distante futuro é tão vívido e conhecido como o presente. Ele é o grande “Eu sou” (Êxodo 3.14). que “chama à existência as coisas que não existem” (Romanos 4.17).

Em sua controvérsia com Israel com relação aos ídolos pelos quais eles tão facilmente se desviavam, o Senhor, em Isaías 41.23, desafia as atividades dos pagãos a anunciarem *“as coisas que hão de acontecer”*. Assim, elas provariam se eram divinas, de fato. *“Eu sou Deus, não há outro semelhante a Mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam;*

que digo: Meu conselho permanecerá de pé, farei toda a Minha vontade” (Isaiás 46.9-10).

Os políticos da terra andam tateando no escuro. Eles podem ver as coisas apenas como são no momento; suas implicações definitivas estão ocultas aos seus olhos. Mas os filhos de Deus que tenham a preocupação de estudar as Escrituras sabem para onde a situação tende a chegar e qual será o resultado delas.

A maior parte da Bíblia se preocupa com a grande crise que se aproxima a cada dia, quando Deus manifestará em glória o Seu Escolhido, e então colocará tudo aos Seus pés. Homens que não conhecem a Deus, para os quais a Bíblia é um livro selado, não têm recurso nenhum em suas ansiedades, além de alianças e tratados.

Os santos de Deus, instruídos pelo Santo Espírito, não depositam a sua confiança em nenhum destes artificios humanos, mas esperam em Cristo. Este é o efeito apropriado do estudo de profecias. “*Chifres*” e “*bestas*” podem ser muito interessantes e fornecem muito material para discussão, mas o alvo do Espírito de Deus em mostrar-nos o futuro é separar-nos da má ordem mundial esperada pelos homens e fixar nossas mentes em Cristo.

Balaão abriu seu último discurso falando novamente de seus privilégios, de maneira mais completa do que em seu terceiro pronunciamento. É doloroso ler suas palavras e ver que alguém tão favorecido pereceu eternamente. “*Palavra de Balaão, filho de Beor, palavra do homem de olhos abertos, palavra daquele que ouve os ditos de Deus, e sabe a ciência do Altíssimo; daquele que tem a visão do Todo-Poderoso e prostra-se, porém de olhos abertos*” (Números 24.15-16).

Alguns poderiam dizer, claro que um homem como este era nascido do Espírito Santo, apesar de ser perverso em seus caminhos, como nós somos frequentemente. Mas o Novo Testamento nos mostra que pessoas podem ser participantes de privilégios ainda maiores do que Balaão e, mesmo assim, não estarem em condições de regenerados ou mesmo levados ao arrependimento. Hebreus 6.4-5 fala de tais pessoas:

- 1) “*iluminados*”;
- 2) “**provaram o dom celestial**”;
- 3) “*se tornaram participantes do Espírito Santo*”;
- 4) “*provaram a boa palavra de Deus*”;
- 5) “*e os poderes do mundo vindouro*”.

Todas estas bênçãos independentes da vida eterna e da fé em Cristo. Se o item “*participantes do Espírito Santo*” apresenta alguma dificuldade para ser entendido por alguns, deixe-me explicar. Esta é

uma referência ao fato de que a assembleia é a habitação do Espírito Santo (1 Coríntios 3.16). Todos os que tiverem tais pessoas em sua companhia, com comunhão real ou não, estarão na presença da Pessoa Divina.

Que nenhum de nós fique contente com bênçãos externas, não importa quão boas elas possam ser. O essencial é a fé no Filho de Deus, de coração. A menor fé depositada nEle é infinitamente melhor do que conhecimento bíblico e privilégios da comunhão nas igrejas. O caso de Balaão era dos mais sérios por causa da luz que brilhava nos seus passos, sem nunca penetrar em sua alma.

É comum vermos os profetas falarem do futuro usando o tempo presente, como se os grandes acontecimentos estivessem se passando diante deles. É desta forma que Davi fala, no Salmo 45, do grande Rei como se Ele estivesse naquele momento cavalgando em majestade; e em Isaías 53 o profeta fala do sofrimento do Messias como se Ele estivesse naquele momento na terra, experimentando aquelas aflições nas mãos dos homens.

Assim também Balaão diz em seu quarto discurso: “Vê-IO-ei, mas não agora; contemplá-IO-ei, mas não de perto”. Em visão profética ele viu a Cristo, mas o Senhor Jesus não pôde dizer a Balaão o mesmo que disse aos judeus sobre Abraão: “*Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o Meu dia, viu-o e regozijou-se*” (João 8.56).

Não foi do agrado de Balaão ver a Cristo e ser constrangido a descrever o grande dia em que Ele iria exaltar o povo que Balaque odiava, e destruir os seus inimigos, incluindo Moabe. Por isso, ele disse: “*Ai, quem viverá quando Deus fizer isto?*” (Números 24.23). Isto soa como um lamento de desapontamento e desespero.

Vejamos novamente as palavras de Balaão: “**Vê-IO-ei, mas não agora; contemplá-IO-ei, mas não de perto**”. Ele tinha a visão de uma Pessoa gloriosa à qual não podia se aproximar. Que dever solene, o de manter distância eterna! Proximidade a Cristo é um privilégio! Quando Ele vier a fim de reinar, “*à Sua direita estará a rainha adornada de ouro finíssimo de Ofir*” (Salmo 45.9). Esta é uma figura de Israel: “*Um povo que Lhe é chegado*” (Salmo 148.14). “*Naquele dia, diz o Senhor, ela Me chamará: meu marido; e já não Me chamará meu Baal [Mestre]*” (Oseias 2.16).

A Igreja estará numa posição ainda de maior proximidade. Ela será eternamente o Corpo e a Noiva de Cristo e compartilhará da Sua glória celestial, o que é imensuravelmente mais maravilhoso do que qualquer coisa que Israel experimentará na terra prometida.

Falando sobre a vinda de Cristo, Balaão disse: “*Uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro*”. Aqui nós temos dois aspectos da Sua vinda. A estrela é para ser observada e a Igreja foi

chamada a conhecê-lo durante a “longa e escura noite”, enquanto Israel persiste em obstinada incredulidade.

Em Apocalipse 22,16, Jesus diz: *“Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante Estrela da Manhã”* e, ao vencedor de Tiatira Ele não apenas prometeu autoridade sobre as nações, mas acrescentou: *“Dar-lhe-ei ainda a Estrela da Manhã”* (Apocalipse 2.28).

Pedro distingue entre a luz da palavra profética e a da Estrela da Manhã em sua carta: *“Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a Estrela da Manhã nasça em vossos orações”* (2 Pedro 1.19). A Igreja O verá no despertar do grande dia antes que o Sol brilhe em majestade e glória (Malaquias 4.2).

Nós devemos estar sempre alertas sobre isto; devemos estar alertas em espírito assim como os sábios homens de Mateus 2.2 que disseram: *“Onde está o recém nascido Rei dos judeus? Porque vimos a Sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo”*. Enquanto outros dormiam, estes observadores rastreavam os céus, buscando algum sinal da chegada do Prometido. Deus graciosamente respondeu à sua fé e deu a eles uma estrela pra guiá-los no seu caminho.

Lembremos sempre das palavras do apóstolo Paulo em 1 Tessalonicenses 5.5-6: *“Vós todos sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios”*. Estamos vivendo no final desta dispensação. Os dias de hoje, tão cheios de erros lamentáveis e de sofrimentos desesperadores se aproximam do seu fim.

“E digo isto a vós outros que conheceis o tempo, que já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Romanos 13.11-12).

Voltando ao pronunciamento de Balaão, devemos notar todos os títulos divinos que foram postos na boca do profeta. Nos dois primeiros discursos ele falou de Deus (“El”) e do Senhor (“Jeová”). “Ele” sugere o Deus Criador e “Jeová” mostra Deus se relacionando. No último discurso, além de Todo-Poderoso, ele também usa o nome “Altíssimo” (Elyon).

O título Altíssimo é usado frequentemente nas Escrituras em conexão com o Reino Milenar. Ele nos ensina que Deus é maior do que todos os dignitários da terra. Ele os rebaixará a todos no mesmo dia, e irá dirigir o mundo como bem Lhe parecer. Quem tem mais condições de distribuir os territórios da terra e dividi-la em fronteiras do que Aquele que criou todas as coisas? Mas quão esquecida é esta verdade pelos chefes de Estado da terra!

Melquisedeque, que foi uma figura de Cristo como o Rei que virá, falou de Deus como o *“Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra”* (Gênesis 14.18-19). Em 4uteronômio 32, quando Moisés está mostrando ao povo de Israel como Deus distribuiu *“as heranças entre as nações e separou os filhos dos homens uns dos outros”*, ele também chama Deus de Altíssimo.

No Salmo 83, versículos 17 e 18, quando Asafe descreve a destruição final dos inimigos de Israel, ele diz: *“Sejam envergonhados e confundidos perpetuamente; perturbem-se e pereçam. E reconhecerão que só Tu, cujo nome é Jeová, és o Altíssimo sobre toda a terra”*.

Estes pensamentos são importantes e devem ser considerados com cuidado. A terra está cheia de confusão e tristeza porque os homens, no seu orgulho e egoísmo, dividem a terra segundo o seu próprio plano, para satisfazer sua própria ambição. Nos intervalos das brigas, quando as autoridades se ajuntam para discutir os termos de paz, Deus também não encabeça os seus pensamentos, e menos ainda o Homem que foi divinamente apontado para ser o Herdeiro de todas as coisas.

Novos tratados são feitos, com alianças aqui e ali, mas logo surgem novos conflitos porque os princípios de Deus não são respeitados. As nações ainda terão de aprender que Deus é o Altíssimo e que Ele tem o direito absoluto de dispor de tudo conforme a Sua vontade e, como o Todo-Poderoso, Ele é totalmente capaz de fazer cumprir a Sua vontade e esmagar qualquer oposição a ela.

Balaão foi levado a descrever as conquistas do divino Rei, quando Ele surgir, e mencionou primeiramente Moabe. *“Ele ferirá as temporadas de Moabe”*. Em Daniel 11.41, onde a destruição causada por um futuro rei do Norte é descrita (que não deve ser confundida com Goque – Ezequiel 38), lemos: *“Entrará também na terra gloriosa e muitos sucumbirão, mas do seu poder escaparão estes: Edom e Moabe, e as primícias dos filhos de Amom”*.

Por que estes antigos inimigos de Israel são mencionados especialmente para escaparem das pesadas mãos de tão terrível invasor? Porque o Senhor já havia decretado a destruição destas nações pelas mãos de Seu próprio povo. Isaías escreveu mais de um século antes de Daniel as seguintes palavras: *“Contra Edom e Moabe lançarão as suas mãos, e os filhos de Amom lhes serão sujeitos”* (Isaías 11.14).

Balaque estava sendo levado a entender que não era Israel que estava destinado à destruição, mas o seu ímpio povo de Moabe. E não apenas Moabe e seus aliados. Israel destruiria *“todos os filhos de Sete [ou tumulto]”*. Com estas palavras nós devemos ligar o trecho de Salmos 68.30: *“Dispersa os povos que se comprazem na guerra”*. O Deus da paz não vai tolerar para sempre os *“filhos do tumulto”*.

Terras devastadas, cidades arruinadas, casas destruídas, corações quebrados representam um triste espetáculo para Ele. Líderes egoístas, que são responsáveis por estes acontecimentos, que buscam o seu próprio engrandecimento não se importando com o alto custo que muitas vidas pagam, são abomináveis aos olhos do Deus da paz.

Quando a sétima trombeta soar (Apocalipse 11.15-18), um grande grito de triunfo será ouvido nos céus porque o Reino Mundial de nosso Senhor Jesus Cristo terá, finalmente, chegado. Sobre os vários efeitos da vinda do Rei está escrito: *“Destruirás os que destoem a terra”*. Mas os perturbadores da paz não irão desaparecer até aquele dia. Um poderá ser aniquilado, mas outro se levantará em algum outro lugar. Esta tem sido a triste história do mundo desde Ninrode, o primeiro tirano registrado nas Escrituras.

Israel (isto é, o remanescente) está destinado a executar um importante papel na subjugação dos inimigos de Deus e do Seu povo. Balaão disse: *“Edom será uma possessão; Seir, seus inimigos, também será uma possessão, mas Israel fará proezas”* (Números 24.18). A destruição das hostes ocidentais descrita em Apocalipse 19.19-21 e a subversão das hordas da Rússia e de seus aliados em Ezequiel 39 serão eventos que não terão mãos humanas como seus instrumentos, mas, contra os inimigos, é a intervenção divina usar o Israel resgatado.

Isto está perfeitamente claro em Zacarias 9.13, além de 12.6 e de outras passagens, incluindo Isaías 11.14 já mencionado.

Os filhos de Jacó, por tanto tempo pisados, se tornarão então como um leão entre as nações da terra, *“o qual, se passar, as pisará e despedaçará, sem que haja quem as livre”* (Miqueias 5.8). *“De Jacó sairá o dominador e exterminará os que restam das cidades”*.

Liderado por Cristo, que então será um “homem de guerra” (Êxodo 15.3; Salmos 143-5), o exército de Israel será invencível. Quando este juízo tiver sido derramado, Israel poderá dizer: *“Assim, ó Senhor, pereçam todos os Teu inimigos! Porém os que Te amam, brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor!”* (Juízes 5.31).

As palavras de Balaão no verso 19 pareciam um final. Que mais poderia ser adicionado a *“de Jacó sairá o dominador”* e à destruição do restante de todos os inimigos de Israel? Mas o Espírito de Deus ainda tinha mais a dizer em três pequenas frases. Quando Balaão viu a Amaleque, *“proferiu a sua palavra e disse: Amaleque é o primeiro das nações, porém o seu fim será destruição”*. Prestígio antigo, não importa quão importante possa parecer aos olhos humanos, não tem valor quando Deus se levanta em Seu poder.

Depois, Balaão *“viu os queneus, proferiu a sua palavra e disse: Segura está a tua habitação, e puseste o teu ninho na penha. Todavia, o*

queneu será consumido. Até quando? Assur te levará cativo” (Números 24.21-22).

Grandes fortificações, fortes fronteiras naturais e todo acúmulo de forças militares serão impotentes quando o dia do Senhor chegar, porque Ele é muito mais sábio e poderoso que os homens. Tudo entrará em colapso diante dEle.

Tais triunfos de Deus e do Seu povo não causavam alegria ao coração de Balaão. Por isso, ele abriu seu terceiro pronunciamento dizendo: *“Ai, quem viverá quando Deus fizer isto?”* Ele corretamente sentia que Sua intervenção iria varrer a terra de tudo o que enche os homens de orgulho e de vangloria.

Assim, em poucas palavras, ele falou do *“Armagedom”*, onde o último e terrível embate das nações está destinado a acontecer (Apocalipse 16.13-16). Esta será a guerra para acabar com todas as guerras. *“Homens virão das costas de Quitim em seus navios; afligirão a Assur e a Héber, e também eles mesmos perecerão”*. *“Quitim”*, falando estritamente, se refere à ilha de Chipre, hoje pertencente à Inglaterra. (N. do **E.**: Isto era verdade quando este livro foi escrito); mas, nas Escrituras, muitas vezes este termo é usado como uma menção geral do Ocidente (Jeremias 2.10), considerando que Israel é o centro da terra para Deus.

Em Daniel 11.30, Quitim, sem dúvida, simboliza o Império Romano. Assur, por sua vez, é a Assíria, de Isaías, o rei do Norte, de Daniel 11.40. Ele é inicialmente vitorioso durante a última crise mundial. *“Muitos países sucumbirão”* ao seu poder (Daniel 11.41), pois Jeová o usará como um dos Seus *“ferreiros”* (Zacarias 1.20-21).

Mas, tanto os assírios quanto os romanos estão destinados por Deus à destruição. O *“eles”* de Números 24.24 se refere aos últimos líderes do Império Romano (compare com Daniel 7.8), cujo cerne estará entre as nações da Europa Ocidental – Inglaterra, França, Itália, Espanha, etc.

Neste blasfemo tirano, com seu aliado, o falso profeta de Apocalipse 19.20 (o Anticristo), todo o mal chegará ao seu fim e ambos serão lançados do campo de batalha ao lago de fogo.

À luz dos terríveis acontecimentos já mais recentes (1939-1945), a ideia geral é que os maiores monstros da terra não se levantarão da Alemanha, mas os poderes aliados (exceto da Rússia), que se esforçaram e sofreram para vencê-la! Quão diferente poderia ser toda a história da terra se tivéssemos líderes e povos que agissem em humilde dependência de Deus!

A “doutrina de Balaão”

Em três Epístolas o Novo Testamento Balaão é lembrado a nós como um aviso. Pedro fala do “*caminho de Balaão*” (2 Pedro 2.15). Ele está escrevendo severamente sobre os falsos ensinadores – suas más doutrinas e caminhos perniciosos. O apóstolo, com olhos ungidos pelo Espírito Santo, podia ver homens do tipo de Balaão se levantando entre os cristãos após sua partida.

O capítulo todo (2 Pedro 2) deveria ser cuidadosamente estudado. A ideia de que homens santos como os apóstolos poderiam ter tais “sucessores” é terrível! Ensino ruim produz vida má.

O “*caminho de Balaão*” é o caminho do egoísmo e da teimosia. Havia um curso definido que ele desejava seguir, que lhe renderia um ganho substancial, caso ele tivesse sucesso, mas a sua alma nada sabia a respeito de humilde submissão a Deus. Estejamos avisados!

Sobre todas as coisas nós devemos ser cuidadosos quanto às doutrinas que cremos e ensinamos, mas a verdade de Deus deve ter “permissão” para nos moldar e anular qualquer partícula de teimosia. Até uma jumenta repreendeu a loucura de Balaão. Que nós, de modo nenhum, venhamos a merecer tais repreensões.

O apóstolo Judas em sua curta Epístola pronuncia um triplo “*Ai*” aos falsos pastores da igreja. “*Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Coré*” (verso 11). Note a progressão destas palavras: “*prosseguiram*”, “*precipitaram*” e “*pereceram*”. Os males da Cristandade estão diante de nós nesta solene passagem.

O “*caminho de Caim*” foi (simbolicamente) a rejeição de Cristo e de Sua morte como a única base para nos elevar a Deus. Multidões no mundo religioso do nosso tempo estão seguindo este exemplo destrutivo.

O “*erro de Balaão*” foi a corrupção do ministério para alcançar lucro pessoal. Balaão não teve falta de sucessores durante os séculos. Mercenários em abundância têm-se levantado, em nada buscando a glória de Deus, ou trazer bênçãos ao homem. Vantagem própria é o seu único alvo.

A “*revolta de Coré*” foi colocada fora de sua ordem cronológica pelo apóstolo Judas, já que ela ocorreu antes de Balaão na história de Israel (Números 16). Mas o pecado de Coré é mencionado por último nesta passagem por causa de sua tremenda gravidade. Homens que são

apenas ministros de Deus desafiam os mandamentos de Cristo na pretensão de exercer a liderança.

O próprio Senhor é afrontado, nesta situação, e as almas insensatas que seguem aos sucessores de Coré caem em cegueira espiritual e ignorância, e são enganadas ganhando apenas prejuízo espiritual no presente e no futuro. O povo, infelizmente, parece gostar de ter este tipo de prejuízo.

Pessoas deslumbrantemente vestidas, dizendo que fariam tudo pelos outros, encantam a supersticiosa loucura de alguns homens. Quanto mais o estudo da Palavra de Deus é negligenciado, mais homens e mulheres caem nas armadilhas de líderes religiosos. Muitos têm notado pontos de similaridade entre 2 Pedro 2 e a Epístola de Judas e alguns chegam a sugerir que um escritor copiou do outro. Isto não é correto.

Cada escritor escreveu aquilo que o Espírito de Deus lhe concedia, como em qualquer outra parte da Escritura. Pedro trata especificamente da **maldade** dos falsos líderes religiosos (abundantemente provada nas páginas da história da Igreja): Judas, por sua vez, trata da sua **apostasia**.

A “*doutrina de Balaão*” é mencionada diretamente pelo Senhor Jesus em Sua carta à igreja em Pérgamo, em Apocalipse 2.14.

Vamos notar estas diferenças:

- 1 – “*O caminho de Balaão*” – 2 Pedro 2.15;
- 2 – “*O erro de Balaão*” – Judas 11;
- 3 – “*A doutrina de Balaão*” – Apocalipse 2.14.

Pérgamo era uma das sete igrejas na Ásia escolhidas pelo Senhor Jesus, às quais enviou cartas no segundo e terceiro capítulos do Apocalipse.

Sem dúvida, havia igrejas nas cidades mencionadas na época que estas palavras foram dadas pelo Senhor a João, e cada igreja precisava apenas da mensagem que lhe foi enviada, mas estes capítulos fazem parte de um livro profético e eles cabem, portanto, dentro das palavras de nosso Senhor em Apocalipse 1.3: “*Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nelas escritas, pois o tempo está próximo*”.

Os capítulos 2 e 3 têm um caráter tão profético quanto os dezenove capítulos que seguem. Os olhos oniscientes de Deus conheciam os caminhos que a Igreja iria trilhar desde os dias dos apóstolos até a Sua volta. Ele contemplava claridade e escuridão, fidelidade e traição, e Ele deixou tudo claro para aqueles que têm ouvidos para ouvir e que desejam fazer a Sua vontade.

Desta forma, Jesus, “*Aquele que tem a espada afiada de dois gumes*”, disse à igreja em Pérgamo: “*Tenho contra ti alguma coisa, pois*

que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição” (Apocalipse 2.14).

Uma nova fase da diabólica conspiração de Balaão e Balaque contra Israel é aqui exposta. Estes homens se empenharam tentando ordenar as forças da terra e do inferno contra o povo de Deus e os seus esforços foram confundidos e tornados em bênção pelo Senhor Jeová, fiel a Israel.

O episódio se conclui em Números 24.25: *“Então Balaão se levantou e se foi para a sua terra; e também Balaque se foi pelo seu caminho”*. Mas, antes do profeta deixar seu desapontado patrão, ele, aparentemente, fez-lhe uma vil sugestão.

Se Jeová não poderia ser invocado contra o Seu povo, talvez o povo pudesse ser levado a virar as costas a Jeová! Balaão sabia o suficiente sobre Deus para estar certo que, se o povo de Israel fosse levado a pecar, a mão do Senhor cairia sobre eles em juízo. Assim, em Números 25.1-2 lemos: *“Habitando Israel em Sitim, começou o povo a prostituir-se com as filhas dos moabitas. Estas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, inclinou-se aos deuses delas”*.

Balaque foi aconselhado por Balaão a trazer as mulheres de Moabe e, assim, preparar uma armadilha ao frágil povo do Senhor! Moisés ficou atento a isto depois, quando se referiu ao acontecido, reprovando o povo por trazerem todas as mulheres depois de uma batalha contra Midiã. *“Deixastes viver todas as mulheres? Estas que estas, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o Senhor, no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do Senhor”* (Números 31.15-16).

O registro de Números 25.1-9 é dolorosamente solene; uma grande lição está aqui e não deve ser esquecida. Assim como Balaão buscou misturar o povo de Deus com os pagãos numa época passada, assim os ensinadores da doutrina de Balaão trabalham hoje para misturar a Igreja com o mundo e têm obtido, pois um puro testemunho de Deus na terra é abominável a Ele.

Nas igrejas do Apocalipse, Pérgamo vem logo depois de Esmirna. Em Esmirna, nós lemos da perseguição. Em visão profética, isto se refere ao segundo e terceiro séculos da história da Igreja na terra, quando os imperadores, movidos por Satã, tentaram riscar o nome de Cristo deste mundo.

Uma mudança surgiu quando o imperador Constantino professou sua conversão ao Cristianismo, no início do quarto século, e decidiu fazer desta a religião oficial do império.

Temos de ser complacentes com os santos daquela época que haviam, junto com seus ancestrais, por pelo menos 200 anos, sofrido cruelmente pelo nome de Cristo.

Que alívio deve ter sido para eles quando o poder dominante cessou de ser hostil e professou ser amigável! Não era mais perigoso e visto com maus olhos o fato de ser um cristão; pelo contrário, isto se tornara positivamente respeitável e os bispos e pastores foram recebidos pela corte imperial!

Mas as astutas garras de Satã estavam por trás de tudo isso, sendo pouco (ou nada) percebidas pelas massas. Deveria haver, sem dúvida, uma minoria espiritual que percebeu as sérias tendências da mudança de condições e que humildemente buscou graça do alto para conseguir ser fiel e verdadeira ao Senhor. Mas as “massas” cristãs, foram cegadas.

A Igreja não era mais diferente do mudo, infelizmente. Agora, era seu agente e seu aliado. De fato, um teólogo definiu a Igreja da época como “a nação, em seu aspecto religioso”! Não foi à toa que o Senhor Jesus disse a Pérgamo *“conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás”* (Apocalipse 2.13). O trono de Satanás está **no** mundo, do qual ele foi declarado príncipe, desde que o verdadeiro Príncipe foi lançado para fora (João 16.11). Estar no mundo é uma coisa; **habitar** nele, ou seja, **em casa** dele, é uma outra coisa.

Lembramos as penetrantes palavras de Tiago 4.4: *“Adúlteros! Não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus”*.

Relembremos que pertencemos a um grupo de coisas celestiais. A Igreja é uma coisa estranha neste mundo mau. Na tarde anterior à Sua morte o Senhor Jesus disse ao Pai, sendo ouvido pelos discípulos: *“O mundo os odiou porque eles não são do mundo, assim como Eu também não sou. Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. Eles não são do mundo como também Eu não sou”* (João 17.14-16).

Aos discípulos, Ele disse: *“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso o mundo vos odeia”* (João 15.19).

Em todo o Seu ensino, o Senhor buscou prepará-los, não para amizade e aliança com o mundo, mas para a sua hostilidade. Um dos grandes objetivos pelos quais Ele se deu a Si mesmo para morrer foi para que Ele pudesse ter um povo totalmente para Si mesmo, não no futuro, quando necessariamente teremos deixado a terra, mas aqui e agora. Por um alto preço, Ele comprou o tesouro e a pérola; ambos agora são Seus e exclusivamente Seus (Mateus 13.44-46).

O que poderia ser mais claro do que as palavras do apóstolo em Gálatas 1.4? O Senhor Jesus *“se entregou a Si mesmo pelos nossos*

pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a Quem seja a glória pelos séculos do séculos. Amém”.

Em conformidade com isto, ele declara a sua posição definitivamente no capítulo 6 e versículo 14 da mesma Epístola: *“Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo”.*

Aos cristãos hebreus, o escritor da carta disse que Jesus *“para santificar o povo, pelo Seu próprio sangue, sofreu fora da porta”* (Hebreus 13.12). Ele foi para “fora” em Sua extrema graça e Ele deseja que o Seu povo esteja “fora”, junto com Ele (verso 13), confessando que *“não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir”* (verso 14).

Talvez esta pergunta surja em algumas mentes: O que a Escritura quer dizer quando menciona o “mundo”? Ela se refere às frivolidades da carne e às concupiscências e abominações que devemos odiar? A Escritura se refere a mais do que isto.

O termo “mundo” inclui todo o tipo de coisas que Caim e sua família estabeleceram separados de Deus como é descrito em Gênesis 4. Esta ordem de coisas se expandiu e desenvolveu e hoje tem ramificações religiosas, sociais, políticas, comerciais, científicas, entre outras. O “mundo” pode ter diferentes formas de se manifestar em diferentes países, mas o princípio sempre é o mesmo: homens determinados a viverem e agirem de maneira independente da vontade de Deus.

Uma ordem de coisas daqui de baixo que os homens amam e buscam para sua própria ruína eterna, é descrita pelo Santo Espírito em Seu alerta aos santos em 1 João 2.15-17: *“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente”.*

Tal linguagem não deixa nenhuma dúvida e a evasão se torna impossível. O mundo, em todas as suas manifestações, é ofensivo ao Pai e estará um dia sob severo juízo divino.

Talvez alguém pergunte: O Cristianismo não mudou as condições de vida do homem? Será que já não podemos falar de um **mundo cristão**? Pelo contrário, o mundo está mais longe de Deus.

A vida de Cristo e o surgimento da Igreja deixaram toda a situação ainda mais grave do que antes.

Os homens não continuam apenas obstinados como antes, vivendo sua vida sem procurar a Deus, mas, além disso, acrescentaram aos

seus pecados a insensatez da rejeição do Seu Filho amado, dado ao mundo pela graça de Deus.

A sombra da cruz paira sobre todos os empreendimentos humanos e um dia aquele terrível crime será vingado.

Em Gálatas 1.4, o apóstolo se refere à nossa época como a “*era perversa*” (uma tradução melhor do que “*mundo*”) e, em 2 Coríntios 4.4, ele mostra que Satanás é o “*deus deste século*” que cega os olhos dos homens para impedir que o Evangelho da glória de Cristo brilhe no seu interior

Satanás buscou estar no lugar de Deus e nunca antes ele havia sido chamado desta maneira nas Escrituras até que reuniu homens de todas as classes para lançar fora do mundo o Deus manifesto em carne (Atos 4.27) e, depois de matá-lo, subiu ao lugar do Filho rejeitado e age como o deus do mundo.

Aqueles que professam sua aliança com o Senhor Jesus, que confessam dever tudo ao Seu precioso sangue, deveriam apartar-se rigorosamente do mundo e daquilo que lhe pertence e testemunhar do seu mal (João 7.7).

O que há de comum entre partidos políticos, empreendimentos militares, sociedades e sindicatos deste mundo e daquilo que lhe pertence e aqueles que estão desde já em união com o Cristo glorificado nos céus como o Seu corpo e que, em breve, serão levados a Ele como a Sua Noiva, e que estão destinados a reinar com Ele sobre todas as coisas?

A “*doutrina de Balaão*” irá nos derrubar de nossa posição nos lugares celestiais e nos fará rastejar no pó com aqueles cujos interesses são exclusivamente das coisas daqui de baixo.

Uma separação definida é o que combina com o cristão e a promessa do Senhor àqueles que vencerem a “*doutrina de Balaão*”, singularmente doce.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. Isto nos parece extremamente individual! “*Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca e sobre esta pedrinha escrito um novo nome, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe*” (Apocalipse 2.17).

O maná – presente de Deus a Israel durante a sua peregrinação – tipifica Cristo em Sua humilhação. Um ômer do maná tinha sido guardado num vaso de ouro no santuário e deixado diante de Jeová (Êxodo 16.33). Isto sugere que apenas Deus conhece toda a verdade sobre o Homem Jesus Cristo.

Um pouco foi-nos dito nos quatro evangelhos, mas João, quando escrevendo seu livro, disse que, se todas as coisas que Jesus fez e falou

tivessem de ser reveladas, o mundo não conseguiria conter todos os livros que seriam escritos (João 21.25).

A promessa ao vencedor, na carta à igreja em Pérgamo, quer dizer que Aquele que foi perfeito em Sua separação e santificação a Deus, terá ainda muito mais a dizer-nos sobre os Seus maravilhosos passos quando nos levar para casa. E como será delicioso ouvir então a Sua voz!

A pedrinha branca, com o seu nome novo, pessoal e particular para aquele que o recebe, é a expressão da aprovação do Senhor. Ampla recompensa existe para cada um que buscar seguir os Seus passos em santificação para Deus e em obediência à Sua vontade!

As cartas do Apocalipse nos revelam quão rapidamente as doutrinas destrutivas se estabeleceram entre o povo de Deus: a “doutrina dos nicolaítas”, a “doutrina de Balaão” e os ensinamentos maus da profetiza Jezabel.

E isto descreve tanto maldade moral quanto erro doutrinário. Está escrito e devemos lembrar que “*um pouco de fermento leveda toda a massa*” (1 Coríntios 5.6; Gálatas 5.9). Falta de vigilância deixa a porta aberta para este mal (Judas 4).

Que Deus, em Sua infinita misericórdia, nos preserve na pureza moral e doutrinária enquanto nós esperamos pela vinda do Senhor Jesus.

oOo

O juízo de Deus

Um “eclesiástico” disse uma vez a um ardente evangelista: “Você pode dizer o que quiser, mas a sua doutrina de livre graça leva a uma vida sem santificação”.

Tais palavras não devem ser deixadas de lado tão facilmente. Há alguma verdade nelas? Todos aqueles que professam segurança eterna vivem de maneira santa e separada? Ou não é verdade que algumas pessoas falam com a maior confiança sobre sua salvação ao mesmo tempo que seus caminhos merecem severo castigo? Mas será que o remédio para o relaxo espiritual é uma volta completa ao legalismo, com todas as suas nuvens de dúvidas ou medos?

É importante que a verdade esteja em equilíbrio em nossas mentes. Ensino que pende apenas para um dos lados da questão não pode esperar bom resultado. Existem as duas faces da mesma verdade que

devem ser por nós guardadas com igual firmeza – a graça de Deus e o governo de Deus.

Ambas são encontradas tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, seja em conexão com Seu povo da terra ou com os santos celestiais.

A graça de Deus para com Israel brilhou em todas as palavras de Balaão, especialmente em Números 23.21, quando ele disse: “Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou perversidade em Israel”. Nada iria mudar isto. A maravilhosa graça do Senhor podia ser encontrada no sangue do cordeiro pascal e também no sangue da expiação que sempre estava presente no propiciatório.

Todas estas coisas falavam de Cristo a Deus. Mas quão grande é o contraste entre Números 23.21 e o capítulo 25 e verso 4: “Disse o Senhor a Moisés: Toma todos os cabeças do povo, e enforca-os ao Senhor ao ar livre, e a ardente ira do Senhor se retirará de Israel”. Nesta terrível passagem, não vemos a graça de Deus, mas o Seu governo – sempre justo e sempre santo. O povo se havia comportado de maneira extremamente má. Israel, que deveria permanecer santo e não ser contado entre as nações, havia abandonado sua posição de separação para Deus e, rapidamente, tinha esquecido sua especial relação com Ele. Eles haviam descido ao nível dos pagãos moabitas.

Haviam cometido prostituição com as mulheres de Moabe e de Midiã e estavam adorando aos seus deuses. Não estavam sendo piores do que as pessoas à sua volta, e não estavam sendo escandalosos aos olhos de Balaque e seus príncipes, mas o povo de Deus não deve “*andar como também andam os gentios*” (Efésios 4.17).

Esta é uma verdade em todas as dispensações. Israel, tendo um relacionamento direto e especial com o Senhor, ficou debaixo de sua mão em disciplina. Lemos sobre suas palavras em uma época posterior na história da nação: “*Ouvi a palavra que o Senhor fala contra vós outros, filhos de Israel, contra toda a família que fiz subir do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi, portanto Eu vos punirei por todas as vossas iniquidades*” (Amós 3.1-2).

Nada poderia ser mais justo do que este princípio. Deus não poderia simplesmente esquecer as faltas do povo a quem favorecera tanto. Homens frequentemente fazem isto, mas Deus é sempre justo. Se Deus não fosse justo para com o Seu povo, como poderia julgar o mundo? E não nos devemos esquecer que os principados e poderes nos lugares celestiais observam com interesse os Seus caminhos com os filhos dos homens (Efésios 3.10; 1 Pedro 1.12).

Os atos vis registrados em Números 25 constituem um capítulo particularmente negro na história da peregrinação de Israel e eles fizeram descer sobre o povo um castigo também particularmente severo.

Em trechos posteriores da Escritura, Baal-Peor é mencionado em termos da maior gravidade (Josué 22.17; Salmos 106.28; Oseias 9.10; 1 Coríntios 10.8). Numa única ocasião, 24 mil israelitas pereceram debaixo das mãos de Deus!

O princípio divino enunciado em Amós 3.1-2 é a explicação para os terríveis sofrimentos pelos quais Israel passa durante séculos – sofrimentos sem par na história das outras nações. E o fim ainda não chegou; o pior está por vir.

Mas quando Israel emergir humilhado e quebrantado pela tribulação final, o povo conhecerá a justiça dos juízos de Deus. Eles não mais se gabarão pela Lei, mas irão apreciar Sua graça, plenamente manifesta na Pessoa rejeitada de Cristo. Assim, eles estarão prontos para tomarem seu verdadeiro lugar como cabeça das nações, orientando-as em caminhos de justiça e paz.

As transgressões de Israel em Baal-Peor e o juízo de Deus caindo sobre o povo em castigo, são especialmente mencionados em 1 Coríntios 10 como um aviso a todos que se chamam pelo Nome dos Senhor nestes dias. As palavras do apóstolo são profundamente solenes: *“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado. Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia”* (versos 11 e 12). O valor espiritual das histórias do Antigo Testamento é aqui enfatizado e isto é reforçado em Romanos 15.4.

Esta duas linhas da verdade – a graça de Deus e o governo de Deus – que podem ser encontradas no livro de Números são também vistas na Primeira Epístola aos Coríntios.

A condição espiritual da assembleia em Corinto era deplorável quando Paulo escreveu esta carta. Praticamente todas as formas de mal estavam ativas ali: disputas partidárias (capítulo 1), imoralidade (capítulo 5), litígio em tribunais mundanos (capítulo 6), alguns comendo e bebendo em templos idólatras (capítulo 10), glotonaria na Ceia do Senhor (capítulo 11), desordem no uso de alguns dons (capítulo 14) e doutrinas perigosas quanto à ressurreição (capítulo 15).

Além de tudo isso, devemos também adicionar os sentimentos impróprios de ingratidão e desconfiança que eles tinham em relação ao homem que os levara a Cristo.

Mesmo assim, com todos estes problemas, o apóstolo se dirigiu a eles como *“igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos”* (1 Coríntios 1.2). Aqui vemos a graça de Deus fortemente manifesta. Em 3.9, Paulo acrescenta: *“Lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós”*.

Estas maravilhosas figuras descreviam os discípulos coríntios **coletivamente**. Deus havia feito isto deles em Sua graça e Paulo fizera

deles por causa de Cristo e Seu sacrifício formava a base sólida para as repreensões e pedidos que ele faria em sequência.

No capítulo 6, a graça de Deus aos coríntios **individualmente** é mostrada. Devemos lembrar que maioria dos santos na igreja em Corinto era de gentios; os judeus não eram muito numerosos entre eles. Os gregos daquele tempo eram, sem dúvida, educados e instruídos. Suas obras de arte são admiradas pelos homens até hoje. Mas, junto com tudo isto, havia uma profunda degradação moral, fruto da idolatria que havia coberto a terra por séculos.

Paulo foi divinamente encorajado a perseverar em seu serviço em Corinto, apesar da oposição. O Senhor disse a ele: *“Tenho muito povo nesta cidade”* (Atos 18.10). Entre a terrível imundície de Corinto, ele achou pérolas para a glória do seu Senhor para sempre.

Entretanto, as coisas não estavam indo muito bem ali. Paulo não sentiu que Deus queria que ele construísse uma casa para si mesmo em Corinto e se estabelecesse entre os crentes.

Ele juntou-os como igreja, instruiu-os quanto aos seus novos privilégios e deveres e deixou-os à sua própria responsabilidade, certo de que o Espírito Santo estaria cuidando deles, se eles O buscassem com fé.

Nisto, os coríntios falharam, haja visto a tristeza com a qual o apóstolo lhes escreveu sua primeira carta. Apesar de terem falhado, ele mostrou a graça de Deus intensamente no capítulo 6 e versículo 11, depois de mencionar alguns dos males mais abomináveis nos quais alguns em Corinto se haviam afundado: *“Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavaste, mas fostes santificados, mas fostes justificados, e o Nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”*.

O coríntios poderiam ter louvado a Deus, depois de apreciarem tais verdades, com palavras como estas:

“Ó Deus de inigualável graça,
Cantamos ao Teu Nome!
Permanecemos firmes no lugar
Que somente cabe a Cristo.
Nossos corações ouviram a Tua voz
E em Tua misericórdia nos alegramos.

O Teu prazer apropriadamente
Está sobre o Teu Filho!
Pois Tu nos colocaste à Tua vista
Nele, o Teu santo!
Teu perfeito amor tirou de nós o temor.
Teu favor brilha sobre nós aqui!”

(H. K. Burlingham)

Uma outra preciosa demonstração de graça é encontrada no versículo 19 do capítulo 6: *“Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Pois fostes comprados por preço”*. As palavras *“não sabeis”*, repetidas seis vezes neste capítulo, querem fazer lembrar aos coríntios as grandes verdades que aprenderam, mas que estavam deixando escapar de suas mentes. É um terrível perigo que isto também aconteça conosco!

Assim como, nos dias de Balaão, as transgressões do povo de Israel ofendiam a Deus, *“povo que Lhe é chegado”* (Salmos 148.14), assim também os pecados dos santos de Corinto, um povo ainda mais perto do Senhor e mais ricamente abençoado do que Israel sequer imaginava, ofendiam ao Senhor. Em ambos os casos, o castigo da parte de Deus veio.

Paulo lembrou aos coríntios que os santos iriam julgar o mundo, e até mesmo os anjos, num tempo futuro (1 Coríntios 6.2-3). Com tal ensino diante de nós, devemos nós em nossos caminhos descer ao nível do mundo?

Em advertência aos colosseses, sobre a corrupção da carne, o apóstolo disse: *“Por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Ora, nestas mesmas coisas andastes vós também, noutra tempo, quando vivíeis nelas”* (Colossenses 3.6-7). Ele escreveu palavras semelhantes aos efésios, no capítulo 5 e verso 6. A ira de Deus não cai sobre os santos, não importa quão culpados eles sejam (o sangue de Cristo os livra da ira divina), mas o juízo de Deus, na forma de castigo, é certo sobre nós, se nós mesmos não nos julgarmos.

Alguns, da igreja em Corinto, estavam provando a verdade destas palavras. *“Eis a razão porque há entre vós muitos fracos e doentes, e não poucos que dormem”* (1 Coríntios 11.30). A sua conduta não era necessariamente pior do que a daqueles que os cercavam.

Naquela cidade portuária, multidões cometiam todos os pecados condenados na Epístola de Paulo, apesar de às vezes nem sempre as mãos de Deus caírem sobre elas em castigo da maneira descrita por Paulo neste último verso.

Os pecados dos incrédulos são todos registrados em livros e terão o seu castigo no dia do julgamento do Grande Trono Branco (Apocalipse 20.12). Os redimidos de Deus não estarão ali, tendo sido glorificados muito tempo antes desse evento. Nosso julgamento é aqui e agora, *“para não sermos condenados com o mundo”* (1 Coríntios 11.32).

O governo de Deus é um dos principais temas dos escritos de Pedro. Em sua Primeira Epístola aos santos, o apóstolo Pedro diz: *“Ora,*

se invocais como Pai Aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação” (1 Pedro 1.17).

Pais, jovens, crianças, pregadores e ensinadores, com seus ouvintes, todos vivem debaixo dos olhos do Pai, que toma nota de todos os nossos caminhos. Um andar cuidadoso é posto diante de nós. O “tempo da nossa peregrinação” tem os seus perigos e a mão santa do nosso Pai nos corrige quando precisamos.

No capítulo 4, Pedro diz: *“Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada” (“cuja casa somos nós” – Hebreus 3.6). “Ora, se primeiro vem por nós, qual serão fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus?” (verso 17).*

Nos dias de Ezequiel, quando o Senhor não mais se pôde conter e foi constrangido a castigar, Ele disse: *“Começai pelo Meu santuário” (Ezequiel 9.6). Quando Nadabe e Abiú morreram por oferecerem fogo estranho perante o Senhor, Moisés disse a Arão: “Isto é o que o Senhor disse: Mostrarei a Minha santidade naqueles que se chegarem a Mim, e serei glorificado diante de todo o povo” (Levítico 10.3).*

Em cada dispensação *“Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que O rodeiam” (Salmos 89.7).* Os irmãos coríntios esqueceram disso e, por sua causa, lhes sobrevieram tais calamidades, como santo governo de Deus. Se nós nos tornamos indiferentes quanto à Sua glória, Ele irá tratar do assunto pessoalmente, vindicando sobre nós o Seu grande Nome.

Pedro levantou uma grande questão neste assunto: *“Qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus? E, se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?” (1 Pedro 4.17-18).*

A pergunta é respondida na sua Segunda Epístola: *“Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios... O dia do Senhor virá como ladrão, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2 Pedro 3.7-10).*

Assim, nenhum mal será poupado. O juízo de Deus é certo sobre os perdidos e santos, igualmente. Para os primeiros, é irrevogável ruína; para os outros, é um castigo no presente, para que possamos ser participante da santidade dAquele que nos repreende (Hebreus 12.10).

A vida do crente num mundo mau, com uma natureza má dentro de si sempre pronta a responder à maldade do mundo à sua volta, não é fácil. De fato, é impossível vivermos separados da graça sustentadora (Mateus 19.26). Mas a alma humilde e cheia de fé nada tem a temer.

Maior é o poder do Santo Espírito que está nela do que todo o poder que pode ser levantado contra ela (1 João 4.4). A glorificação é tão certa para o crente em Jesus como o juízo eterno é certo para todo aquele que *“não obedece ao Evangelho de Deus”*.

Que importantes verdades foram abertas diante de nós na antiga história de Balaão, o filho de Beor!

(1) A soberana graça de Deus, que não será eternamente afetada nem pela malícia do inimigo, nem pela infidelidade do povo de Deus! Isto foi proclamado por lábios hostis, no terreno inimigo, aos ouvidos daquele que pretendia destruir o povo de Deus!

(2) O justo juízo de Deus contra aqueles que foram por Ele aproximados a Si mesmo.

(3) O inveterado (porém fútil) ódio dos poderes das trevas contra os objetos do favor divino.

(4) O atento interesse de Deus nos Seus, mesmo quando se desviam dos passos da santidade. Sem ser chamado, Ele coloca-se entre o Seu povo e aqueles que queriam causar-lhes dano.

“Bendito seja Deus, o nosso Deus”.

.oOo.